Em *Intriga e Amor* [illegible] burguesia [illegible] mais [illegible] social com [illegible] intuitivo [illegible] trágico [illegible] tentativa [illegible]

Este [illegible]

Emília Amaral

ISBN 85-7335-129-2

Intriga e Amor

Uma Tragédia Burguesa em Cinco Atos

Friedrich Schiller

Tradução e posfácio
Mario Luiz Frungillo

Quando morreu, há exatos duzentos anos, em maio de 1805, JOHANN FRIEDRICH SCHILLER já era o grande escritor do período áureo da literatura alemã, ao lado de seu amigo Goethe – com quem, aliás, construiu uma impressionante correspondência.
Inicialmente escreveu teatro em prosa, dentro do tumultuoso espírito do *Sturm und Drang*. *Intriga e amor* (1784) é sua última peça desse período, e seu trabalho seguinte, *Don Carlos* (1787), tragédia histórica escrita em versos brancos, já deixa clara sua ligação com o Classicismo.
Durante vários anos dedicou-se aos estudos históricos, voltando ao teatro apenas em 1790 com uma grande trilogia, também de caráter histórico, *Wallenstein*, à qual se seguiria a peça que alguns críticos consideram sua peça de maior força no palco: *Maria Stuart* (1791).
Filho da pequena burguesia num país dominado pelo Absolutismo, produziu uma obra que, segundo Otto Maria Carpeaux, educou o pequeno-burguês para a ação histórica e teve uma influência que subsiste até hoje.

MARIO LUIZ FRUNGILLO é professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Goiás.

INTRIGA E AMOR

UMA TRAGÉDIA BURGUESA EM CINCO ATOS

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Reitor
Carlos Augusto Moreira Júnior

Vice-Reitora
Maria Tarcisa Silva Bega

Diretor da Editora UFPR
Luís Gonçales Bueno de Camargo

Conselho Editorial
Elias Karam Júnior
Eneida Kuchpil
José Antonio Gediel
José Carlos Cifuentes
Liliana María Labronici
Luís Lopes Diniz Filho
Luiz Ernandes Kozicki
Marcus Levy Albino Bencostta
Maria Benigna M. de Oliveira
Marilene Weinhardt
Ricardo Mendes Júnior
Wilson da Silva Spinosa

Intriga e Amor

Uma Tragédia Burguesa em Cinco Atos

Friedrich Schiller

Tradução de
Mario Luiz Frungillo

Editora UFPR

Intriga e Amor

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
Rachel Cristina Pavim

Revisão
Luís Camargo

Tradução
Mario Luiz Frungillo

Revisão final
do Tradutor

Ilustração da capa
Detalhe de *As irmãs Elizabeth e Mary Lindley* (ca. 1772),
de Thomas Gainsborough (1727-1788)

Série Outras Letras, n. 1

A logomarca da série Outras Letras é um desenho de Patrícia Cardoso
a partir de um detalhe do painel de Poty para a fachada do Teatro Guaíra

Coordenação de Processos Técnicos. Sistema de Biblioteca. UFPR.

Schiller, Friedrich, 1759-1805.
Intriga e amor: uma tragédia burguesa em cinco atos / Friedrich Schiller; tradução de Mario Luiz Frungillo. – Curitiba : Ed. UFPR, 2005.
156p. – (Outras letras; n.1)
ISBN Título original: Kabale und Liebe
1. Literatura alemã. I. Título.

CDD832

Andrea Carolina Grohs CRB 9/1.384

ISBN 85-7335-129-2
Ref. 392

Direitos desta edição reservados à

Editora da UFPR
Centro Politécnico – Jardim das Américas
Tel./fax (41) 361-3380 / 361-3675
Caixa Postal 19.029
81531-980 – Curitiba – Paraná – Brasil
editora@ufpr.br
www.editora.ufpr.br
2005

Sumário

Primeiro Ato / 9

Segundo Ato / 35

Terceiro Ato / 65

Quarto Ato / 93

Quinto Ato / 115

Posfácio / 147

FRIEDRICH SCHILLER

INTRIGA E AMOR

Uma tragédia burguesa em cinco atos

PERSONAGENS

Presidente von Walter, Primeiro-ministro na corte de um príncipe alemão

Ferdinand, seu filho, major

Marechal da corte[1] von Kalb

Lady Milford, favorita do príncipe

Wurm, secretário particular do presidente

Miller, músico, membro da corporação dos músicos da cidade

Sua esposa

Luise, sua filha

Sophie, camareira de Lady Milford

Um camareiro do príncipe

Diversas personagens secundárias

[1] Em alemão, *Hofmarschall*. Não se trata de um posto na hierarquia militar, como se pode ver no decorrer da peça. O *Hofmarschall* von Kalb desempenha as funções de mordomo e chefe do cerimonial do duque.

Primeiro Ato

Cena I

Sala na casa do músico

Miller acaba de se levantar de uma poltrona e coloca seu violoncelo de lado.
A Sra. Miller está sentada à mesa, ainda de camisola, e toma café.

Miller (*andando de um lado para o outro*)

De uma vez por todas! A coisa está ficando séria. Vai haver o maior falatório sobre minha filha e o barão. Minha casa ficará mal-afamada. O presidente vai ficar sabendo de tudo e – enfim: eu ponho o rapaz da porta para fora.

Sra. Miller

Mas não foste tu que o atraíste a tua casa – e muito menos atiraste a menina nos braços dele.

Miller

Não o atraí a minha casa – não atirei a menina nos braços dele. E quem vai querer saber? – Eu era o senhor da casa! Eu deveria ter advertido minha filha. Ter dito tudo na cara do major – ou ter posto Sua Excelência, o senhor papai, ao par de tudo. No fim, o barãozinho ainda se safa com um simples puxão de orelhas e toda a tempestade desaba na cabeça do músico.

Sra. Miller (*esvaziando a xícara de café*)

Bobagem! Conversa fiada! O que pode desabar na tua cabeça? De que podem te acusar? Tu só exerces tua profissão e buscas teus alunos onde quer que eles estejam.

Miller

Mas, dize: o que esperar desse negócio todo? Casar com a menina ele não pode – Em casamento, nem pensar. Fazer dela sua... misericórdia! Adeus! Claro, quando um

Senhor von desses já rodou por todo canto, experimentou o diabo sabe o quê, pode bem lhe dar na telha de provar água doce para variar. Presta atenção! Presta atenção! Mesmo que espies por todas as frestas e consigas ficar de olho em cada gota de sangue dela, ele ainda a leva na conversa diante de teu nariz, faz-lhe um filho, cai fora, a menina fica desonrada para o resto da vida, acaba solteirona ou toma gosto pelo ofício e não o deixa mais. *(Batendo com os punhos na testa)* Jesus Cristo!

SRA. MILLER

Deus nos livre!

MILLER

Tem bem do que nos livrar! Que outra intenção pode ter um traquinas desses? A menina é bonita – esbelta – tem um andar gracioso. Sob o telhado pode ser como for. Ninguém olha o que as mulheres têm no andar de cima, desde que o bom Deus não tenha deixado faltar nada no térreo. Se o meu doidivanas já tiver remexido esse capítulo todo – Opa! Fica aceso como Rodney[2] ao farejar um francês, e então – atacar, a toda vela! E – eu não o culpo. A carne é fraca. Eu sei disso muito bem.

SRA. MILLER

Se tivesses lido os lindos bilhetes que o Senhor Barão escreveu a tua filha... Bom Deus! Por eles se pode ver, claro como o sol, que é apenas a bela alma dela que lhe importa.

MILLER

Essa é a melhor de todas! Bate-se na carga para atingir o burro. Quem quiser enviar um recado à bela carne só precisa usar o bom coração como mensageiro. Como foi que eu fiz? Assim que se tem a certeza de que as almas dizem: "Feito!" – zás! Os corpos seguem o exemplo, a criadagem faz como os patrões e no fim a lua de prata é que serviu de alcoviteira.

[2] Georges Brydges Rodney (1718-1792), almirante inglês. Lutou na guerra colonial entre Inglaterra e França e derrotou os franceses em Santo Domingo, em 1782.

SRA. MILLER

Dá só uma olhada nos magníficos livros que o major nos trouxe. Tua filha costuma rezar por eles.

MILLER *(assovia)*

Ora, ora! Rezar! Acertaste em cheio. As iguarias brutas da natureza são pesadas demais para o fino estômago de Sua Excelência – é preciso antes apurá-las na pestilenta cozinha dos fazedores de romances. Para o fogo com essa tralha. E a menina engole – sabe Deus como – essas sublimes tolices, que lhe entram no sangue como cantáridas[3] e põem abaixo o pouco de cristianismo que o pai mantinha em pé com o maior esforço. Para o fogo, eu torno a dizer. Ela enfia toda essa coisa diabólica na cabeça e, depois de vaguear por toda a Cocanha, não encontra mais o caminho de volta para sua terra natal, esquece, envergonha-se de que seu pai seja o violoncelista Miller e ainda acaba por recusar algum genro excelente e honrado que me apresentasse suas boas intenções. Não! Deus me maldiga! *(Levanta-se agitado)*. É preciso pôr um fim nessa confusão toda e mostrar ao major – sim, sim, ao major – onde foi que o mestre carpinteiro instalou a porta da rua. *(vai sair)*

SRA. MILLER

Sê bem educado, Miller. Quantos bons tostões os belos presentes que ele nos deu já não nos...

MILLER *(volta e pára diante dela)*

Pagos com o sangue da minha filha? – Vai para o diabo, alcoviteira infame! – Eu prefiro ir mendigar com meu instrumento, tocar a troco de comida – eu prefiro quebrar meu violoncelo e carregar lama com o fundo da caixa de ressonância a me alimentar com o dinheiro que minha filha ganhar ao preço de sua alma e de sua bem-aventurança. Renuncia ao maldito café e ao rapé, que não precisarás expor o rosto dela no mercado. Eu sempre comi o bastante e sempre tive uma boa camisa

[3] Inseto do qual se extraía uma substância afrodisíaca.

para vestir sem que algum maldito tratante viesse meter o nariz na minha casa.

SRA. MILLER

Não vás agora botar a casa abaixo. Estás cozinhando de raiva. Eu só quis dizer que não devemos desgostar o major porque ele é o filho do presidente.

MILLER

Aí é que está. Por isso, justamente por isso, a coisa tem de ser resolvida ainda hoje. Se o presidente for um pai às direitas, ele ainda me agradecerá. Vai, escova minha casaca vermelha de veludo que eu vou me anunciar a Sua Excelência. Eu direi a Sua Excelência: seu filho está de olho na minha filha; minha filha não é boa o bastante para ser esposa do seu filho, mas é boa demais para ser puta dele. Ponto final! Meu nome é Miller.

CENA II

O secretário Wurm. Os mesmos da cena anterior.

SRA. MILLER

Ah! Bom dia, Senhor Secretário. Temos de novo o prazer da sua visita?

WURM

O prazer é todo meu, comadre, todo meu. Onde um conviva nobre recebe as honras da casa, um burguês como eu não pode reivindicá-las para si.

SRA. MILLER

O que está dizendo, Senhor Secretário? Sua Excelência, o Major von Walter vez por outra nos faz a bondade, mas não desprezamos ninguém por isso.

MILLER *(aborrecido)*

Uma cadeira para o Secretário, mulher. Esteja à vontade, patrício.

WURM *(põe de lado o chapéu e a bengala e senta-se)*

Muito bem, muito bem. E como está minha futura – ou ex? Espero que não... – pode-se ver a Senhorita Luise?

SRA. MILLER

Obrigada por perguntar, Senhor Secretário. Mas minha filha não é nada arrogante.

MILLER *(irritado, dá-lhe uma cotovelada)*

Mulher!

SRA. MILLER

Mas eu lamento que ela não possa ter a honra de recebê-lo, Senhor Secretário. Minha filha foi à missa.

WURM

Alegra-me sabê-lo, alegra-me. Terei nela uma esposa cristã, devota.

SRA. MILLER *(com um sorriso de tola distinção)*

Sim – mas, Senhor Secretário...

MILLER *(com visível constrangimento, belisca-lhe a orelha)*

Mulher!

SRA. MILLER

Se nossa casa puder servi-lo em qualquer outra coisa – será um prazer, Senhor Secretário.

WURM *(com um olhar cheio de falsidade)*

Em qualquer outra coisa! Muito obrigado, muito obrigado. Hum, hum, hum.

SRA. MILLER

Mas – como o Senhor Secretário mesmo pode ver...

MILLER *(com raiva, bate-lhe no traseiro)*

Mulher!

SRA. MILLER

Bom é bom, melhor é melhor, e ninguém quer servir de empecilho à felicidade de sua única filha. *(Com orgulho*

rústico) O Senhor está me compreendendo, Senhor Secretário?

WURM *(remexe-se inquieto na poltrona, coça-se atrás da orelha e repuxa os punhos e o colarinho)*

Compreender? Não de todo – Oh! sim – o que a senhora quer dizer, mesmo?

SRA. MILLER

Ora – ora – eu só estava pensando – eu só quero dizer que *(pigarreia)*, já que o bom Deus quer por força fazer de minha filha uma grande dama...

WURM *(levantando-se)*

O que a senhora está dizendo? O quê?

MILLER

Fique sentado, fique sentado, Senhor Secretário. A mulher é uma pata choca. Não sei de onde ela tirou essa idéia de grande dama. Essa conversa fiada é só uma amostra da sua burrice.

SRA. MILLER

Podes me injuriar à vontade. O que eu sei, eu sei – e o que o senhor major disse está dito.

MILLER *(furioso, dá um salto e pega o violoncelo)*

Queres calar a boca? Ou queres levar o *cello* na cachola? – O que podes saber? – O que ele pode ter dito? – Não dê atenção ao falatório dela, patrício. – Vai para a cozinha! – O senhor não me tome por algum doido varrido que fica fazendo castelos no ar com o futuro da filha. Não vá pensar isso de mim, senhor secretário.

WURM

Eu também não merecia isso do senhor, maestro. Eu sempre o tive por um homem de palavra, e minhas pretensões com relação a sua filha me pareciam garantidas. Eu tenho um cargo que pode me assegurar uma situação de vida razoável, o presidente tem consideração por mim, recomendações não me faltam caso eu pretenda uma promoção. O senhor vê que

minhas intenções com relação à Senhorita Luise são sérias, mas se elas foram superadas por um nobre leviano...

SRA. MILLER

Senhor Secretário Wurm! Mais respeito, por favor...

MILLER

Cala a boca, eu já disse. – Não lhe dê ouvidos, patrício. Tudo continua como antes. A resposta que lhe dei no outono passado, eu a repito hoje. Não obrigo minha filha a nada. Se o senhor a agrada – muito bom, muito bem – ela que trate de ser feliz com o senhor. Se ela balançar a cabeça – melhor ainda ... – Em nome de Deus, eu lhe digo – conforme-se com a recusa, e beba uma garrafa com o pai dela. – É a menina que terá de viver com o senhor – não eu. Por que eu deveria, por pura e simples teimosia, atirar-lhe nos braços um marido que não é do gosto dela? – Para que o diabo não me dê sossego nos meus dias de velhice – para que junto com cada copo de vinho, com cada prato de sopa eu tenha de engolir: "Tu és um patife que levaste tua filha à ruína"?

SRA. MILLER

E, numa palavra: eu não darei meu consentimento em hipótese alguma. Minha filha merece uma coisa melhor, e, se meu marido não se deixar convencer, eu recorrerei ao tribunal.

MILLER

Queres que eu te moa os ossos, linguaruda?

WURM *(a Miller)*

O conselho de um pai conta muito para uma filha, e eu espero que o senhor me conheça, Senhor Miller.

MILLER

Raios o partam! A menina é que tem de conhecê-lo. O que um velho resmungão como eu pode ver no senhor não é nenhum manjar para uma moça de paladar exigente. Por um fio dos seus cabelos eu posso dizer se

o Senhor é um homem para a orquestra – mas uma alma de mulher é complicada demais mesmo para o maestro. – E, para me tirar logo este peso do peito, senhor patrício – eu sou mesmo um alemão rude e direto – o senhor teria poucos motivos para agradecer o meu conselho. Eu não recomendaria ninguém a minha filha, mas eu a desaconselharia a aceitá-lo. Deixe-me terminar. A um pretendente que pede auxílio ao pai – desculpe-me – eu não entregaria uma avelã oca. Se ele tiver algum valor, ele se envergonhará de apresentar seus méritos a sua amada desta maneira ultrapassada. – Se lhe falta a coragem de apresentar-se, ele não passa de um coelho assustado, e não é para um desses que Luise foi criada. – Aí está. Ele tem de fazer a corte à menina pelas costas do pai. Ele tem de fazer com que ela prefira mandar pai e mãe para o diabo a deixá-lo ir – ou que ela venha se atirar aos pés do pai e pedir pelo amor de Deus a peste negra ou o dono do seu coração. – Isto é o que eu chamo um homem de verdade! Isto é que é amar! – E quem não pode conseguir isso de uma mulher, este... – que vá cavalgar sua pena de ganso.

WURM *(tomando o chapéu e a bengala e saindo da sala)*

Fico-lhe muito obrigado, Senhor Miller.

MILLER *(seguindo-o)*

Por quê? Por quê? Fui-lhe de pouco proveito, Senhor Secretário. *(Voltando)* Não ouve nada e vai embora... – Ter esse escrevinhador diante de mim é como tomar veneno. Um sujeitinho baixo e reles, trazido a este mundo de meu Deus por algum contrabandista – Os olhinhos matreiros de camundongo – os cabelos vermelhos – o queixo pontudo, como se a natureza, irritada com o trabalho perdido com esse inútil, o tivesse agarrado por ali e atirado a um canto. – Não! Antes de entregar minha filha a um velhaco desses, eu prefiro que ela... Deus me perdoe!...

SRA. MILLER *(cospe, com raiva)*

Cachorro! – Mas nós cuidaremos para que fiques de mãos vazias.

MILLER

E tu também me deixaste fulo de raiva com teu fidalgo pestilento. – Por Deus, nunca és mais burra do que quando terias de ser inteligente. Que conversa foi aquela de tua filha ser uma grande dama? E justo para quem! Se queres que algo seja anunciado amanhã na Praça do Mercado é só colocá-lo diante do nariz dele. É um daqueles senhores que vão farejar a casa dos outros, dar palpites na adega e na cozinha e, assim que deixas escapar uma palavra – Bum! Ele a leva ao príncipe, à amante do príncipe e ao presidente, e toda a tempestade cai sobre a tua cabeça.

CENA III

Luise Miller entra, com um livro na mão.
Os mesmos da cena anterior.

LUISE *(coloca o livro sobre a mesa, vai ao encontro de Miller e aperta-lhe a mão)*

Bom dia, pai querido.

MILLER *(calidamente)*

Muito bem, minha Luise. Alegra-me que te lembres de teu Criador com tanta devoção. Continua assim, e seu braço te sustentará.

LUISE

Oh! pai, eu sou uma grande pecadora – Ele esteve aqui, mãe?

SRA. MILLER

Quem, minha filha?

LUISE

Ah! eu havia me esquecido de que existem outras pessoas além dele – Minha cabeça está tão vazia – Ele não esteve aqui? Walter?

MILLER *(triste e sério)*

Eu pensei que minha Luise tivesse esquecido esse nome na igreja.

LUISE *(depois de olhá-lo fixamente durante algum tempo)*

Eu o compreendo, pai – sinto o punhal que o senhor me crava na consciência; mas é tarde demais. – Eu não tenho mais devoção, pai – o céu e Ferdinand disputam entre si minha alma que sangra dilacerada, e eu temo – eu temo – *(depois de uma pausa)* Mas não, meu bom pai. Não é quando o negligenciamos em favor de sua pintura que o artista se sente mais louvado? – Deus não se alegrará, meu pai, se o prazer de contemplar sua obra-prima me fizer esquecer dele?

MILLER *(atira-se a uma cadeira, contrariado)*

Aí está. Eis aí os frutos das desventuradas leituras.

LUISE *(aproxima-se de uma janela, inquieta)*

Onde estará ele agora? – As moças distintas que o vêem – o ouvem... Eu sou uma moça insignificante, esquecida. *(Assusta-se com esta palavra e corre até onde está o pai)* Mas não, não! Perdoe-me. Eu não choro pelo meu destino. O que eu quero é tão pouco... – pensar nele – não custa nada. Este pouco de vida – pudesse eu expirá-lo num sopro leve e caricioso para refrescar o seu rosto! – Se esta florzinha, a juventude, fosse uma violeta que ele pisasse, ela morreria humildemente sob seus pés. – Isso me seria bastante, pai. Pode o sol majestoso castigar o mosquito que se aquece à sua luz?

MILLER *(apóia-se comovido no braço de sua poltrona e cobre o rosto)*

Ouve, Luise – eu daria os poucos anos que me restam de vida para que nunca tivesses posto os olhos no major.

LUISE *(assustada)*

O que o senhor está dizendo? O quê? – Não! Ele quer dizer outra coisa, meu bom pai. Ele não sabe ainda que Ferdinand é meu, feito para mim, para minha alegria, pelo Pai dos amantes. *(Depois de uma pausa meditativa)* Quando eu o vi pela primeira vez *(rápido)*

– e o sangue me subiu às faces, o coração pulsou mais alegre a cada batida, cada onda de rubor falou, cada hálito sussurrou: "É ele" – e meu coração reconheceu o sempre-esperado – e confirmou : "É ele" – e o mundo inteiro o ecoou, solidário com minha alegria. Oh! naquele dia irrompeu a primeira aurora na minha alma. Mil novos sentimentos brotaram do meu coração, como as flores brotam da terra quando chega a primavera. Eu não via mais o mundo, mas nunca antes ele me parecera tão belo. Eu não conhecia mais nenhum Deus, mas nunca antes o amara tanto quanto naquele momento.

MILLER *(corre para ela e a aperta contra o peito)*

Luise – minha filha querida, maravilhosa – aqui tens a minha velha cabeça cansada – pede tudo o que quiseres – tudo! Mas o major – Deus é testemunha – eu nunca poderei dá-lo a ti. *(Sai)*

LUISE

Nem eu o quero agora, pai. Esta pobre gota de orvalho que é nosso tempo de vida – um único sonho com Ferdinand a beberia toda com volúpia. Eu renuncio a ele nesta vida. Então, mãe – quando a barreira da desigualdade cair – quando esta odiosa diferença de condição se descolar de nós como uma casca – e os homens forem apenas homens – eu não levarei nada comigo a não ser minha inocência, mas o pai disse tantas vezes que, quando Deus vier, o luxo e os títulos grandiosos pouco valerão, enquanto o valor dos corações aumentará. Então eu serei rica. Lá as lágrimas valem tanto como os triunfos, e os belos pensamentos tanto como uma linhagem ilustre. Então eu serei distinta, mãe – em que ele ainda será superior a sua amada?

SRA. MILLER *(levantando-se)*

Luise! O major está agora mesmo atravessando a rua! Onde vou me esconder?

LUISE *(começa a tremer)*

Fique aqui, mãe.

SRA. MILLER

Meu Deus! Neste estado? Eu teria vergonha. Não posso me apresentar assim diante de Sua Excelência. *(Sai)*

CENA IV

Ferdinand von Walter. Luise

Ele voa ao encontro dela – ela se afunda numa poltrona, pálida e abatida – ele se detém diante dela – os dois olham-se calados durante algum tempo. Pausa.

FERDINAND

Estás pálida, Luise?

LUISE *(levanta-se e enlaça-lhe o pescoço)*

Não é nada. Nada. Estás aqui. Já passou.

FERDINAND *(toma-lhe a mão e a leva aos lábios)*

E minha Luise ainda me ama? Meu coração ainda é o mesmo de ontem; o teu também? Eu vim voando ver se estavas alegre, para ir-me alegre também – e tu não estás.

LUISE

Oh! estou sim, meu amor.

FERDINAND

Fala a verdade. Não estás. Posso ver através de tua alma como através da água transparente deste brilhante *(mostra o anel)*. Nenhuma bolha surge aqui que eu não note – nenhum pensamento que transpareça nesta face me escapa. O que tens? Dize! Se eu sei que esse espelho está límpido, nenhuma nuvem passa sobre o mundo. O que te preocupa?

LUISE *(olha-o por um momento, silenciosa e expressivamente, depois diz, com melancolia)*

Ferdinand! Ferdinand! Se soubesses como a menina burguesa se torna bela nesse discurso.

FERDINAND

Que é isso? (*Com estranheza*). Menina! Ouve! Que idéia é essa? – És minha Luise! Quem te disse que tinhas de ser algo mais além disso? Vê, fingida, com que frieza sou recebido por ti. Se fosses toda amor por mim, terias tido tempo de fazer comparações? Quando estou contigo, minha razão se dissolve num olhar – num sonho contigo quando estou longe – e tu ainda conservas a razão ao lado do amor? Oh! devias envergonhar-te. Cada minuto que perdeste com estas preocupações foi roubado de teu amado.

LUISE *(tomando-lhe a mão e balançando a cabeça)*

Queres entorpecer-me, Ferdinand – queres desviar meus olhos do abismo no qual eu vou com certeza despencar. Eu olho para o futuro – a voz do prestígio – teus projetos – teu pai – meu nada. *(Assusta-se e deixa a mão dele cair)* Ferdinand! Um punhal pende sobre nós! – Vão nos separar!

FERDINAND

Nos separar! *(Dá um salto)*. De onde te vem este medo, Luise? Nos separar? – Quem pode desatar o laço que prende dois corações, ou separar as notas de um acorde? – Eu sou nobre. – Será que a minha carta de nobreza é mais antiga que o desenho do universo infinito? Ou o meu brasão mais válido que a escrita do céu nos olhos de Luise: "Esta mulher pertence a este homem"? – Eu sou o filho do presidente. Justamente por isso. O que, a não ser o amor, poderá adoçar-me as maldições que as extorsões a que meu pai submete o ducado me farão herdar?

LUISE

Oh! como eu o temo – este pai!

FERDINAND

Eu não temo nada – nada – a não ser os limites do teu amor. Deixa que os obstáculos se ergam como montanhas entre nós; eu os usarei como escadas para subir aos braços de Luise. As tempestades do destino adverso soprarão meus sentimentos para o alto, *perigos* só farão aumentar os encantos de Luise. – Nada de medo, meu amor. Eu mesmo

– eu velarei por ti como o dragão mágico sobre o tesouro enterrado. – Confia em *mim*. Não precisas mais de nenhum anjo. – Eu quero me colocar entre ti e o destino – receber todas as feridas por ti – colher para ti cada gota da taça da alegria – e trazê-las para ti no cálice do amor. *(Abraça-a com ternura)* Apoiada neste braço minha Luise caminhará despreocupada pela vida, o céu te receberá mais bela do que quando te enviou, e terá de confessar, maravilhado, que apenas o amor dá o último retoque às almas.

LUISE *(afastando-o de si, em grande comoção)*

Não digas mais nada! Eu te peço, cala-te! – Se soubesses – Deixa-me – não sabes que tuas esperanças me assaltam o coração como Fúrias? *(Vai sair)*

FERDINAND *(detém-na)*

Luise? Como? O quê? Que mudança?

LUISE

Eu havia *esquecido* esses sonhos e estava feliz. – Agora! Agora! De *hoje* em diante – a paz da minha vida acabou-se. – Desejos tumultuosos – eu sei – me agitarão o peito. –Vai-te – Deus te perdoe – Provocaste um incêndio no meu coração jovem e tranqüilo que jamais, jamais se apagará. *(Precipita-se para fora. Ele a segue em silêncio)*

CENA V

Sala na casa do presidente

Entram o presidente, com a Ordem da Cruz no pescoço e uma estrela no peito, e o secretário Wurm.

PRESIDENTE

Um relacionamento sério? Meu filho? – Não, Wurm, não posso acreditar.

WURM

Sua Excelência tenha a bondade de exigir as provas.

PRESIDENTE

Que ele corteje a canalha burguesa – dirija-lhe galanteios ou mesmo que tagarele sobre sentimentos. – Tudo isso eu acho possível – perdoável – mas – a filha de um músico, o senhor diz?

WURM

A filha do músico Miller.

PRESIDENTE

Bonita? Mas claro que deve ser.

WURM *(vivamente)*

Um belíssimo exemplar de loura que, sem exagero, faria ótima figura mesmo ao lado das maiores beldades da corte.

PRESIDENTE *(ri)*

Pelo que diz, Wurm, o senhor está de olho na menina. Mas veja, caro Wurm, – se o meu filho tem sentimentos pela mulher, isso me dá esperança de que as damas não o acharão desprezível. Ele pode obter sucesso na corte. O senhor diz que a moça é *bonita*. Alegra-me saber que meu filho tem *bom gosto*. Ele finge para a tolinha ter intenções sérias? Melhor ainda – isso mostra que ele tem *espírito* o bastante para iludir sua presa. Ele pode se tornar *presidente*. Também isso ele consegue? Ótimo! Isso mostra que ele tem *sorte*. E se um neto robusto vier coroar a farsa – incomparável! Eu beberei uma garrafa de Málaga a mais em honra das boas perspectivas da minha genealogia e pago a indenização pela sedução da moça.

WURM

Tudo o que eu lhe desejo, Excelência, é que o senhor não tenha de beber sua garrafa para se *consolar*.

PRESIDENTE *(sério)*

Wurm, lembre-se de que eu, quando acredito, acredito com obstinação, e quando eu me zango, eu fico furioso – Quero encarar como uma brincadeira esta sua tentativa de me instigar. Que o senhor desejasse se livrar de um rival, eu o creio sinceramente. Que o senhor tenha dificuldades para arrancar o rapaz dos braços da moça

e queira usar o pai como instrumento para isso, eu também compreendo – e que o senhor tenha uma vocação tão bela para patife chega a me encantar. – Apenas, caro Wurm, não precisa me incluir no logro. – Apenas, entenda-me, não precisa levar a esperteza até o ponto de atrapalhar os meus planos.

WURM

Perdoe-me, Excelência. Se é verdade – como o senhor adivinhou – que o ciúme tem sua parte no jogo, é apenas com os olhos, não com a língua.

PRESIDENTE

Pois eu pensei que ele ficaria totalmente de fora. Que lhe importa, imbecil, se o senhor recebe a moeda diretamente da Casa da Moeda ou das mãos de um banqueiro? Console-se com a nobreza daqui. – Sabidamente ou não – entre nós raramente é celebrado um casamento sem que pelo menos meia dúzia dos convidados – ou dos criados – conheça as exatas dimensões geométricas do paraíso do noivo.

WURM *(curvando-se)*

Nesses assuntos eu prefiro agir como um burguês, Excelência.

PRESIDENTE

Além disso, em breve o senhor terá o prazer de se desforrar lindamente do escárnio de seu rival. Agora mesmo, com a iminente chegada da nova duquesa, encontra-se no ministério o plano para uma aparente despedida de Lady Milford e, para que a fraude seja perfeita, ela deve se casar. O senhor sabe, Wurm, quanto o meu prestígio depende da influência da Lady – quanto o sucesso das minhas maquinações depende das paixões do príncipe. O duque procura um partido para a Milford. Qualquer um pode se apresentar – fechar o negócio e ganhar, junto com a dama, a confiança do príncipe, tornar-se indispensável a ele. – Para que o príncipe permaneça nas malhas da minha família, meu Ferdinand deve casar-se com a Milford. – A coisa está clara para o senhor?

WURM

A ponto de ferir-me os olhos – Ao menos nisso o *presidente* demonstra que, em comparação com ele, o *pai* é apenas um principiante. Se o major se mostrar um *filho tão obediente* quanto o senhor é um *pai carinhoso*, as suas determinações serão devolvidas com um protesto.

PRESIDENTE

Felizmente, eu nunca tive de temer pela realização de um plano para o qual eu tenha me lançado com um "tem de ser assim." – Mas veja, Wurm, isto nos leva de volta ao ponto anterior. Eu comunico ainda hoje à tarde a meu filho que ele se casará. A cara com que ele receber a notícia confirmará ou refutará as suas suspeitas.

WURM

Eu peço mil desculpas, Excelência. O rosto sombrio que ele certamente lhe mostrará poderá ser atribuído com a mesma razão tanto à noiva que o senhor lhe destinou quanto àquela que o senhor lhe tomou. Eu lhe peço uma prova mais decisiva. Escolha para ele o partido mais irrepreensível da corte e, se ele disser sim, condene o secretário Wurm a três anos de trabalhos forçados.

PRESIDENTE *(mordendo os lábios)*

Diabo!

WURM

É como eu lhe digo. A mãe da moça – a burrice em pessoa – me disse tudo com a maior simplicidade.

PRESIDENTE *(andando de um lado para o outro, reprimindo a raiva)*

Muito bem, então. Agora mesmo, pela manhã.

WURM

Sua Excelência não se esqueça de que o major é seu filho.

PRESIDENTE

Ele deve ser poupado, Wurm.

WURM

E de que o serviço que lhe presto, ajudando-o a se livrar de uma nora indesejável...

PRESIDENTE

Merece a contrapartida de fazer dela sua esposa? De acordo, Wurm.

WURM *(com uma mesura)*

Sempre ao seu dispor, Excelência. *(Vai sair)*

PRESIDENTE

Quanto ao segredo que lhe confiei, Wurm – *(ameaçador)* se der com a língua nos dentes...

WURM *(ri)*

Neste caso, Sua Excelência pode mostrar os documentos que eu falsifiquei. *(Sai)*

PRESIDENTE

Quanto a isso estou seguro. Eu te mantenho preso por tuas velhacarias como um peixe pelo anzol.

UM CAMAREIRO *(entrando)*

O Marechal da Corte von Kalb.

PRESIDENTE

Chegou bem na hora. – Ele é bem-vindo. *(O camareiro sai)*

CENA VI

O presidente. O marechal von Kalb, numa indumentária da corte, luxuosa, mas de mau-gosto, com as insígnias de seu cargo, dois relógios e uma espada, chapeau-bas e cabelos à la hérisson. Dirige-se com passos rápidos ao presidente, ruidosamente, espalhando um perfume de almíscar por toda a sala.

MARECHAL *(abraçando o presidente)*

Ah! bom dia, meu caro! Como passou a noite? Dormiu bem? – Perdoe-me não ter tido o prazer mais cedo – negócios urgentes – o cardápio – cartões de visita – o

arranjo dos grupos para o passeio de trenó de hoje – Ah! – e eu tinha de estar presente ao *lever*[4] para informar Sua Alteza sobre as condições do tempo.

PRESIDENTE

Sim, marechal, o senhor não podia negligenciar nada disso.

MARECHAL

Além disso o patife do alfaiate me fez esperar.

PRESIDENTE

Mas agora? Tudo resolvido?

MARECHAL

Isso ainda não é tudo – Hoje me acontece uma desgraça atrás da outra. Ouça só.

PRESIDENTE *(distraído)*

Será possível?

MARECHAL

Ouça só. Eu mal desço da carruagem, os cavalos se assustam, começam a bater com as patas, a empinar e – imagine! – me espirram lama nos calções. Que fazer? Por Deus! Coloque-se no meu lugar, Barão. Lá estava eu. Era tarde. Até voltar para casa é um dia de viagem. – Apresentar-me a Sua Alteza naquela situação... Deus de misericórdia! – O que me ocorre? Finjo um desmaio. Colocam-me a toda pressa na carruagem. Volto para casa na maior velocidade – troco de roupa – retorno – O que me diz? – Ainda sou o primeiro na antecâmara. – O que acha disso?

PRESIDENTE

Um maravilhoso improviso do engenho humano. – Mas, deixando isso de lado, Kalb – quer dizer que o senhor já esteve com o duque?

MARECHAL *(importante)*

Por vinte minutos e meio.

[4] Cerimônia matinal de um soberano absolutista (em francês).

PRESIDENTE

Eu o congratulo. – Então, certamente tem alguma notícia importante para me dar?

MARECHAL *(sério, depois de um momento calado)*

Hoje Sua Alteza veste uma pele *merde-d'oye*.

PRESIDENTE

Veja só. – Não, Marechal, então eu tenho uma melhor para o senhor. – O senhor ainda não sabe que Lady Milford será a esposa do major von Walter?

MARECHAL

Imagine! – E já está tudo arranjado?

PRESIDENTE

Assinado, Marechal – e o senhor me faria um grande favor se fosse sem demora preparar a Lady para a visita do meu Ferdinand e espalhasse a decisão dele por toda a Residência[5].

MARECHAL *(encantado)*

Oh! com imensa alegria, meu caro. – Que mais eu poderia desejar? – Vou agora mesmo. – *(Abraça-o)* Passe bem – em três quartos de hora a cidade estará sabendo de tudo. *(Sai voando)*

PRESIDENTE *(rindo às costas do marechal)*

Vão lá dizer que criaturas como essa não servem para nada... – Agora o meu Ferdinand *tem* de querer, ou toda a cidade terá mentido. *(Toca a campainha. Wurm entra)* Mande chamar meu filho. *(Wurm sai. O presidente anda de um lado para o outro, pensativo)*

[5] Residência era o nome que se dava à capital de um estado governado por um príncipe.

CENA VII

Ferdinand. O presidente. Wurm, que sai a seguir.

FERDINAND

O senhor ordenou-me que viesse vê-lo, senhor meu pai?

PRESIDENTE

Infelizmente tenho de fazê-lo, se quiser gozar da presença de meu filho. – Deixe-nos a sós, Wurm. – Ferdinand, eu te tenho observado e, de um tempo para cá, já não encontro em ti aquela juventude franca e turbulenta que tanto me encantava. Uma melancolia estranha tolda o teu rosto – foges de mim – foges do teu círculo – Bah! Na tua idade perdoam-se antes dez excessos que uma angústia. Abre-te comigo, meu filho. Deixa-me cuidar da tua felicidade, e não penses em mais nada a não ser em colaborar com os meus planos. – Vem, abraça-me, Ferdinand.

FERDINAND

O senhor está muito benevolente hoje, meu pai.

PRESIDENTE

Hoje, maroto – e dizes "hoje" com essa careta fechada? *(Sério)* Ferdinand! – Por amor a *quem* foi que eu trilhei um caminho perigoso, a fim de ganhar a afeição do príncipe? Por amor a *quem* eu me desavim com o céu e com a minha consciência? – Ouve, Ferdinand – (é a meu filho que estou me dirigindo) – *Para quem* eu preparei o lugar, tirando meu antecessor do caminho – uma história que, por mais que eu cuide de esconder a faca dos olhos do mundo, me revira as entranhas até sangrar? Ouve, Ferdinand, dize-me, *por quem* eu fiz tudo isso?

FERDINAND *(recua, horrorizado)*

Por mim não, meu pai! Que não caia sobre *mim* o reflexo sangrento desse crime! Por Deus Todo-Poderoso! Era melhor não ter nascido que servir de justificativa para esse delito.

PRESIDENTE

Que disseste? O quê? Mas não te levo a mal, é tudo culpa da tua cabeça romanesca – Ferdinand – Eu não quero me exaltar, garoto atrevido – Mas então é *assim* que me recompensas pelas minhas noites de insônia? *Assim*, pela minha dedicação incansável? *Assim*, pelo escorpião eterno que me revolve a consciência? – Sobre mim recai o peso da responsabilidade – sobre mim a maldição, a voz trovejante do juiz – tu recebes tua felicidade de segunda mão – o crime não é transmitido junto com a herança.

FERDINAND *(ergue a mão direita para o céu)*

Eu renuncio solenemente a uma herança que é tão-somente recordação de um pai repulsivo.

PRESIDENTE

Ouve, rapazola, não me tires do sério. – Se dependesses só de tua cabeça, te arrastarias a vida inteira no pó.

FERDINAND

Oh! meu pai, sempre seria melhor que arrastar-me ao redor do trono.

PRESIDENTE *(engolindo a raiva)*

Hum! – É preciso obrigar-te a reconhecer tua felicidade. Onde dez outros, com todo esforço, não conseguem chegar, foste levado brincando, dormindo. Aos doze anos eras alferes. Aos vinte, major. Eu o consegui junto ao príncipe. Deixarás o uniforme para ingressar no gabinete. O príncipe mencionou o ministério – embaixadas – favores extraordinários. Tens diante de ti uma perspectiva magnífica. – Uma estrada aberta para as proximidades do trono – ou para o próprio trono, se é que o poder vale tanto quanto os seus símbolos – nada disso te entusiasma?

FERDINAND

Não, minha idéia de grandeza e felicidade não é igual à sua. – A *sua* felicidade raramente se faz senão pela ruína de alguém. Inveja, temor, maldições são o triste espelho em que a grandeza de um senhor sorri a si mesma – Lágrimas, pragas, desespero, a horrível ceia em que se

regozijam esses pretensos favorecidos da sorte, e da qual se levantam embriagados para ir cambaleando até o trono de Deus na eternidade – Meu ideal de felicidade se recolhe mais humildemente em mim mesmo – Em meu *coração* estão sepultados todos os meus desejos.

PRESIDENTE

Magistral! Perfeito! Glorioso! A primeira aula, depois de trinta anos! – Pena que minha cabeça cinqüentona seja dura demais para aprender – Mas – para que esse talento raro não enferruje, eu quero arranjar-te uma companhia junto à qual podes te exercitar à vontade nessas loucuras arlequinais – Vais decidir-te – ainda hoje vais decidir-te a tomar uma esposa.

FERDINAND *(recuando atônito)*

Meu pai!

PRESIDENTE

Sem agradecimentos. – Eu enviei um cartão em *teu* nome a Lady Milford. Vais ter a bondade de ir sem demora a sua casa e dizer-lhe que és seu noivo.

FERDINAND

À Milford, meu pai?

PRESIDENTE

Deves saber de quem se trata.

FERDINAND *(desconcertado)*

Que pelourinho em todo o ducado não sabe? – Mas eu certamente faço um papel ridículo, meu pai, ao levar a sério um chiste seu. O senhor gostaria de ser *pai* de um *filho velhaco* que se casasse com uma prostituta privilegiada?

PRESIDENTE

Mais que isso. Eu mesmo a pediria, se ela aceitasse um cinqüentão – Tu não gostarias de ser o *filho* de um *pai velhaco*?

FERDINAND

Não, tão certo quanto Deus existe!

PRESIDENTE

Uma audácia que eu, palavra de honra, perdôo por sua singularidade.

FERDINAND

Por favor, pai, não me deixe por mais tempo numa suspeita que me tornará insuportável chamar-me seu filho.

PRESIDENTE

Estás louco, rapaz? Que homem sensato não ambicionaria a distinção de compartilhar o lugar com seu soberano num trio?

FERDINAND

O senhor está se tornando enigmático, meu pai. A isso o senhor chama de *distinção*? – *Distinção*, compartilhar com o príncipe aquilo que o faz descer abaixo de sua condição de *homem*?

PRESIDENTE *(dá uma gargalhada)*

FERDINAND

Pode rir – não vou levar em consideração. Mas com que cara eu vou aparecer diante do mais reles artesão, que recebeu como dote de sua mulher pelo menos um corpo inteiro? Com que cara vou aparecer diante do mundo? Diante dos príncipes? Diante da própria prostituta que lavaria as manchas de sua honra na minha vergonha?

PRESIDENTE

Onde foste buscar esse palavrório todo, meu rapaz?

FERDINAND

Pai, eu lhe imploro, pelo céu e pela terra! Desperdiçando desta maneira o seu único filho, o senhor não pode esperar para si uma felicidade maior que a infelicidade que trará a ele. Eu lhe darei a minha vida, se isso ajudá-lo a ascender. Eu a recebi do senhor, e não hesitarei um minuto em sacrificá-la por sua grandeza. – Mas se o senhor tira de mim minha *honra*, pai, então terá sido uma patifaria leviana dar-me a vida, e eu terei de maldizer tanto o *pai* quanto o *alcoviteiro*.

PRESIDENTE *(batendo-lhe no ombro amigavelmente)*

Bravo, meu filho. Agora eu sei que és um homem por *inteiro*, e digno da melhor mulher do ducado. – Ela será tua. – Ainda esta tarde celebrarás teu noivado com a Condessa de Ostheim.

FERDINAND *(novamente atônito)*

Esta parece ter sido a hora escolhida para a minha total aniquilação.

PRESIDENTE *(lançando-lhe um olhar atento)*

Espero que contra este partido tua honra não terá objeções a fazer.

FERDINAND

Não, meu pai. Friederike von Ostheim faria de qualquer outro o mais feliz dos homens. *(Para si, profundamente perturbado)* O que sua *maldade* deixou intacto em meu coração, a sua *bondade* vem destruir.

PRESIDENTE *(sem tirar os olhos dele)*

Eu espero por tua gratidão, Ferdinand.

FERDINAND *(atira-se a ele e beija-lhe a mão com fervor)*

Pai! Tua bondade inflama todo o meu sentimento. – Pai! Meus mais cálidos agradecimentos por sua intenção afetuosa. – A escolha é irrepreensível – mas – eu não posso – eu não devo – lamente-se por mim – eu não posso amar a condessa.

PRESIDENTE *(recuando um passo)*

Ahá! Agora eu peguei o jovem cavalheiro! O hipócrita astucioso caiu na armadilha. – Então não era a honra que te proibia de aceitar a Lady? – Não era a *pessoa*, e sim o *casamento* que abominavas!

FERDINAND *(fica por um momento como que petrificado, depois se refaz e quer fugir)*

PRESIDENTE

Para onde... Pára! Este é o respeito que me deves? *(O major retorna)* Tens uma entrevista com a Lady. O

príncipe tem a minha palavra. A cidade e a corte acreditam estar tudo acertado – Se me fazes passar por mentiroso, rapaz – diante do príncipe – da Lady – da cidade – da corte – se me fazes passar por mentiroso – Ouve, rapaz – *ou se eu ficar sabendo de certas histórias.* Então? Por que enrubesces de repente?

FERDINAND *(pálido como a neve e tremendo)*

Como? O quê? Oh! não há de ser nada, meu pai.

PRESIDENTE *(lançando-lhe um olhar terrível)*

E se houver algo – e se eu descobrir a causa dessa resistência? – Ah! rapaz! A simples suspeita me deixa furioso. Vai-te agora mesmo. O desfile da guarda está para começar. Tu estarás com a Lady assim que tiverem distribuído as senhas. – Quando eu entro em uma casa, todo o ducado treme. Vamos ver se será um filho obstinado que me derrotará. *(Sai e retorna)* Rapaz, eu te digo: ou vais até lá, ou foges da minha fúria. *(Sai)*

FERDINAND *(saindo de uma profunda apatia)*

Ele se foi? Aquela era a voz de um pai? – Sim, irei vê-la – irei lá – dir-lhe-ei coisas – colocar-lhe-ei um espelho diante dos olhos. – Infame! Se depois disso *ainda* exigires minha mão – diante da nobreza reunida, dos militares e do povo – protege-te com todo o orgulho da tua Inglaterra – eu te repudiarei – um jovem alemão! *(Sai)*

SEGUNDO ATO

Uma sala no palácio de Lady Milford; à direita, um sofá, à esquerda, um piano

CENA I

Lady Milford, num negligé *simples, mas encantador, os cabelos ainda por fazer, sentada ao piano, corre os dedos pelo teclado; Sophie, a camareira, sai da janela.*

SOPHIE

Os oficiais se dispersam. O desfile da guarda acabou – mas nenhum sinal do Major von Walter.

LADY *(muito inquieta, levantando-se e andando pela sala)*

Não sei o que tenho hoje, Sophie. – Nunca me senti assim antes. – Nem sinal dele? – Bem, com certeza – ele não deve ter pressa – É como se um crime me oprimisse o peito – Vai, Sophie – manda preparar o cavalo mais fogoso que houver no estábulo. Eu preciso sair para o ar livre – ver gente e o azul do céu, cavalgar até aliviar o meu coração.

SOPHIE

Se *milady* está indisposta – convoque uma reunião aqui. Deixe que o príncipe faça as honras da mesa, ou mande colocar a mesa de *l'hombre* diante do sofá. Se eu tivesse o príncipe e toda a corte ao meu dispor, que angústias haveriam de me perturbar?

LADY *(atira-se sobre o sofá)*

Por favor, poupa-me. Eu te daria um diamante para cada hora que eu pudesse mantê-los longe de mim. Preciso ter essa gente sempre forrando minhas salas? – São pessoas más, lastimáveis, que se horrorizam se me escapa uma palavra quente, cordial, e escancaram a boca e o nariz, como se tivessem visto um fantasma – escravos de um único fio de marionetes, que eu conduzo com mais facilidade que ao meu bordado. –

Que fazer com pessoas cujas almas funcionam como seus relógios? Posso ter algum prazer em perguntar-lhes algo se sei de antemão o que vão me responder? Ou em trocar algumas palavras com quem não tem coragem de discordar de mim? – Fora com eles! É aborrecido cavalgar um cavalo que não toma o freio nos dentes. *(Vai até a janela)*

SOPHIE

Mas a senhora não abre uma exceção para o príncipe, Lady? O homem mais belo – o amante mais ardente – a cabeça mais espirituosa em todo o seu ducado?

LADY *(retornando)*

Pois é o *seu* ducado – e apenas um principado, Sophie poderia servir de justificativa suportável para o meu gosto. – Dizes que sou invejada. Triste consolo! Antes deveriam me lamentar. Entre todos os que bebem nos seios da majestade, a favorita é a que se sai pior, pois é só ela que encontra o homem rico e poderoso com o cajado de mendigo – É verdade, com o talismã da sua grandeza ele pode realizar cada desejo do meu coração como quem faz brotar um castelo encantado do fundo da terra. – Ele pode colocar sobre a mesa sucos das duas Índias – transformar uma selva em paraíso – fazer as fontes do seu país erguerem-se para o céu em arcos imponentes ou desbaratar a medula dos seus súditos com fogos de artifício... – Mas pode ele ordenar também ao seu *coração* que pulse com *grandeza* e *ardor* em resposta a outro *coração grande e ardente*? Pode ele retirar um único sentimento belo de seu cérebro indigente? – Com toda a satisfação dos sentidos, meu coração está faminto, e de que me valem mil sentimentos mais nobres se tudo o que me é dado fazer é saciar os instintos?

SOPHIE *(olha-a admirada)*

Há quanto tempo eu a sirvo, *milady*?

LADY

Porque só *hoje* me conheceste? – É verdade, cara Sophie – eu vendi minha honra ao príncipe, mas

mantive meu coração livre – um coração, querida, que talvez ainda seja digno de um homem – um coração que o vento envenenado da corte apenas embaçou por um momento, como o hálito sobre o espelho – Acredita-me, minha cara, há muito já eu me teria rebelado diante desse príncipe deplorável, se a ambição me tivesse permitido ceder minha posição a alguma dama da corte.

SOPHIE

E esse coração pôde submeter-se de bom grado à ambição?

LADY *(com vivacidade)*

Como se ele já não tivesse se vingado! Não se vinga ainda agora? – Sophie! *(enfática, pousando a mão sobre o ombro de Sophie)* Nós, mulheres, só podemos escolher entre *dominar* e *servir*, mas o grande êxtase do *poder* não passa de um mísero sucedâneo quando nos é negado o êxtase *maior* de sermos escravas de um homem a quem amamos.

SOPHIE

Uma verdade, *milady*, que a senhora é a *última* pessoa de quem eu gostaria de ouvir.

LADY

E por que, minha Sophie? A maneira infantil pela qual conduzimos o *cetro* não é uma prova de que só servimos para as *andadeiras*? Não pudeste adivinhar que esta volubilidade caprichosa – que esses prazeres impetuosos só eram uma maneira de abafar no meu peito desejos ainda mais impetuosos?

SOPHIE *(recuando, assombrada)*

Lady?...

LADY *(com maior vivacidade)*

Satisfaça-os! Dá-me o homem em quem penso agora – que eu adoro – e tenho de *possuir*, Sophie – ou morrer! *(Com languidez)* Deixa-me ouvir de seus lábios que as lágrimas de amor nos nossos olhos têm um brilho mais belo que os diamantes em nosso cabelo, *(com ardor)* e eu

atirarei aos pés do príncipe seu coração e seu principado e fugirei com esse homem, fugirei para o deserto mais distante do mundo.

SOPHIE *(olha-a assustada)*

Céus! Que faz, *milady*? Que será da senhora?

LADY *(atônita)*

Empalideces? – Terei falado demais? – Oh! então deixa-me selar teus lábios com minha confiança – ouve mais ainda – ouve tudo.

SOPHIE *(olhando em torno de si, amedrontada)*

Eu temo, *milady* – eu temo – que não precise ouvir mais.

LADY

O casamento com o major – tu, como todo o mundo, te iludes pensando que é apenas uma *intriga da corte*. – Sophie – não enrubeças – não te envergonhes de mim – ele é obra – *do meu amor*.

SOPHIE

Por Deus! Eu bem que suspeitava!

LADY

Eles se deixaram convencer, Sophie – o fraco príncipe – o ardiloso Barão von Walter – o tolo marechal – Cada um deles jurará que esse casamento é o meio infalível de me guardar para o duque, de tornar mais firmes os laços que nos unem – Ah! sim! De desatá-los para sempre! De quebrar para sempre essas vergonhosas correntes! – Fraudadores fraudados! Enganados por uma frágil mulher! – Vós mesmos entregareis meu amado a mim. É tudo o que eu queria. – E uma vez que eu o tenha – uma vez que eu o tenha – então boa-noite *para sempre*, Alteza repulsiva...

CENA II

Um velho camareiro do príncipe com uma caixinha de jóias. As mesmas da cena anterior.

CAMAREIRO

Sua Alteza, o duque, cumprimenta *milady* respeitosamente e lhe envia estes brilhantes como presente de casamento. Eles acabaram de chegar de Veneza.

LADY *(abre a caixinha e recua assustada)*

Homem! Quanto o duque pagou por essas jóias?

CAMAREIRO *(com um rosto sombrio)*

Elas não lhe custaram nada.

LADY

Como? Estás louco? *Nada*? E *(afastando-se um passo dele)* tu me olhas como se me quisesses perfurar com o olhar – *Nada* lhe custaram essas pedras inestimáveis?

CAMAREIRO

Ontem sete mil filhos desta terra embarcaram para a América – Eles pagam tudo.

LADY *(coloca a caixinha sobre a mesa e anda rápido pela sala; depois de uma pausa dirige-se novamente ao camareiro)*

O que tens, homem? Estás chorando?

CAMAREIRO *(enxuga os olhos e fala com voz terrível, tremendo por todo o corpo)*

Pedras preciosas como *essas* aí – Eu também tenho alguns filhos no meio disso.

LADY *(dá as costas à jóia, tremendo, e toma-lhe as mãos)*

Mas nenhum à força?

CAMAREIRO *(com um riso terrível)*

Oh! Deus – não – puros voluntários. É bem verdade que alguns rapazes atrevidos se colocaram à frente da tropa

e perguntaram ao coronel por quanto o príncipe vendia a parelha de homens. – Mas nosso excelentíssimo senhor mandou todos os regimentos marcharem sobre a praça e fuzilar os maledicentes. Nós ouvimos os estampidos, vimos os cérebros espirrarem sobre o calçamento e toda a armada gritou: "Hurra! Para a América!..."

LADY *(cai horrorizada sobre o sofá)*

Deus! Deus! – E eu não ouvi nada? Eu não percebi nada?

CAMAREIRO

Não, madame – por que outro motivo a senhora teve de sair para caçar ursos com nosso soberano quando soou a fanfarra para a partida? – O príncipe não devia tê-la feito perder a oportunidade de ouvir o rufar dos tambores anunciando a hora da partida, e como aqui alguns órfãos corriam aos berros atrás de seus pais vivos, ali uma mãe enlouquecida corria a espetar seu filho de colo na ponta de uma baioneta, e como se separavam noivo e noiva a golpes de sabre, e como nós, velhos grisalhos, atirávamos as muletas para acompanharem nossos filhos ao Novo Mundo – Oh! e enquanto isso a fanfarra trovejava, para que Deus Onisciente não ouvisse nossas preces...

LADY *(levanta-se, tomada de violenta comoção)*

Leva essas pedras daqui – elas lançam suas faíscas como fogo do inferno no meu coração. *(Com suavidade, para o camareiro)* Controla-te, pobre velho. Eles voltarão. Eles tornarão a ver sua pátria.

CAMAREIRO *(com ardor e a plena voz)*

Só o céu sabe! Eles voltarão! – Ainda diante das portas da cidade eles se viraram e gritaram: "Fiquem com Deus, mulher e filhos! – Viva o pai da pátria! – No Juízo Final estaremos de volta!"

LADY *(andando de um lado para o outro, com passos vigorosos)*

Repulsivo! Terrível! – E a *mim* eles fizeram acreditar que eu havia secado todas as lágrimas do ducado – é horrível, horrível, ter os olhos abertos desta forma. – Vai – e dize a teu senhor – que eu irei pessoalmente agradecer-lhe.

(O camareiro quer sair, ela lhe atira a bolsa de moedas no chapéu) E leva isso, por me teres dito a verdade.

CAMAREIRO *(atirando a bolsa desdenhosamente de volta à mesa)*

Coloque-a junto do resto. *(Sai)*

LADY *(observa sua saída, admirada)*

Sophie, vai atrás dele, pergunta-lhe o nome de seus filhos. Ele deve tê-los de volta. *(Sophie sai. Lady Milford anda de um lado para o outro, pensativa. Pausa. A Sophie, que retorna)* Não correu recentemente o boato de que um incêndio devastou uma cidade na fronteira e reduziu umas quatrocentas famílias à mendicância? *(Toca a campainha)*

SOPHIE

Como a senhora foi se lembrar disso agora? Mas, de fato, é verdade, e a maioria desses infelizes serve agora a seus credores como escravos, ou definham nas galerias das minas de prata do príncipe.

CRIADO *(entrando)*

Às ordens, *milady*.

LADY *(entrega-lhe a jóia)*

Leva isto imediatamente à tesouraria das cortes! – Quero que seja convertida em dinheiro e a soma dividida entre as quatrocentas famílias arruinadas pelo incêndio.

SOPHIE

Milady, lembre-se de que a senhora se arrisca a cair na maior das desgraças.

LADY *(com dignidade)*

Eu devo trazer nos cabelos a maldição de teu povo? *(Acena para o criado, que se vai)* Ou queres que eu me afunde na terra sob o jugo terrível dessas lágrimas – Deixa-me, Sophie – é melhor ter jóias falsas nos cabelos e a consciência deste ato no coração.

SOPHIE

Mas jóias como essas! A senhora não poderia ter escolhido outras menos valiosas? Não, *milady*, sinceramente. Isso é imperdoável.

LADY

Menina tola! Isto me trará em *um único* momento mais pérolas e brilhantes do que dez reis jamais tiveram em seus diademas, e ainda mais belos...

CRIADO *(retornando)*

O Major von Walter.

SOPHIE *(correndo para a Lady)*

Deus! A senhora empalideceu.

LADY

O primeiro homem a me causar medo. – Sophie – Estou indisposta, Eduard – espera – ele está de bom humor? Ri? O que ele disse? Oh! Sophie, eu estou feia, não é verdade?

SOPHIE

Por favor, Lady.

CRIADO

Devo despedi-lo?

LADY *(gaguejando)*

Que ele seja bem-vindo. *(O criado sai)* Fala, Sophie – que devo dizer-lhe? Como recebê-lo? – Eu ficarei calada – Ele zombará da minha fraqueza – Ele vai – ai! que pressentimento – Tu me abandonas, Sophie? – Fica – Mas, não, vai! – Pois bem, fica. *(O major vem pela ante-sala)*

SOPHIE

Recomponha-se. Ele já está aí.

CENA III

Ferdinand von Walter. As mesmas da cena anterior.

FERDINAND *(com uma breve reverência)*

Espero não estar interrompendo, madame.

LADY *(com visíveis palpitações)*

Em nada, senhor major, em nada que me fosse mais importante.

FERDINAND

Eu venho por ordem de meu pai.

LADY

Eu lhe fico muito obrigada.

FERDINAND

E devo *comunicar-lhe* que nós nos casaremos – Esta a incumbência dada por meu pai.

LADY *(empalidece e treme)*

Não pelo seu próprio coração?

FERDINAND

Ministros e alcoviteiros não costumam perguntar por isso.

LADY *(com um temor que lhe faz falhar a voz)*

E o senhor mesmo não teria nada a acrescentar?

FERDINAND *(olhando para Sophie)*

Muitas coisas mais, *milady*.

LADY *(faz um sinal a Sophie, que se afasta)*

Posso oferecer-lhe um lugar neste sofá?

FERDINAND

Eu serei breve, *milady*.

LADY

Então?

FERDINAND

Eu sou um homem de honra.

LADY

Que eu sei apreciar.

FERDINAND

Cavalheiro.

LADY

Não há melhor em todo o ducado.

FERDINAND

E oficial.

LADY *(lisonjeira)*

O senhor se refere a méritos que outros têm em comum consigo. Por que silencia sobre outros que lhe são *exclusivos*?

FERDINAND *(com frieza)*

Aqui eu não preciso deles.

LADY *(com crescente temor)*

Mas como devo entender esse prelúdio?

FERDINAND *(devagar, com ênfase)*

Como objeção da honra, caso a senhora pretenda obrigar-me a dar-lhe a minha mão.

LADY *(com um sobressalto)*

Que é isso, senhor major?

FERDINAND *(calmo)*

A linguagem do meu coração – do meu brasão – e desta espada.

LADY

Essa espada o senhor recebeu do príncipe.

FERDINAND

Eu a recebi do Estado, pela mão do príncipe – meu coração, de Deus – e meu brasão, de meio milênio.

LADY

O nome do duque...

FERDINAND *(inflamado)*

O príncipe pode distorcer as leis da humanidade, ou cunhar ações como manda cunhar tostões? – Ele próprio não se coloca acima da honra, mas pode abafar-lhe a voz

com o seu ouro. Ele pode encobrir sua vergonha com peles de arminho. Eu lhe peço perdão, *milady*, basta disso. – Não se trata mais de oportunidades desperdiçadas ou de linhagem – ou das borlas desta espada – ou da opinião do mundo. Eu estaria pronto a calcar tudo isso sob os pés, desde que a senhora me convencesse de que o *prêmio* não é ainda *pior* que o *sacrifício*.

LADY *(afastando-se dele, dolorosamente)*

Senhor Major! Isso eu não merecia.

FERDINAND *(pega-lhe a mão)*

Perdoe-me. Falamos sem testemunhas. A circunstância que nos reúne aqui – hoje e nunca mais – me dá o direito, obriga-me a não ocultar-lhe o meu sentimento mais secreto – Não me entra na cabeça, *milady*, que uma dama de tanta beleza e espírito – qualidades que um homem saberia apreciar – se atire nos braços de um príncipe que só aprendeu a admirar nela o seu *sexo*, e que essa dama não se *peje* de se colocar diante de um homem com seu *coração*.

LADY *(encara-o com dignidade)*

Diga tudo o que tem a dizer.

FERDINAND

A senhora se faz chamar de *inglesa*. Perdoe-me – eu não posso acreditar que *a senhora* seja uma inglesa. A filha livre do povo mais livre sob o céu – que além disso é orgulhosa demais para incensar a *virtude estrangeira* – nunca poderia se vender ao *vício estrangeiro*. Não é possível que *a senhora* seja uma inglesa – a não ser que o coração dessa inglesa seja tanto *menor* quanto maior e mais audaz for a pulsação das veias da Inglaterra.

LADY

O senhor terminou?

FERDINAND

Poder-se-ia responder que é vaidade feminina – paixão – temperamento – pendor para o prazer. Com freqüência ocorreu de a virtude sobreviver à honra. E já houve quem chegasse a esse limite coberto de vergonha, mas se

reconciliasse depois com o mundo através de ações nobres, e dignificasse o feio ofício, fazendo dele um belo uso – Mas como explicar então a monstruosa extorsão que sofre hoje esta terra, e que nunca antes se vira? – Isto em nome do ducado. – Eu terminei.

LADY *(com mansidão e dignidade)*

É a primeira vez, Walter, que ousam dizer-me palavras como estas, e o senhor é a única pessoa a quem eu as respondo. – Que o senhor rejeite a minha mão me faz estimá-lo. Que o senhor injurie meu coração eu lhe perdôo. Que o senhor fale a sério eu não creio. Quem se permite dirigir tais insultos a uma dama que não precisaria senão de uma noite para arruiná-lo completamente, ou atribui uma *grande alma* a esta dama, ou – está louco. Que o senhor me atire no peito a ruína do ducado, perdoe-lhe Deus Onipotente, quando um dia nos confrontar, a mim, ao senhor e ao príncipe. – Mas o senhor desafiou a inglesa em mim, e contra repreensões desta ordem a minha pátria exige resposta.

FERDINAND *(apoiado em seu sabre)*

Estou desejoso de ouvi-la.

LADY

Ouça, então, o que eu ainda não confessei nem confessarei a ninguém a não ser ao senhor. – Eu não sou a aventureira, Walter, por quem o senhor me toma. Eu poderia me vangloriar e dizer: eu sou de estirpe principesca – da linhagem do infeliz Thomas Norfolk[6], que se sacrificou por Maria Stuart – Meu pai, o primeiro tesoureiro do rei, foi acusado de ter feito um acordo traiçoeiro com a França, condenado por uma sentença do parlamento e decapitado. – Todos os nossos bens caíram em poder da Coroa. Nós fomos desterrados. Minha mãe morreu no dia da execução. Eu – uma menina de quatorze anos – fugi para a Alemanha com

[6] Thomas Howard, Duque de Norfolk (1536-1576), protegido da Rainha Elizabeth, foi condenado à morte e executado depois de uma tentativa de libertar Maria Stuart da prisão. Schiller utiliza-se livremente destes dados históricos, uma vez que Lady Milford é personagem criada por ele, e a ação da peça se desenrola no final do século XVIII.

minha ama – uma caixinha de jóias – e esta cruz da família que minha mãe prendeu-me no peito ao morrer, com sua última bênção.

FERDINAND *(vai se tornando pensativo e começa a olhar a Lady com um olhar mais caloroso)*

LADY *(continua, com emoção crescente)*

Doente – sem nome – sem proteção nem posses – cheguei a Hamburgo como uma órfã estrangeira. Eu nada aprendera além de um pouco de francês – um pouco de bordado e piano – tanto melhor eu sabia comer sobre ouro e prata, dormir sob cobertas de damasco, com um único sinal colocar dez criados em movimento e receber as lisonjas dos grandes do seu sexo. – Por seis anos já eu chorara – A última jóia se fora – minha ama morrera – e nesse momento o destino levou o seu duque para Hamburgo. Aquele dia eu passeava às margens do Elba, olhando a correnteza e imaginando se *aquela água* ou o *meu sofrimento* seria o *mais profundo* – O duque me viu, seguiu-me, encontrou minha morada – atirou-se a meus pés e jurou *amar-me. (Faz uma pausa, profundamente comovida, depois continua, com voz chorosa)* Naquele momento, todas as imagens da minha infância feliz despertaram com um brilho sedutor – um futuro desolado, negro como a tumba me aterrorizava – Meu coração ardia por um coração – Eu atirei-me ao dele. *(Afastando-se bruscamente do major)* Agora o senhor me condena!

FERDINAND *(muito comovido, corre atrás dela e a retém)*

Lady! Céus! O que estou ouvindo! O que fiz? – Eu reconheço minha injúria terrível. A senhora jamais me perdoará.

LADY *(retorna e procura se refazer)*

Ouça o resto. O príncipe de fato surpreendeu minha juventude indefesa – mas o sangue dos Norfolk se rebelou em mim: "Tu, Emilie, uma princesa de nascimento, tornar-se a concubina de um príncipe?" – Orgulho e destino se debatiam no meu peito, quando o príncipe me trouxe para cá e a cena horripilante se descortinou aos meus olhos. – A lascívia dos grandes

deste mundo é a hiena insaciável que vai em busca de suas vítimas com uma fome inextinguível. – E ela já devastara terrivelmente esta terra – separara noiva e noivo – rasgara até os laços sagrados do casamento. – Aqui, destruíra a tranqüila felicidade de uma família – ali, abrira um coração jovem e inexperiente à peste devastadora, e alunas agonizantes expeliam espumejando o nome do seu professor entre maldições e convulsões – Eu me interpus entre o cordeiro e o tigre; tomei dele, numa hora de paixão, um juramento de príncipe, e tais imolações repulsivas tiveram um fim.

FERDINAND *(corre pela sala, na mais forte inquietação)*

Basta, *milady*, não continue.

LADY

Esta triste época deu lugar a uma outra ainda mais triste. A corte e o serralho agora fervilhavam da escória italiana. Parisienses levianas brincavam com o temível cetro e o povo sangrava sob os seus caprichos – Cada uma delas teve o seu dia. *Eu* as vi cair no pó ao meu lado, pois eu era mais coquete que todas elas. Eu tirei as rédeas das mãos do tirano que adormecia, lascivo, nos meus braços – tua pátria, Walter, sentiu pela primeira vez o toque de uma mão humana e se aninhou confiante no meu seio. *(Pausa, durante a qual ela o contempla languidamente)* Ai! que o único homem por quem eu não queria ser incompreendida me obrigue agora a vangloriar-me e chamuscar minha virtude silenciosa na luz da admiração! – Walter, eu arrombei cárceres – rasguei sentenças de morte e abreviei terríveis eternidades nas galeras. Em feridas incuráveis eu ao menos deitei um bálsamo lenitivo – atirei ao pó criminosos poderosos e, muitas vezes, salvei a causa *perdida* da inocência com uma lágrima de meretriz. – Ah! jovem! Como isso era doce! Com que orgulho meu coração refutava cada uma das acusações que o meu nascimento nobre me fazia! – E agora vem o homem, *o único* que me deveria recompensar – o homem que meu destino extenuado talvez tenha criado para reparação dos meus

sofrimentos passados – o homem que eu já abraço em sonhos num ardente anelo...

FERDINAND *(interrompendo-a, completamente abalado)*

É demais! É demais! É contra o nosso acordo, Lady. A senhora deveria se purificar das acusações e faz de mim um criminoso. – Poupe – eu lhe peço – poupe o meu coração já dilacerado pela vergonha e por um furioso arrependimento.

LADY *(segura firmemente a sua mão)*

Agora ou nunca mais. Por bastante tempo a heroína se manteve inabalável. – Tu ainda tens de sentir o peso destas lágrimas. *(Num tom mais terno)* Ouve, Walter – quando uma mulher infeliz – levada pela onipotência de uma atração irresistível – te abraça com o peito cheio de um amor inesgotável, incandescente – Walter – e tu ainda agora proferes a fria palavra honra – Quando essa infeliz – oprimida pelo sentimento de sua vergonha – farta do vício – alçada heroicamente pelo chamado da virtude – atira-se *assim* nos teus braços *(abraça-o, suplicante e solene)* – e quer ser *salva por ti* – restituída ao céu *por ti* ou *(voltando o rosto, com voz cava, trêmula) fugir à tua imagem* e, cambaleando, obediente ao terrível clamor do desespero, tornar a cair em profundezas ainda mais repulsivas do vício...

FERDINAND *(libertando-se dela, na mais terrível aflição)*

Não, por Deus! Eu não posso suportá-lo. – Lady, eu preciso – o céu e a terra pesam sobre mim – eu preciso fazer uma confissão, Lady.

LADY *(fugindo dele)*

Agora não! Agora não, por tudo o que é sagrado – não neste momento desesperador, em que meu coração dilacerado sangra por mil punhaladas – Seja morte ou vida – eu não posso, eu não quero ouvir.

FERDINAND

Sim, sim, Lady. A senhora precisa ouvir. O que eu vou dizer diminuirá minha culpa e será um fervoroso pedido de perdão pelo que se passou – Eu me enganei a seu

respeito, *milady*. Eu esperava – eu desejava encontrá-la merecedora do meu desprezo. Eu vim aqui firmemente decidido a insultá-la e merecer o seu ódio. Felizes de nós dois, se o meu propósito tivesse se realizado! *(Ele se cala por um momento, depois continua, mais baixo e mais sóbrio)* Eu *amo*, *milady* – amo uma moça *burguesa* – Luise Miller, a filha de um músico. *(A Lady se volta e se afasta dele, pálida; ele continua, com mais vivacidade)* Eu sei em que lugar eu me atirei, mas, ainda que a sensatez mande calar a *paixão*, o *dever* fala mais alto – *Eu* sou o culpado. *Eu fui o primeiro* a romper a dourada paz da inocência dela – embalei-lhe o coração com esperanças desmedidas e o entreguei traiçoeiramente à paixão desenfreada. – A senhora me recordará da minha condição – do meu nascimento – dos planos de meu pai – mas eu amo. Minha esperança se eleva tanto mais alta quanto mais fundo for o abismo que separa a natureza e as conveniências. – Minha decisão e o preconceito! – Vamos ver qual dos dois prevalecerá – *a moda* ou a *humanidade*. *(Entrementes a Lady se retirou para o fundo da sala e cobre o rosto com as duas mãos; ele a segue até ali)* A senhora quer dizer-me algo, *milady*?

LADY *(com a expressão do mais extremo sofrimento)*

Não, Senhor von Walter! Nada, a não ser que o senhor leva *a si*, *a mim*, e ainda *uma terceira* à ruína.

FERDINAND

Uma terceira?

LADY

Nós *não* podemos ser felizes um com o outro. Mas seremos as vítimas da precipitação de seu pai. Eu jamais terei o coração de um homem que só coagido me desse a sua mão.

FERDINAND

Coagido, Lady? Só a desse coagido? Mas ainda assim a desse? Pode a senhora arrebatar a mão sem o coração? *A senhora* arrancaria de uma moça o homem que é todo o mundo dela? *A senhora* arrancaria de um homem a moça que é todo o mundo desse homem? A senhora,

milady, há um minuto a *inglesa admirável*? – *A senhora* seria capaz?

LADY

Porque eu *preciso*. *(Séria e firme)* Minha paixão, Walter, cede lugar a minha ternura pelo senhor. Minha *honra* não o pode mais fazer – Nosso casamento é o assunto de todo o ducado. Todos os olhos, todas as setas do escárnio estão voltadas para mim. Se um súdito do príncipe me repudiar, a infâmia será indelével. Arranje a coisa com seu pai. Defenda-se o melhor que puder – Eu farei explodir todas as minas. *(Sai rapidamente; o major cai em um torpor profundo. Pausa. Depois ele se precipita para fora da sala)*

CENA IV

Sala na casa do músico

Miller, Sra. Miller e Luise entram.

MILLER *(entra apressadamente na sala)*

Eu bem que disse!

LUISE *(corre para ele, com medo)*

O quê, pai, o quê?

MILLER *(corre como louco de um lado para o outro)*

Minha casaca – rápido – eu preciso me antecipar a ele – e uma camisa branca de punhos – Eu logo imaginei!

LUISE

Pelo amor de Deus! O quê?

SRA. MILLER

O que está acontecendo? O que há?

MILLER *(atira a peruca no meio da sala)*

Para o cabeleireiro com isso! – O que está acontecendo? *(Diante do espelho)* E minha barba está comprida demais

outra vez – O que está acontecendo? – O que pode estar acontecendo, ave de mau agouro? – O diabo está solto e a tempestade vai desabar na tua cabeça.

SRA. MILLER

Logo se vê! Tudo sempre acaba caindo na minha cabeça.

MILLER

Na tua cabeça? Claro, maldita linguaruda! Sobre quem mais? Tu, hoje de manhã, com teu fidalgo dos infernos... – Eu bem que te disse – Wurm deu com a língua nos dentes.

SRA. MILLER

Ora! E Como é que sabes disso?

MILLER

Como eu sei disso? – Olha lá fora – tem um sujeito enviado pelo ministro plantado feito um fantasma diante da porta querendo saber do músico.

LUISE

Ai! eu morro!

MILLER

Tu também, com teus olhos de miosótis! *(Ri com maldade)* Bem que dizem que quando o diabo quer botar um ovo no negócio de alguém, faz nascer-lhe uma filha bonita. – Agora eu entendo!

SRA. MILLER

Como sabes que é por causa de Luise? – Podes ter sido recomendado ao duque. Pode ser que ele te queira para a orquestra.

MILLER *(pegando uma bengala)*

Que a praga de Sodoma te carregue! – Orquestra! – Só se tu, alcoviteira, berrar de soprano enquanto meu traseiro arroxeado fizer o contrabaixo. *(Atira-se numa cadeira)* Deus do céu!

LUISE *(senta-se, mortalmente pálida)*

Mãe! Pai! Por que de repente eu sinto tanto medo?

MILLER *(levanta-se)*

Mas aquele escrevinhador que me apareça pela frente! – Ele que me apareça! – Neste mundo ou no outro – Depois de fazer mingau de seu corpo e de sua alma, e de lhe gravar no corpo todos os dez mandamentos, as sete preces do pai-nosso e todo o Pentateuco e os profetas, tão bem gravados que as marcas ainda estarão lá no dia da ressurreição dos mortos...

SRA. MILLER

Isso mesmo! Maldiga e faça barulho! Isso vai espantar o diabo. Deus nos acuda! Para onde ir? Onde achar ajuda? Que fazer? Pai Miller, fala! *(Corre pela sala aos berros)*

MILLER

Eu vou procurar o ministro agora mesmo. Eu vou pôr a boca no mundo primeiro. – Eu mesmo quero dizer tudo. Tu ficaste sabendo antes de mim. Podias ter me avisado. A menina podia ter sido advertida. Ainda era tempo – mas não! – Havia um negócio em vista! Havia um peixe na rede! Ainda jogaste lenha na fogueira! – Agora cuida da tua pele de alcoviteira. Come o que cozinhaste. Eu tomo minha filha nos braços e atravesso a fronteira com ela.

CENA V

Ferdinand von Walter precipita-se para dentro da sala, apavorado e sem fôlego. Os mesmos da cena anterior.

FERDINAND

Meu pai esteve aqui?

LUISE *(levanta-se apavorada)*

Seu pai! Deus Todo-Poderoso!

SRA. MILLER *(juntando as mãos, ao mesmo tempo que Luise)*

O presidente! É o nosso fim!

MILLER *(rindo com maldade, também ao mesmo tempo)*

Graças a Deus! Graças a Deus! Aí temos a recompensa.

FERDINAND *(corre para Luise e aperta-a com força em seus braços)*

Tu és *minha*, mesmo que o céu e o inferno se ponham entre nós.

LUISE

Estou perdida. – Fala mais – disseste um nome terrível – teu pai!

FERDINAND

Nada. Nada. Já passou. Eu te tenho de novo. Tu me tens de novo. Oh! deixa-me tomar fôlego junto ao teu peito. Foi uma hora terrível.

LUISE

Qual? Tu me matas!

FERDINAND *(recua e olha-a significativamente)*

Uma hora, Luise, durante a qual uma figura *estranha* se colocou entre meu coração e ti – e meu amor arrefeceu diante de minha consciência – e minha Luise deixou de ser *tudo* para o seu Ferdinand...

LUISE *(senta-se na poltrona, cobrindo o rosto)*

FERDINAND *(corre e pára diante dela com olhar fixo e de repente a deixa com grande comoção)*

Não! Jamais! Impossível, Lady! Pedes *demais*. Eu não posso sacrificar a ti essa inocência. – Não, pelo Deus Eterno! Eu não posso quebrar um juramento que me interpela como um trovão do céu no fundo desses olhos velados – olha *aqui* Lady – *aqui*, pai corvo[7] – Eu devo matar este anjo? Atirar o inferno para dentro deste peito celestial? *(Corre para ela, com decisão)* Eu quero levá-la diante do trono do Juiz do Mundo, e ele me dirá se meu amor é um crime. *(Toma-a pela mão e a faz levantar-se da*

[7] Alusão à crença segundo a qual os corvos atiravam alguns de seus filhotes para fora do ninho.

poltrona) Coragem, minha amada! – Venceste. Eu retorno triunfante da luta mais perigosa.

LUISE

Não! Não! Não me escondas nada. Profere o terrível veredicto. Mencionaste teu *pai*? Mencionaste a *Lady*? – Um pavor mortal toma conta de mim. – Dizem que ela vai se casar.

FERDINAND *(cai aos pés de Luise, entorpecido)*

Comigo, infeliz!

LUISE *(depois de uma pausa, num tom calmo e trêmulo, com uma terrível tranqüilidade)*

Mas, então – por que eu me apavoro? – O velho ali tantas vezes me disse – eu nunca quis acreditar. *(Pausa. Depois, atira-se chorando nos braços de Miller)* Pai, aqui está tua filha de volta – Perdão, pai – Tua filha não tem culpa por este sonho ter sido tão belo e – o despertar ser agora tão horrível...

MILLER

Luise! Luise! – Oh! Deus, ela está fora de si – Minha filha, minha pobre criança – maldito seja o sedutor! – Maldita a mulher que lhe serviu de alcoviteira!

SRA. MILLER *(atira-se para Luise, lamentando-se)*

Eu mereço esta maldição, minha filha? Deus o perdoe, barão – O que esta ovelhinha fez para que o senhor a mate?

FERDINAND *(atira-se para o lado dela, resoluto)*

Mas eu arruinarei a sua intriga – arrebentarei todas essas correntes de ferro do preconceito – eu quero escolher livremente, como um homem, e fazer com que essas almas de inseto sintam vertigens diante da obra gigantesca do meu amor. *(Vai sair)*

LUISE *(levanta-se trêmula e segue-o)*

Fica! Fica! Aonde vais? – Pai – mãe – ele nos abandona nesta hora de medo?

SRA. MILLER *(corre para o major e agarra-se a ele)*

O presidente virá aqui? – Ele vai maltratar nossa menina – Ele vai *nos* maltratar – E o Senhor von Walter nos abandona?

MILLER *(ri, furioso)*

Nos abandona! Claro! E por que não? – *Ela* lhe deu tudo *(Segurando o major com uma das mãos e Luise com a outra)* Paciência, senhor. O caminho para fora da minha casa passa por cima *desta* aqui – Espera teu pai, se não és um patife – Conta como te insinuaste no coração dela, embusteiro, ou, por Deus *(atira a filha contra o major com rudeza e violência)* antes de ir deves pisotear esse verme chorão que o amor por ti arruinou.

FERDINAND *(retorna e anda de um lado para o outro, pensativo)*

É verdade que o poder do presidente é grande. – *Direito de pai* é uma palavra vasta – até mesmo o crime pode se esconder em suas dobras – ele pode ir muito longe com ela – longe! – Mas ao extremo só o amor pode levar. – Aqui, Luise! Tua mão na minha. *(Segura firmemente a mão dela)* Tão certo quanto Deus não me abandonará no meu último suspiro! – O momento que separar estas mãos também romperá o fio que *me* prende à *Criação*!

LUISE

Eu tenho medo! Não olhe para mim! Teus lábios tremem. Teus olhos reviram horrivelmente...

FERDINAND

Não, Luise. Não tremas. Não é a loucura que fala por mim. É o presente mais valioso do céu, a *decisão* no momento certo, quando o peito oprimido só toma fôlego através de algo inaudito – Eu te amo, Luise – Deves continuar a ser minha, Luise – E agora, ao encontro de meu pai! *(Corre e dá de frente – com o presidente)*

CENA VI

O presidente com uma comitiva de servidores. Os mesmos da cena anterior.

PRESIDENTE *(entrando)*

Ah! aqui está ele.

TODOS *(apavorados)*

FERDINAND *(recua alguns passos)*

Na casa da inocência.

PRESIDENTE

Onde o filho aprende a obedecer ao pai?

FERDINAND

Deixe que nós...

PRESIDENTE *(interrompendo-o, para Miller)*

O senhor é o pai?

MILLER

O músico Miller.

PRESIDENTE *(para a Sra. Miller)*

E a senhora, a mãe?

SRA. MILLER

Oh! sim, a mãe.

FERDINAND *(a Miller)*

Pai, leve sua filha daqui. – Ela está quase desmaiando.

PRESIDENTE

Preocupação desnecessária. Eu tenho o remédio de que ela precisa. *(A Luise)* Há quanto tempo a senhorita conhece o filho do presidente?

LUISE

Sobre esse, eu nunca perguntei. Ferdinand von Walter me visita desde novembro.

FERDINAND

Adora-a.

PRESIDENTE

A senhorita recebeu garantias?

FERDINAND

Agora mesmo, as mais solenes, diante de Deus.

PRESIDENTE *(furioso, a seu filho)*

Eu te avisarei quando chegar o momento de ouvir a confissão das *tuas* loucuras. *(A Luise)* Eu espero uma resposta.

LUISE

Ele jurou-me amor.

FERDINAND

E cumprirá o juramento.

PRESIDENTE

Preciso ordenar que te cales? – A *senhorita* aceitou o juramento?

LUISE *(terna)*

Eu o retribuí.

FERDINAND *(com voz firme)*

A aliança está selada.

PRESIDENTE

Eu mandarei que atirem o eco para fora daqui. *(A Luise, com maldade)* Mas ele sempre lhe pagou em moeda sonante?

LUISE *(atenta)*

Esta pergunta eu não compreendo bem.

PRESIDENTE *(com um riso mordaz)*

Não? Ora, eu quis dizer – Cada ofício tem, como se costuma dizer, sua base de ouro – também a senhorita, eu espero, não terá concedido seus favores de graça – ou só com o exercício da *função* a senhora já se deu por satisfeita? Hein?

FERDINAND *(com um sobressalto, enfurecendo-se)*

Inferno! Que é isso?

LUISE *(ao major, com dignidade e desgosto)*

Senhor von Walter, agora o senhor está livre.

FERDINAND

Pai! A virtude exige *respeito* mesmo em roupas de mendigo.

PRESIDENTE *(rí mais alto)*

Que exigência engraçada! O pai deve respeitar a *puta* de seu filho!

LUISE *(desfalecendo)*

Oh! céus e terra!

FERDINAND *(acode Luise e, ao mesmo tempo, aponta a espada para o presidente, mas baixando-a logo a seguir)*

Pai! Até aqui eu lhe devia a vida. – Está paga. *(Torna a embainhar a espada)* A carta de débito filial está rasgada.

MILLER *(que até agora se mantivera à parte, temeroso, avança em grande agitação, com os dentes ora a ranger de cólera, ora a bater de medo)*

Excelência! – A filha é obra do pai. – Tenha respeito. – Quem chama a filha de prostituta dá uma bofetada no pai. E entre nós uma bofetada se paga com outra. – Tenha respeito.

SRA. MILLER

Valha-nos Deus e Salvador! – Agora o velho também se mete na embrulhada. – A tempestade vai desabar nas nossas cabeças.

PRESIDENTE *(que só ouviu pela metade)*

O alcoviteiro também se agita? – Já, já conversaremos, alcoviteiro.

MILLER

Tenha respeito. Eu me chamo Miller, caso o senhor deseje ouvir um adágio – serviços de alcova eu não presto.

Enquanto a corte ainda os tiver em estoque, nós burgueses estamos dispensados de fornecê-los. Tenha respeito.

SRA. MILLER

Pelo amor de Deus, homem! Vais matar tua mulher e tua filha.

FERDINAND

Meu pai, o senhor desempenha um papel aqui para o qual ao menos poderia ter dispensado as testemunhas.

MILLER *(aproxima-se, com mais coragem)*

Em alemão claro: tenha respeito. Sua Excelência faz e acontece no ducado. Mas *esta* é a minha casa. Quando eu tiver uma petição a fazer, eu a entregarei ao Senhor com as mais respeitosas saudações, mas o hóspede mal-educado eu ponho pela porta afora. – Tenha respeito.

PRESIDENTE *(empalidecendo de cólera)*

Como? Que é isso? *(Chega mais perto dele)*

MILLER *(afasta-se de mansinho)*

Eu só dei minha opinião, senhor – Tenha respeito.

PRESIDENTE *(inflamado)*

Ah! Patife. Tua opinião insolente te vale a cadeia. – Vamos! Tragam os oficiais de justiça. *(Alguns membros da comitiva saem; o presidente anda pela sala, furioso)* Para a cadeia com o pai! Para o pelourinho com a mãe e a filha rameira! – A justiça deve emprestar seus braços a minha fúria. Por tal ofensa eu devo receber uma reparação terrível – Uma canalha dessas vai destruir meus planos e colocar o pai contra o filho impunemente? – Ah! Malditos! Eu vou aplacar meu ódio com a vossa ruína, vou sacrificar toda a raça, pai, mãe, filha, ao fogo da minha vingança.

FERDINAND *(coloca-se no meio deles, tranqüilo e firme)*

Oh, não! Não tenham medo. *Eu* estou aqui. *(Ao presidente, com submissão)* Não se precipite – meu pai. Sem violências, se o senhor ama a si mesmo – Há um

recanto no meu coração onde a palavra *pai* nunca foi ouvida – Não queira penetrar também *aí*.

PRESIDENTE

Indigno! Cala-te! Não provoques ainda mais a minha ira!

MILLER *(retorna a si, depois de um momento de torpor)*

Cuida da tua filha, mulher. Eu vou procurar o duque – O alfaiate particular dele – Deus me soprou agora no ouvido – o alfaiate aprende flauta comigo. Ele há de me valer junto ao duque. *(Vai sair)*

PRESIDENTE

Junto ao duque, dizes? – Esqueceste que eu sou a soleira sobre a qual deves saltar ou quebrar o pescoço? Junto ao duque, imbecil? – Tenta fazê-lo quando tu, morto em vida, estiveres num cárcere da profundidade de uma torre, onde a noite flerta com o inferno, e nem som nem luz conseguem penetrar. Arrasta então tuas correntes e geme: isto é demais para mim!

CENA VII

Oficiais de justiça. Os mesmos da cena anterior.

FERDINAND *(corre para Luise, que cai desfalecida em seus braços)*

Luise! Socorro! Salvem-na! O terror a subjugou.

MILLER *(pega sua bengala, coloca o chapéu e prepara-se para o ataque)*

SRA. MILLER *(cai de joelhos diante do presidente)*

PRESIDENTE *(para os oficiais de justiça, mostrando suas insígnias)*

Prendam-no em nome do duque – Deixa a rameira, rapaz – desmaiada ou não. – Quando ela estiver com a argola no pescoço, tratarão de despertá-la a pedradas.

SRA. MILLER

Tenha piedade, Excelência! Piedade! Piedade!

MILLER *(puxa-a para cima)*

Ajoelha-te diante de Deus, cadela ladradora, e não diante de... velhacos, que eu já tenho de agüentar a prisão.

PRESIDENTE *(morde os lábios)*

Talvez calcules mal, patife. Ainda há forcas vagas. *(Aos oficiais de justiça)* Eu tenho de falar mais uma vez?

OFICIAIS DE JUSTIÇA *(agarram Luise)*

FERDINAND *(corre até Luise e se coloca diante dela, furioso)*

Alguém se atreve? *(Tira a espada junto com a bainha e se defende com esta)* Ouse tocá-la quem não tiver alugado também o crânio à Corte de Justiça. *(Ao presidente)* Poupe a si mesmo. Não me obrigue a ir mais longe, pai.

PRESIDENTE *(ameaçador, aos oficiais de justiça)*

Covardes, se tendes amor ao ganha-pão...

OFICIAIS DE JUSTIÇA *(tornam a agarrar Luise)*

FERDINAND

Com a morte e todos os demônios! Eu estou dizendo: para trás! – Mais uma vez. Tenha piedade de si mesmo. Não me obrigue a extremos, pai.

PRESIDENTE *(furioso, aos oficiais de justiça)*

É esta a vossa dedicação ao serviço, velhacos?

OFICIAIS DE JUSTIÇA *(agarram-na com mais força)*

FERDINAND

Se tem de ser *(puxa a espada e fere alguns oficiais de justiça)*, que a justiça me perdoe!

PRESIDENTE *(cheio de cólera)*

Quero ver se também eu sinto a ponta dessa espada. *(Ele mesmo agarra Luise, ergue-a para o alto e a entrega a um servidor da justiça)*

FERDINAND *(ri com amargura)*

Pai, pai, o senhor escreve aqui uma sátira mordaz da divindade, que deve ter muito pouca compreensão da

sua gente, para fazer assim, *de perfeitos carrascos, maus ministros.*

PRESIDENTE *(aos outros)*

Levai-a!

FERDINAND

Pai, ela será posta no pelourinho, mas *com* o major, filho do presidente – O senhor insiste nisso?

PRESIDENTE

Tanto mais divertido será o espetáculo. – Levai-a!

FERDINAND

Pai! Eu colocarei a minha espada de oficial sobre ela. – O senhor ainda insiste nisso?

PRESIDENTE

As borlas da tua espada, ao *teu* lado, já se acostumaram a estar no pelourinho – Levai-a, levai-a, já conheceis minha vontade.

FERDINAND *(empurra um dos oficiais de justiça, agarra Luise com um dos braços, e com a outra mão aponta a espada para ela)*

Pai, antes que minha esposa seja desonrada, eu a matarei. – O senhor ainda insiste nisso?

PRESIDENTE

Faze-o, se a lâmina estiver afiada.

FERDINAND *(deixa Luise e lança um olhar terrível ao céu)*

Deus Todo-Poderoso, és testemunha. Eu tentei todos os meios *humanos* – tenho de passar para um *diabólico*. – Levai-a para o pelourinho, enquanto isso *(gritando no ouvido do presidente)* eu contarei a toda a Residência uma história sobre *como alguém se torna presidente. (Sai)*

PRESIDENTE *(como que atingido por um raio)*

Como? – Ferdinand – Soltai-a! *(Corre atrás do major)*

Terceiro Ato

Cena I

Sala na casa do presidente

O presidente e o secretário Wurm entram.

Presidente

O maldito golpe falhou.

Wurm

Como eu temia, Excelência. A força sempre *exaspera* o fanático, mas nunca o *converte*.

Presidente

Eu confiava plenamente nesse golpe. No meu entender, se a moça fosse *desonrada*, ele, o oficial, teria de voltar atrás.

Wurm

Perfeito. Mas a *desonra* precisaria ser consumada.

Presidente

No entanto – pensando agora com o sangue frio – eu não deveria ter me deixado intimidar. Era uma ameaça que ele talvez nunca tivesse cumprido.

Wurm

Não tenha tanta certeza. Para a paixão excitada nenhuma loucura é demais. O senhor me disse que o major sempre olhou para o seu governo balançando a cabeça. Eu acredito. Os princípios que ele trouxe da universidade não são muito claros para mim. De que servem todos os sonhos fantásticos de grandeza da alma e nobreza pessoal numa corte onde a sabedoria maior consiste em ser ora grande, ora pequeno, com a rapidez necessária e da maneira mais hábil? Ele é jovem demais e ardente demais para se comprazer com o andar lento e tortuoso da intriga, e nada que não seja grande e aventuroso colocará sua ambição em movimento.

PRESIDENTE *(aborrecido)*

Mas em que esse comentário sagaz melhora o nosso negócio?

WURM

Ele pode mostrar a Sua Excelência onde está a ferida e talvez também o curativo. Um caráter como esse – permita-me dizê-lo – ou nunca se deveria ter feito de *confidente*, ou nunca se ter tomado como *inimigo*. Ele abomina os meios pelos quais o senhor ascendeu. Talvez até agora tenha sido apenas o *filho* que conteve a língua do *traidor*. Dê-lhe um motivo justificável para livrar-se do primeiro. Faça-o crer, por repetidos ataques a sua paixão, que o senhor não é o *pai* carinhoso, e os deveres do patriota virão à tona. Já a singular fantasia de fazer um sacrifício tão notável à justiça poderia representar um encanto suficiente para ele levar o próprio pai à queda.

PRESIDENTE

Wurm – Wurm – O senhor me coloca diante de um horrível abismo.

WURM

Quero levá-lo para longe dele, Excelência. Posso falar com franqueza?

PRESIDENTE *(sentando-se)*

Como um condenado para o outro.

WURM

Então, perdoe-me – No meu modo de ver, o senhor deve o *presidente* a sua flexível habilidade cortesã. Por que não confiar a ela também o *pai*? Eu me lembro com que amabilidade o senhor atraiu o seu antecessor para uma partida de *piquet* e, durante meia noite, o levou a consumir dose sobre dose do suave Borgonha. No entanto, aquela era a mesma noite em que a grande mina iria explodir e levar o bom homem pelos ares. – Por que foi mostar o inimigo a seu filho? Ele nunca deveria ter sabido que eu estava ao par dos seus assuntos amorosos.

O senhor poderia ter minado o romance pelo lado da moça e preservado o coração de seu filho. Com isso, teria feito o papel do bom general, que nunca ataca o inimigo no núcleo das suas tropas, preferindo provocar divisões entre os seus membros.

PRESIDENTE

Como isso poderia ser feito?

WURM

Da maneira mais fácil – e ainda não foram jogadas todas as cartas. Esqueça por um momento que o senhor é pai. Não meça forças com uma paixão que só se fortalece com a resistência – Deixe a *meu* cargo alimentar, com o próprio fogo dessa paixão, o dragão que a devorará.

PRESIDENTE

Mal posso esperar para ouvir.

WURM

Ou eu conheço muito mal o barômetro das almas, ou o major é tão terrível no ciúme quanto no amor. Faça com que lhe nasçam suspeitas a respeito da moça – verossímeis ou não. Um *grão* de levedo será o suficiente para pôr toda a massa numa fermentação devastadora.

PRESIDENTE

Mas onde achar esse grão?

WURM

Esse é o ponto. – Antes de mais nada, Excelência, diga-me quanto está em jogo no caso de o major persistir em sua recusa – até que ponto é importante pôr um fim no romance com a moça burguesa e realizar o casamento com Lady Milford?

PRESIDENTE

O senhor ainda pergunta? – Se a jogada com a Lady falhar, toda a minha influência estará em perigo. E, se eu forçar o major, o meu pescoço.

WURM *(animado)*

Então tenha a bondade de me ouvir. – O major nós enredaremos com astúcia. Contra a moça, empregaremos o poder de Sua Excelência. *Nós lhe ditaremos uma cartinha de amor a uma terceira pessoa, e faremos com que chegue às mãos do major.*

PRESIDENTE

Que idéia absurda! E ela se conformará tão rápido a escrever sua própria sentença de morte?

WURM

Ela *terá* de fazê-lo, se o senhor me der carta branca para agir. Eu conheço muito bem o seu bom coração. Ela só tem dois lados vulneráveis por onde podemos atacar a sua consciência – o pai e o major. Este último está fora de questão; já o músico podemos fazer de gato e sapato.

PRESIDENTE

Como, por exemplo?

WURM

Nada mais fácil, depois do seu relato sobre o que aconteceu na casa dele, que ameaçar o pai com um processo fatal. A figura do protegido e portador das insígnias é, em certa medida, como que a sombra da majestade – ofensas àquele ferem a esta – é com este arremedo de fantasma que eu espero fazer o pobre diabo passar pelo buraco de uma agulha.

PRESIDENTE

Mas – o negócio não pode ser levado até as últimas conseqüências.

WURM

De maneira nenhuma. – Só até o ponto de colocar a família contra a parede – Primeiro nós prenderemos o músico sem nenhum alarde – Para tornar a situação ainda mais aflitiva, pode-se levar também a mãe – falaremos em acusações constrangedoras, cadafalso, prisão perpétua, e faremos da *carta da filha* a única condição para libertá-lo.

PRESIDENTE

Bom! Bom! Estou compreendendo.

WURM

Ela ama o pai – com paixão, eu diria. A ameaça à vida dele – a sua liberdade, pelo menos – As censuras que a consciência lhe fará, de ter sido a causa de tudo isso – A impossibilidade de ter o major para ela – enfim, o entorpecimento da sua cabeça, que eu tomo a *meu* cargo – Não pode falhar – Ela *tem* de cair na armadilha.

PRESIDENTE

Mas e o meu filho? Ele não ficará sabendo de tudo imediatamente? Não ficará furioso?

WURM

Deixe que *eu* me preocupe com isso, senhor. – O pai e a mãe não serão libertados sem que a família faça um juramento solene de manter toda a história em segredo e confirmar a fraude.

PRESIDENTE

Um juramento? E de que vale um juramento, imbecil?

WURM

Para *nós*, nada, Excelência. Para *aquele* tipo de gente, tudo. – E veja que com isso nós dois alcançaremos nossos objetivos da maneira mais bela – A moça perde o amor do major e a reputação de sua virtude. O pai e a mãe abaixarão o tom e, abrandados por tais golpes do destino, ainda considerarão generosidade da minha parte restituir a reputação da filha oferecendo-lhe a minha mão.

PRESIDENTE *(ri, balançando a cabeça)*

Sim, patife, eu reconheço que me suplantaste. A trama é diabolicamente bem urdida. O discípulo supera o mestre. – A questão é saber *a quem* a carta deve ser endereçada. Torná-la suspeita com *quem*?

WURM

Necessariamente com alguém que tenha tudo a ganhar ou tudo a perder com a decisão de seu filho.

PRESIDENTE *(depois de refletir um pouco)*

Só me ocorre o Marechal von Kalb.

WURM *(dando de ombros)*

Não seria o *meu* tipo, se eu me chamasse Luise Miller.

PRESIDENTE

E por que não? Que idéia! Um guarda-roupa brilhante – sempre recendendo a *Eau de mille fleurs* e almíscar – a uma palavra tola, acorre com um punhado de ducados – tudo isso não haveria de seduzir o paladar de uma mocinha burguesa? – Ora, meu bom amigo, o ciúme não é assim tão escrupuloso. Vou mandar chamar o marechal. *(Toca a campainha)*

WURM

Enquanto Sua Excelência cuida disso e da prisão do músico, eu vou tratar de redigir a tal carta de amor.

PRESIDENTE *(dirigindo-se à escrivaninha)*

Que o senhor me trará para ler assim que estiver pronta. *(Wurm sai. O presidente se senta para escrever. Um camareiro vem. O presidente se levanta e entrega-lhe uma folha de papel)* Esta ordem de prisão tem de ser levada imediatamente à Corte de Justiça – e mande também dizer ao Marechal von Kalb que eu desejo vê-lo.

CAMAREIRO

O senhor marechal acaba de chegar.

PRESIDENTE

Tanto melhor – Mas as providências devem ser tomadas com cuidado, para que não provoquem alarde.

CAMAREIRO

Perfeitamente, Excelência!

PRESIDENTE

Compreendeu? Totalmente em segredo.

CAMAREIRO

Bem entendido, Excelência. *(Sai)*

CENA II

O presidente e o marechal.

MARECHAL *(apressado)*

Apenas *en passant*, meu caro. Como tem passado? – Hoje à noite temos a grande ópera *Dido*[8] – fogos de artifício soberbos – uma cidade inteira em chamas – não vai perder o incêndio, não é?

PRESIDENTE

Fogos de artifício eu tenho em minha própria casa, o suficiente para fazer voar pelos ares todo o meu poder – O senhor chega bem na hora, marechal, de aconselhar-me e ajudar-me ativamente num assunto que ou nos trará vantagens ou nos arruinará completamente. Sente-se.

MARECHAL

Não me assuste dessa maneira, querido.

PRESIDENTE

Como eu disse – ou nos trará vantagens ou nos arruinará. O senhor sabe dos meus planos para o major e a Lady. O senhor também compreende como eles são imprescindíveis para sedimentar a nossa felicidade. Pois tudo pode vir abaixo, Kalb. O meu Ferdinand não quer.

MARECHAL

Não quer – não quer – mas eu já espalhei pelos quatro cantos da cidade. O casamento anda em todas as bocas.

PRESIDENTE

Pois o senhor pode passar por boateiro diante de toda a cidade. Ele ama outra.

MARECHAL

O senhor está brincando? Isso é lá obstáculo?

[8] *Didone abbandonata*, ópera de Nicoló Jommelli (1714-1774), com libretto de Pietro Metastasio (1698-1782).

PRESIDENTE

Para o cabeça-dura, o mais intransponível que há.

MARECHAL

Ele seria louco de jogar fora a sua boa sorte? Como?

PRESIDENTE

Vá perguntar a ele e verá a resposta.

MARECHAL

Mas, *mon Dieu*! O que ele pode responder?

PRESIDENTE

Que ele quer revelar a todo o mundo o crime por meio do qual nós ascendemos – que ele quer denunciar nossas cartas e recibos falsos – que ele quer entregar nossos pescoços à espada – isso é o que ele responderá.

MARECHAL

O senhor está louco?

PRESIDENTE

Foi o que ele me respondeu. E já estava a ponto de meter mãos à obra – Impedi-lo custou-me a maior humilhação. O que o senhor diz disso tudo?

MARECHAL *(fazendo uma cara de carneiro)*

Minha cabeça não quer funcionar.

PRESIDENTE

Talvez nisso ainda se pudesse dar um jeito. Mas agora mesmo os meus espiões me informaram de que o copeiro-mor von Bock está prestes a pedir a mão da Lady.

MARECHAL

O senhor me põe fora de mim. *Quem*, o senhor disse? Von Bock, o senhor disse? – O senhor não sabe que somos inimigos mortais? E sabe por quê?

PRESIDENTE

É a primeira vez que ouço falar disso.

MARECHAL

Meu caro! Vai ouvir e ficar arrepiado – Lembra-se ainda do baile da corte – já lá se vão vinte e um anos – lembra-se, quando se dançou a *anglaise* pela primeira vez e a cera quente de um lustre pingou no dominó do Conde de Meerschaum? – Oh! Deus! O senhor certamente se lembra.

PRESIDENTE

Quem poderia esquecê-lo?

MARECHAL

Pois veja! No calor da dança, a Princesa Amalie perdeu uma liga. – Como era de esperar, todo o baile ficou em polvorosa – von Bock e eu – nós ainda éramos pajens naquela época – engatinhamos por todo o salão em busca da liga – finalmente eu a vejo – von Bock percebe – von Bock avança – arranca-a da minha mão – por favor! – entrega-a à princesa e me rouba o cumprimento – o que o senhor acha?

PRESIDENTE

Impertinente!

MARECHAL

Roubou-me o cumprimento – Eu pensei que ia desmaiar. Nunca se viu perfídia igual. – Por fim eu me dominei, aproximei-me de Sua Alteza e disse: Excelentíssima Senhora! Von Bock teve a felicidade de entregar a liga a Sua Alteza, mas quem a viu primeiro sente-se recompensado em silêncio e se cala.

PRESIDENTE

Bravo, marechal, bravíssimo!

MARECHAL

E se cala. – Mas nem até o Juízo Final eu perdoarei a von Bock – o bajulador infame, abjeto! – E, como se isso não bastasse – quando nós dois nos atiramos à liga, von Bock me fez cair todo o pó do lado direito da peruca, e eu fiquei arruinado pelo resto do baile.

PRESIDENTE

Este é o homem que quer se casar com a Milford e se tornará a pessoa mais importante da corte.

MARECHAL

O senhor me crava um punhal no coração. Tornará? Tornará? Por que se tornará? Onde está a necessidade?

PRESIDENTE

Porque o meu Ferdinand não quer, e ninguém mais se apresenta.

MARECHAL

Mas o senhor não conhece nenhum meio de fazer com que o major se decida? – Por mais bizarro, mais desesperado que seja? – O que no mundo poderia ser tão baixo que não nos fosse bem-vindo para tirar o odioso von Bock do caminho?

PRESIDENTE

Eu só sei de *um*, e depende do senhor.

MARECHAL

Depende de *mim*? E qual é?

PRESIDENTE

Separar o major da amada dele.

MARECHAL

Separar? O que o senhor quer dizer? – E como eu o faria?

PRESIDENTE

A partida estará ganha, desde que o façamos suspeitar da moça.

MARECHAL

O senhor quer dizer – que eu a *rapte*?

PRESIDENTE

Claro que não! Como ele acreditaria nisso? – Ele deve suspeitar de que ela mantém relações com um outro.

MARECHAL

E esse outro...?

PRESIDENTE

Tem de ser o senhor, Barão.

MARECHAL

Eu? Eu? – Ela é nobre?

PRESIDENTE

Para que isso? Que idéia! – É a filha de um músico.

MARECHAL

Burguesa, então? Não pode ser. Como?

PRESIDENTE

Por que não pode ser? Que absurdo! Quem no mundo teria a idéia de perguntar pela linhagem de um rostinho bonito?

MARECHAL

Mas pense bem, um homem casado! E minha reputação na corte?

PRESIDENTE

Isso já é outra coisa. Perdoe-me. Eu não sabia que para o senhor o *homem de conduta irrepreensível* é mais importante que o *homem influente*. Paramos por aqui!

MARECHAL

Seja sensato, Barão. Não foi *isso* o que eu quis dizer.

PRESIDENTE *(com frieza)*

Não! – Não! O senhor tem toda a razão. Eu também estou cansado. Eu paro por aqui. Desejo a von Bock muita sorte como primeiro-ministro. O mundo não é só aqui. Eu pedirei minha demissão ao duque.

MARECHAL

E *eu*? – Para o senhor é fácil falar. O senhor é um homem instruído. Mas *eu – mon Dieu*! Que será de *mim* se sua Alteza me demitir?

PRESIDENTE

Um *bon mot* de ontem. A moda do ano passado.

MARECHAL

Eu lhe suplico, meu caro, caríssimo – Ponha um fim nesses pensamentos. Eu concordarei com tudo.

PRESIDENTE

O senhor cederá seu nome para um *rendez-vous* que essa Luise Miller irá propor por escrito?

MARECHAL

Em nome de Deus! Eu o cederei.

PRESIDENTE

E deixará a carta cair de maneira que o major não possa deixar de vê-la?

MARECHAL

Durante o desfile, por exemplo, eu posso atirá-la como que por acaso junto com o lenço.

PRESIDENTE

E manterá o papel de amante dela diante do Major?

MARECHAL

Mort de ma vie! Eu hei de mostrar a ele! Vou ensinar o atrevido a não se meter nos meus assuntos amorosos!

PRESIDENTE

Assim é que se fala. A carta será escrita ainda hoje. Antes de anoitecer o senhor deve vir apanhá-la e ensaiar comigo o seu papel.

MARECHAL

Assim que eu tiver feito dezesseis visitas da maior importância. Perdoe-me, pois, se eu me despeço sem mais demora. *(Sai)*

PRESIDENTE *(toca a campainha)*

Eu espero contar com a sua malícia, marechal.

MARECHAL *(grita de volta)*

Ah, *mon Dieu*! O senhor me conhece.

CENA III

O presidente e Wurm.

WURM

O músico e sua mulher foram detidos sem contratempos e sem barulho. Sua Excelência quer ler a carta?

PRESIDENTE *(depois de ler)*

Ótimo! Ótimo, secretário. O marechal também mordeu a isca – Um veneno como este é capaz de transformar a própria saúde em lepra. – E agora, leve já a proposta para o pai e então, antes que esfrie, para a filha. *(Saem, cada um para um lado)*

CENA IV

Sala na casa do músico

Luise e Ferdinand.

LUISE

Eu te peço, pára! Eu não acredito mais em um único dia de felicidade. Todas as minhas esperanças definharam.

FERDINAND

Pois as minhas só se fortaleceram. Meu pai está exaltado. Meu pai voltará toda a sua artilharia contra nós. Ele vai me forçar a agir como um filho desnaturado. Eu não respondo mais por meus deveres filiais. A raiva e o desespero me obrigarão a revelar o segredo do seu crime. O filho entregará o pai às mãos do carrasco – Estamos no maior perigo – e teria de ser um momento de extremo

perigo para que meu amor ousasse um salto mortal. Ouve, Luise – uma idéia, grande e ousada como a minha paixão se insinua na minha alma. – *Tu*, Luise, *eu* e o *amor*! – Este círculo não encerra o céu inteiro? Ou ainda precisas de um quarto?

LUISE

Pára. Não fales mais nada. Tenho medo do que vais dizer.

FERDINAND

Nada mais temos a pedir ao mundo. Para que, então, mendigar-lhe o aplauso? Por que arriscar onde não há nada a ganhar e tudo a perder? – Estes olhos não brilharão com a mesma ternura se se refletirem no Reno, no Elba ou no Mar Báltico? Minha pátria é o lugar onde Luise me ama. Tuas pegadas num deserto agreste e arenoso são mais interessantes para mim do que a catedral da minha terra – Sentiremos falta da pompa das cidades? Onde estaremos, Luise, um sol nasce e outro se põe – espetáculos que fazem empalidecer os mais arrojados ímpetos da arte. Se não serviremos a Deus em nenhum templo mais, a noite cairá, inspirando uma reverência arrebatadora, a lua mutante nos pregará a expiação e uma devota congregação de estrelas rezará conosco. Poderemos um dia esgotar nossas conversações amorosas? – Um sorriso da minha Luise é assunto para séculos, e o sonho da vida acabará antes que eu tenha decifrado o mistério dessas lágrimas.

LUISE

E não terás outro dever a não ser teu amor?

FERDINAND *(abraçando-a)*

Tua paz é o que há de mais sagrado para mim.

LUISE *(muito séria)*

Então cala-te e deixa-me – Eu tenho um pai que não possui nada a não ser esta filha – que amanhã fará sessenta anos – para quem a vingança do presidente é certa.

FERDINAND *(interrompe-a bruscamente)*

Que irá conosco. E basta de objeções, meu amor. Eu irei e converterei tudo o que eu tenho de valor em dinheiro,

tomarei emprestado em nome de meu pai. É permitido roubar um ladrão – e seu tesouro não custou o sangue da pátria? – Quando bater a meia-noite de hoje, uma carruagem parará aqui. Vocês embarcam. Nós fugimos.

LUISE

Levando conosco a maldição de teu pai? – Uma maldição, imprudente, que mesmo os assassinos não proferem sem ser ouvidos, que a vingança do céu concede mesmo ao ladrão na roda do suplício, que nos perseguiria a nós, fugitivos, impiedosa como um fantasma, de um mar a outro? – Não, meu amor! Se só um crime pode preservar-te para mim, então eu terei forças para perder-te.

FERDINAND *(cala-se, depois murmura, sombrio)*

Realmente?

LUISE

Perder-te. Oh! o pavor que a idéia me causa não tem limites – é horrível o bastante para perfurar a alma imortal e fazer empalidecer a face ardente da alegria – Ferdinand! Perder-te – Mas... – só se pode perder o que se possui, e o teu coração pertence a tua nobreza – Minha pretensão era como o roubo de uma igreja, e, tremendo, eu desisto dela.

FERDINAND *(com o rosto contorcido e mordendo o lábio inferior)*

Desistes dela.

LUISE

Não! Olha para mim, Walter querido. Não ranja os dentes assim com amargura. Vem! – Deixa-me animar tua coragem agonizante com um exemplo. Deixa que *eu* seja a heroína deste instante – devolver ao pai um filho fugitivo – renunciar a uma união que destruiria os fundamentos do mundo burguês e faria desabar a eterna ordem universal – *Eu* sou a criminosa – meu peito se encheu de desejos atrevidos e insensatos – minha infelicidade é o meu *castigo*, concede-me então a doce, lisonjeira ilusão de que ela seja um *sacrifício* meu – vais negar-me esta volúpia?

FERDINAND *(em seu enleio e raiva tomara de um violino e tentara tocar; agora, arranca as cordas, arrebenta-o no chão e dá uma gargalhada)*

LUISE

Walter! Deus do céu! – Que é isso? Controla-te. Esta hora exige firmeza – é uma hora *de despedida*. Tens um coração, Walter querido. Eu o *conheço*. Teu amor é quente como a vida e sem limites como o infinito. – Entrega-o a uma mulher *nobre* e digna – ela não terá por que invejar a mais feliz do seu sexo – *(reprimindo as lágrimas)* a *mim* não deves mais ver – A moça vaidosa e desiludida que chore seu desgosto entre muros solitários, ninguém se importará com suas lágrimas – Vazio e morto é o meu futuro – Mas para sempre eu aspirarei o perfume do buquê murcho do passado. *(Estendendo-lhe a mão trêmula, de rosto voltado para o lado)* Adeus, Senhor von Walter.

FERDINAND *(despertando de seu torpor)*

Eu vou fugir, Luise. Não queres mesmo me seguir?

LUISE *(sentou-se no fundo da sala e cobre o rosto com as mãos)*

Meu dever me manda ficar e sofrer.

FERDINAND

Mentes, serpente. Algo mais te prende aqui.

LUISE *(num tom do mais profundo sofrimento)*

Fique com essa suposição – talvez ela abrande a miséria disso tudo.

FERDINAND

Frios deveres contra um amor ardente! – E eu devo me deixar cegar por uma história dessas? – É um amante que te prende aqui, e ai de ti e dele, se minha suspeita se confirmar. *(Sai apressadamente)*

CENA V

LUISE *(fica por algum tempo imóvel e muda na poltrona, por fim se levanta, vem para a frente da cena e olha em torno, temerosa)*

Onde estarão meus pais? – Meu pai prometeu voltar em poucos minutos e já se passaram cinco horas terríveis – E se um acidente... Que será de mim? – Que temor é esse que me corta a respiração?

(Wurm entra na sala e permanece no fundo, sem ser notado por ela)

Não é verdade – não é nada – a não ser uma alucinação horrível do meu sangue inflamado – Quando nossa alma já absorveu terrores o bastante, o olho verá fantasmas em todo canto.

CENA VI

Luise e o secretário Wurm.

WURM *(aproxima-se)*

Boa noite, senhorita.

LUISE

Deus! Quem falou? *(Volta-se, percebe a presença do secretário e recua, aterrorizada)* Terrível! Terrível! Meu temível pressentimento parece confirmar-se da maneira mais funesta! *(Ao secretário, com um olhar cheio de desprezo)* Por acaso o senhor procura pelo presidente? Ele não está mais aqui.

WURM

É a senhorita que eu procuro.

LUISE

Muito me admira que o senhor não tenha ido fazê-lo na Praça do Mercado.

WURM

Por que lá?

LUISE

Para buscar sua noiva no pelourinho.

WURM

Senhorita Miller, alimenta falsas suspeitas.

LUISE *(reprime uma resposta)*

Em que posso servi-lo?

WURM

Eu venho da parte de seu pai.

LUISE *(atônita)*

De meu pai? – Onde está meu pai?

WURM

Onde ele não gosta de estar.

LUISE

Pelo amor de Deus! Rápido! Tenho um mau pressentimento. – Onde está meu pai?

WURM

Na torre, se a senhorita quer saber.

LUISE *(com um olhar para o céu)*

Mais essa! Mais essa ainda! – Na torre! E por que na torre?

WURM

Por ordem do duque.

LUISE

Do duque?

WURM

Para quem o crime de lesa-majestade contra a pessoa de seu representante...

LUISE

O quê? Oh! Deus Todo-poderoso!

WURM

Deve ser punido de maneira exemplar.

LUISE

Só faltava mais essa! Mais essa! – mas é claro, ainda havia alguém caro ao meu coração além do major – Isso não podia passar em branco – crime de lesa-majestade – Divina Providência! Salva, oh! salva minha fé desfalecente! – E Ferdinand?

WURM

Escolhe entre Lady Milford ou a maldição paterna e a perda da herança.

LUISE

Horrível escolha! – No entanto – no entanto ele é mais feliz. Ele não tem um pai a perder. Embora não ter *nenhum* seja maldição suficiente. – Meu pai acusado pelo crime de lesa-majestade – meu amado entre a Lady ou a maldição paterna e perda da herança – Realmente admirável! Uma patifaria perfeita também é uma perfeição – perfeição? Não, para isso ainda falta algo – onde está minha mãe?

WURM

No presídio feminino.

LUISE *(com um sorriso doloroso)*

Agora está perfeito! – Perfeito, e eu agora estou *livre* – despida de todos os deveres – e lágrimas – e alegrias. Despida da Providência. Eu já não preciso mais dela – *(silêncio terrível)* O senhor ainda terá mais alguma notícia? Continue a falar. Agora eu já posso ouvir tudo.

WURM

O que *aconteceu* a senhora já sabe.

LUISE

Portanto eu não sei o que *ainda* vai acontecer? *(Nova pausa, durante a qual ela olha o secretário da cabeça aos pés)* Pobre homem! Exerces um triste ofício, que dificilmente te fará venturoso. *Fazer* alguém infeliz já é horrível o bastante, mas *comunicá-lo* é *medonho* – cantar o canto da coruja diante desse alguém, estar presente quando o coração, sangrando, treme sob a lança da *necessidade* e cristãos duvidam de Deus – o céu me guarde! E mesmo que recebesses uma tonelada de ouro para cada gota de angústia que visses pingar – eu não gostaria de ser *tu* – O que ainda pode acontecer?

WURM

Eu não sei.

LUISE

O senhor não *quer* saber? – Este mensageiro que evita a claridade teme o som das palavras, mas na calma tumular do seu rosto o fantasma se deixa ver – O que mais me falta – o senhor disse que o duque deseja uma punição *exemplar*? O que o senhor chama de exemplar?

WURM

Não faça mais perguntas.

LUISE

Ouve, homem! Tu foste à escola do carrasco. Onde mais poderias ter aprendido a cravar a faca com vagar e cuidado nas articulações rangentes da vítima e troçar do coração trêmulo acenando-lhe com o golpe de misericórdia? – Que destino espera meu pai? – Se há morte naquilo que dizes sorrindo, que imagem terá aquilo que ocultas em ti? Fala tudo. Deixa que eu receba de uma vez todo o peso do que me há de esmagar. O que espera meu pai?

WURM

Um processo criminal.

LUISE

E o que é isso? Eu sou uma moça ignorante e ingênua, entendo muito pouco das suas terríveis palavras latinas. Que significa processo criminal?

WURM

Julgamento para a vida ou a morte.

LUISE *(firme)*

Eu lhe agradeço. *(Corre para o cômodo ao lado)*

WURM *(perplexo)*

No que isso vai dar? Será que a louca – Diabo! Ela não vai... – Eu vou atrás – eu sou responsável pela vida dela. *(Está prestes a sair)*

LUISE *(retorna,vestindo um casaco)*

Desculpe-me, senhor secretário, eu vou fechar a casa.

WURM

E onde vai com tanta pressa?

LUISE

Procurar o duque. *(Vai sair)*

WURM

Como? Onde? *(Segura-a, assustado)*

LUISE

Procurar o duque. Não ouviu? Procurar o duque, que quer julgar meu pai para a vida ou para a morte – Não! *Quer*, não! – Que *tem* de mandar julgar, porque alguns malvados o desejam, e que em nada colabora com o processo de lesa-majestade a não ser com uma majestade e sua assinatura de príncipe.

WURM *(ri muito alto)*

Procurar o duque!

LUISE

Eu sei por que o senhor ri – mas eu não espero encontrar misericórdia lá. – Deus me guarde! Apenas asco – asco

apenas por meus gritos. Já me disseram que os grandes deste mundo ainda não foram ensinados sobre o que é *miséria* – não querem ser ensinados. Eu direi a ele o que é a miséria – quero pintar-lhe um quadro da miséria com todas as contorções da morte – quero gritar-lhe o que é a miséria numa altura capaz de lhe esmagar a medula e os ossos – e se a descrição fizer os seus cabelos se arrepiarem, eu ainda quero, por fim, gritar-lhe nos ouvidos que na hora da morte também os pulmões dos deuses da terra começam a estertorar e que o Juízo Final fará passar pela mesma peneira as majestades e os mendigos. *(Vai sair)*

WURM *(com maldosa cordialidade)*

Vá, sim, vá. De fato, a senhorita não tem nada melhor a fazer. Eu a aconselho a ir, e lhe dou a minha palavra de que o duque será condescendente com a senhorita.

LUISE *(pára de repente)*

O que o senhor está dizendo? – O senhor mesmo me aconselha a ir? *(Volta depressa)* Hum! O que eu quero fazer? Deve ser algo repulsivo, se esse homem me aconselha a fazê-lo – Como o senhor pode saber que o duque será condescendente?

WURM

Porque ele não o fará *de graça.*

LUISE

Não o fará de graça? Que preço ele pode pedir por um ato de humanidade?

WURM

A bela suplicante já é um preço bastante bom.

LUISE *(fica paralisada; depois, com uma voz velada)*

Deus de Justiça!

WURM

E eu espero que a senhorita não achará o preço da misericórdia alto demais para a vida de um *pai.*

LUISE *(desconcertada, andando de um lado para o outro)*

Sim, sim, é verdade, os grandes se escondem – se escondem diante da verdade por trás de seus próprios vícios, como o anjo por trás da espada – que o Todo-Poderoso te ajude, pai – tua filha pode morrer por ti, mas não pecar.

WURM

Essa sem dúvida será uma novidade para o pobre homem abandonado – "Minha Luise" – ele me disse – "me atirou ao chão. Minha Luise também me levantará" – Eu me apressarei, senhorita, a levar-lhe a resposta. *(Faz como se fosse sair)*

LUISE *(corre atrás dele e o retém)*

Fique! Fique! Paciência! – Como esse demônio é ágil quando se trata de deixar a gente louca! – *Eu* o atirei ao chão. *Eu* tenho de levantá-lo. Fale! Aconselhe-me! O que eu posso, o que eu *devo* fazer?

WURM

Só há *um* meio.

LUISE

E esse meio...?

WURM

Também seu pai o deseja.

LUISE

Também meu pai? – Que meio é esse?

WURM

Será fácil para a senhorita.

LUISE

Eu não sei de nada mais difícil que a vergonha.

WURM

Se a senhorita quiser deixar o major livre?

LUISE

Livre do seu amor? O senhor está zombando de mim? – Deixar ao meu arbítrio aquilo a que eu fui obrigada?

WURM

Não foi isso que eu quis dizer, senhorita. O major tem de renunciar primeiro, e voluntariamente.

LUISE

Ele não o fará.

WURM

É o que parece. Iríamos recorrer à senhorita, se não fosse a única que pudesse ajudar-nos?

LUISE

Posso obrigá-lo a me odiar?

WURM

É o que tentaremos. Sente-se.

LUISE (*perplexa*)

Homem! O que estás preparando?

WURM

Sente-se. Escreva. Aqui tem a pena, o papel e a tinta.

LUISE (*senta-se presa da maior inquietação*)

Que devo escrever? Para quem devo escrever?

WURM

Para o carrasco de seu pai.

LUISE

Ah! Tu sabes como torturar uma alma. (*Toma da pena*)

WURM (*ditando*)

"Prezado Senhor"...

LUISE (*escreve, com mão trêmula*)

WURM

"Três dias insuportáveis já se passaram – se passaram sem que nos víssemos".

LUISE (*espanta-se e depõe a pena*)

Para quem é a carta?

WURM

Para o carrasco de seu pai.

LUISE

Oh! meu Deus!

WURM

"Ponha-o na conta do major – do major – que me vigia o dia todo como um Argos"...

LUISE (*levanta-se de um salto*)

Patifaria como jamais se ouviu antes! Para quem é a carta?

WURM

Para o carrasco de seu pai.

LUISE (*andando de um lado para o outro, esfregando as mãos*)

Não! Não! Não! É tirânico, oh! céu! Castiga um ser humano humanamente, se ele te provocou a ira, mas por que me prensar entre dois horrores? Por que me fazer balançar entre a morte e a infâmia? Por que me colocar esse demônio sugador de sangue na nuca? – Façam o que quiserem, eu jamais escreverei isso.

WURM (*tomando o chapéu*)

Como quiser, *mademoiselle*. Faça aquilo que lhe apraz.

LUISE

Aquilo que me apraz, o senhor diz? Que me apraz? – Vai, bárbaro! Pendura uma infeliz sobre o abismo do inferno, pede-lhe algo, blasfema contra Deus e pergunta-lhe se lhe *apraz*. – Oh! sabes muito bem que nosso coração está preso aos nossos instintos naturais como por correntes – Mas agora é tudo indiferente. Continue a ditar. Eu não penso em mais nada. Eu recuo diante da astúcia do inferno. (*Senta-se pela segunda vez*)

WURM

"O dia todo como um Argos" – escreveu?

LUISE

Adiante! Adiante!

WURM

"Ontem tivemos o presidente em casa. Foi uma cena divertida ver o major defender a minha honra...".

LUISE

Oh! belo, belo, oh! admirável! – Continue.

WURM

"Eu me refugiei num desmaio – num desmaio – para não rir muito alto"...

LUISE

Oh! céus!

WURM

"Mas logo esse fingimento se tornará insuportável – insuportável. – Se eu pudesse me livrar dele"...

LUISE *(pára, levanta-se, anda de um lado para o outro, de cabeça baixa, como se procurasse algo no chão. Depois torna a sentar-se e continua a escrever)*

"Me livrar dele"...

WURM

"Amanhã ele estará de serviço – observe quando ele me deixar e venha ao local combinado" – escreveu "combinado"?

LUISE

Escrevi tudo.

WURM

"Ao local combinado, para sua terna... Luise".

LUISE

Ainda falta o sobrescrito.

WURM

"Ao Senhor Marechal von Kalb".

LUISE

Divina Providência! Um nome tão estranho aos meus ouvidos quanto estas linhas infames ao meu coração.

(Levanta-se e contempla fixamente o escrito durante um longo tempo. Por fim, entrega-o ao secretário e fala com voz esgotada, desfalecente). Tome, senhor. É meu nome honrado – é Ferdinand – é toda a alegria da minha vida que eu ponho em suas mãos – eu sou uma mendiga!

WURM

Oh! não! Não desanime, cara Mademoiselle. Eu tenho uma compaixão sincera pela senhorita. Talvez – quem sabe? – Eu pudesse passar por cima de certas coisas – Sinceramente! Por Deus! Eu tenho compaixão pela senhorita.

LUISE *(olha-o fixa e penetrantemente)*

Não termine de falar, meu senhor. O senhor está a caminho de desejar algo terrível a si mesmo.

WURM *(fazendo menção de beijar-lhe a mão)*

Desde que fosse esta bela mão – Como assim, cara senhorita?

LUISE *(digna e terrível)*

Porque na noite de núpcias eu o estrangularia, e depois me deixaria atar na roda com volúpia. *(Vai sair, mas retorna rapidamente)* Estamos prontos, senhor? A pomba já pode voar?

WURM

Só mais um detalhe. A senhorita tem de me acompanhar e jurar sobre o sacramento[9] que reconhecerá esta carta como voluntária.

LUISE

Deus! Deus! Tu mesmo deves dar o selo que autenticará a obra do inferno? *(Wurm a leva)*

[9] Sacramento: a comunhão.

Quarto Ato

Cena I

Sala na casa do presidente

Ferdinand von Walter, com uma carta aberta na mão, entra impetuosamente por uma das portas; por outra entra um camareiro.

Ferdinand

O marechal não esteve aqui?

Camareiro

Senhor major, o senhor presidente pergunta pelo senhor.

Ferdinand

Raios! Eu perguntei se o marechal não esteve aqui!

Camareiro

Sua Excelência esta na mesa de faraó.

Ferdinand

Diga a Sua Excelência que venha aqui, em nome de todo o inferno. *(O camareiro sai)*

Cena II

Ferdinand, só, relê a carta, ora atônito, ora andando furioso pela sala.

Não é possível. Não é possível. Este invólucro divino não pode esconder um coração tão diabólico. – E no entanto! No entanto! Se todos os anjos descessem do céu para afiançar sua inocência – se o céu e a terra, se a Criação e o Criador se reunissem para afiançar sua inocência – é a letra *dela* – um logro monstruoso, inaudito – como a humanidade ainda não viu! – Por *isso* então ela se opunha tão firmemente a fugir! – Por *isso*, oh!

Deus! – Agora meus olhos se abrem, agora tudo se revela para mim! – Por *isso* ela renunciou tão heroicamente ao meu amor e por pouco, por pouco que a máscara divina não enganou também a *mim*! *(Anda pela sala mais rápido e depois pára, calado, refletindo)* Adivinhar-me assim tão completamente! – Corresponder a cada sentimento impetuoso, a cada tremor leve, sóbrio, a cada exaltação ardente – Compreender a expressão mais sutil, fugaz, indescritível da minha alma – julgar-me por uma única lágrima – acompanhar-me ao cume mais abrupto da paixão, ir ao meu encontro em cada queda vertiginosa – Deus! Deus! E tudo não passava de uma *máscara* – máscara? – Oh! se a mentira tem uma cor tão duradoura, como pode ser que nenhum demônio ainda tenha se servido de uma para penetrar no céu?

Com que fingimento tão convincente a falsa não empalideceu quando eu lhe revelei o perigo que rondava nosso amor! Com que dignidade invencível ela não atirou ao chão o escárnio insolente de meu pai – e naquele exato momento a mulher se sabia culpada – Quê? Ela mesma não resistiu à prova de fogo da verdade – a hipócrita desmaiou. Qual será de agora em diante a tua linguagem, sentimento? Também as coquetes desmaiam. Com o que te justificarás, inocência? Também as rameiras desmaiam.

Ela sabe o que fez comigo. Ela viu toda a minha alma. Meu coração se mostrou por inteiro nos meus olhos, no rubor do primeiro beijo – e ela nada sentiu? Sentiu talvez apenas o triunfo de sua arte, ao ver que minha feliz loucura acreditava abraçar nela o céu inteiro? Que meus desejos mais incontroláveis se calavam? Minha alma não tinha outro pensamento que não fosse para ela e para a eternidade – Deus! E ela nada sentia? Nada sentia, a não ser a consumação do seu golpe? Nada, a não ser a lisonja dos seus encantos? Morte e vingança! Nada, a não ser que eu fora enganado?

Cena III

O marechal e Ferdinand.

MARECHAL *(entrando na sala)*

O senhor manifestou o desejo, meu caro...

FERDINAND *(murmurando para si)*

Partir o pescoço de um velhaco. *(Alto)* Marechal, esta carta deve ter caído de seu bolso durante o desfile – e a sorte *(com um riso maldoso)* quis que fosse *eu* a encontrá-la.

MARECHAL

O senhor?

FERDINAND

Por um divertido acaso. Ponha-o na conta da Divina Providência.

MARECHAL

O senhor pode ver como estou assustado, Barão.

FERDINAND

Leia! Leia! *(Afasta-se dele)* Se eu não sou bom para amante, talvez me saia melhor como alcoviteiro. *(Enquanto o marechal lê, Ferdinand se aproxima da parede e pega duas pistolas que estão penduradas ali)*

MARECHAL *(atira a carta sobre a mesa e quer fugir)*

Maldição!

FERDINAND *(pega-o pelo braço e o traz de volta)*

Paciência, caro marechal. Parece que lhe trouxe notícias agradáveis. Agora quero minha recompensa. *(Mostra-lhe as pistolas)*

MARECHAL *(recua, assustado)*

Meu caro amigo, seja sensato.

FERDINAND *(com uma voz forte, terrível)*

Muito mais do que o necessário para mandar um patife como tu para o outro mundo. *(Força o marechal a segurar*

uma das pistolas, enquanto tira um lenço do bolso) Tome. – Segure o lenço. Foi a meretriz que me deu.

MARECHAL

À distância de um lenço? O senhor está louco? O que pretende fazer?

FERDINAND

Segure na ponta, eu já disse. Ou errarás o tiro, covarde! – Como treme, o covarde! Agradece a Deus, covarde, pois pela primeira vez terás algo dentro da cachola. *(O marechal se safa dali)* Devagar! Gostaria de pedir-lhe que não corra! *(Ultrapassa-o e fecha a porta)*

MARECHAL

Aqui na sala, major?

FERDINAND

E valeria a pena caminhar em tua companhia até os muros da cidade? – Aqui o estrondo será mais forte, meu querido, e este será talvez o primeiro barulho que farás no mundo – Engatilha!

MARECHAL *(enxugando a testa)*

Meu jovem senhor, para que expor assim sua preciosa e promissora vida?

FERDINAND

Engatilha, eu já disse! Eu não tenho mais nada a fazer nesse mundo.

MARECHAL

Mas *eu* sim, e muito, meu excelentíssimo.

FERDINAND

Tu, maroto? O que tens *tu* a fazer? – Servir de tapa-buracos sempre que faltar um homem decente? Encolher ou encurtar sete vezes teu tamanho, como a borboleta no alfinete? Fazer o registro das idas de teu senhor à privada, servir de saco de pancadas aos caprichos dele? Ora, muito bem. Eu te levarei comigo feito marmota rara. Dançarás como um macaco amestrado aos gritos dos

condenados, correrás como um cãozinho atrás do bastão e divertirás o desespero eterno com tuas artes cortesãs.

MARECHAL

Peça o que quiser, o que lhe aprouver, senhor. Mas leve as pistolas daqui!

FERDINAND

Oh! vejam, aí está o filho da dor! Ei-lo, para desonra do sexto dia da criação! Até parece uma edição pirata da obra do Criador. – Que vergonha, que vergonha infinita para essa onça de cérebro, que cresceu tão fraca nessa caveira ingrata. Essa única onça teria bastado para fazer do babuíno um homem completo, e aqui só deu numa migalha de juízo. – E partilhar com *esse* o coração dela? – Que monstruosidade! Que leviandade! – Um sujeito que serve mais para inibir o pecado que para incentivá-lo.

MARECHAL

Oh! graças a Deus, ele está se tornando espirituoso.

FERDINAND

Eu vou respeitar seu direito à vida. A mesma tolerância que poupa uma lagarta deve valer-lhe. Diante de um desses só se pode dar de ombros e, talvez, admirar a sábia economia celeste, que até com borra e bagaço alimenta suas criaturas, que faz da forca um banquete para os corvos e das secreções das majestades uma ceia para os cortesãos. – Por fim ainda admiramos o governo da Providência, que mesmo no mundo dos espíritos remunera suas tarântulas e cobras-cegas pelo transporte do veneno. – Mas *(com ira renovada)* na minha flor o inseto não vai se aninhar, ou eu o reduzirei a uma pasta *(sacudindo o marechal brutalmente)* assim, e assim.

MARECHAL *(suspirando)*

Oh! meu Deus! Quem me dera estar longe daqui, a cem milhas daqui, perto de Paris, em Bicêtre[10], em qualquer parte, mas longe dele!

[10] Bicêtre: aldeia e mosteiro nas proximidades de Paris, que desde 1656 servia como manicômio e hospital de indigentes.

FERDINAND

Patife! Se ela não for mais *pura*! Se tiveres *desfrutado* daquilo que eu *adorava*! *(Com fúria ainda maior)* Se tiveres te *regalado* onde eu me sentia um *deus*! *(Cala-se de repente; depois, terrível)* Para ti, patife, seria melhor te refugiares no inferno que encontrar minha ira no céu. – Até onde chegaste com ela? Confessa!

MARECHAL

Deixe-me. Eu revelarei tudo.

FERDINAND

Oh! deve ser mais deleitoso se entregar à *luxúria* com ela que a um *devaneio celestial* com outra. Se ela quisesse se entregar à dissolução – se ela quisesse, ela poderia fazer baixar o valor da *alma* e mascarar a lascívia com a virtude. *(Apontando a pistola para o coração do major)* Até onde chegaste com ela? Ah! confessas ou queres que eu atire?

MARECHAL

Não há nada – não houve nada. Um minuto só de paciência, o senhor foi enganado.

FERDINAND

E tens de me lembrar disso, pérfido? Até onde chegaste com ela? Confessa ou estás morto.

MARECHAL

Mon Dieu! Meu Deus! Eu falo – mas ouça – seu pai – seu próprio pai...

FERDINAND *(mais irado)*

Alcovitou a filha contigo? E até onde chegaste com ela? Confessa, ou eu te mato.

MARECHAL

O senhor está louco. O senhor não ouve. Eu nunca a vi. Eu não a conheço. Eu nada sei sobre ela.

FERDINAND *(recuando)*

Nunca a viste? Não a conheces? Nada sabes sobre ela? – Por tua causa Luise Miller está perdida, e tu a negas

três vezes de *um* só fôlego – Fora, sujeito ordinário! *(Bate-lhe com a pistola e o empurra para fora da sala)* Não foi para gente como tu que se inventou a pólvora.

CENA IV

Ferdinand, depois de um longo tempo de silêncio, durante o qual sua expressão denuncia pensamentos terríveis.

Perdidos! Sim, desventurada! – *Eu* estou perdido. *Tu* também estás! Sim, pelo bom Deus! Se eu estou perdido, tu também estás! – Juiz do Mundo! Não a reclames de mim! Ela é minha. Por ela eu abdiquei de todo o teu mundo, renunciei a toda tua divina criação. Deixa a moça para mim. – Juiz do Mundo! Milhões de almas gemem por ti – volta o olhar de tua misericórdia para elas – Deixa-me agir sozinho, Juiz do Mundo! *(Juntando as mãos, com uma expressão terrível)* O rico, opulento Criador seria avaro de uma única alma, que além de tudo é a pior da sua criação? – A moça me pertence! Eu, que fui o seu Deus, serei agora o seu demônio. *(Com um olhar medonho para um canto da sala)* Uma eternidade atado com ela à roda da maldição – olhando-nos nos olhos – nossos cabelos arrepiados se confundindo – nossos gemidos cavos se fundindo num só – E então recordar-lhe as minhas carícias – e então lhe declamar suas juras – Deus! Deus! O casamento é terrível – mas eterno! *(Vai sair. O presidente entra)*

CENA V

O presidente e Ferdinand.

FERDINAND *(recuando)*

Oh! – Meu pai!

PRESIDENTE

Que bom encontrar-te aqui, meu filho. Eu venho dar-te uma boa notícia, que certamente te surpreenderá. Vamos nos sentar?

FERDINAND *(olha-o fixamente por um longo tempo)*

Meu pai! *(Com uma comoção mais forte, aproxima-se dele e toma-lhe a mão)* Meu pai! *(Beija-lhe a mão, caindo de joelhos)* Oh! meu pai!

PRESIDENTE

O que tens, meu filho? Levanta-te. Tua mão arde e treme.

FERDINAND *(com um sentimento ardente, impetuoso)*

Perdoe minha ingratidão, meu pai! Eu sou um ser indigno. Eu não soube reconhecer sua bondade. O senhor agiu como um pai – Oh! O senhor tinha uma alma clarividente – Agora é muito tarde – Perdão! Perdão! Sua bênção, meu pai!

PRESIDENTE *(com uma fingida expressão de inocência)*

Levanta-te, meu filho, acalma-te, estás falando por enigmas.

FERDINAND

Essa Luise Miller, meu pai – Oh! o senhor conhece as pessoas – sua ira era tão justa, tão nobre, de um calor tão paternal – Apenas o zelo paterno escolheu os meios errados – essa Luise Miller!

PRESIDENTE

Não me martirizes, meu filho. Eu maldigo minha dureza! Eu vim para te pedir perdão.

FERDINAND

Pedir perdão? A *mim*? – Antes maldiga-me! – Sua reprovação era sabedoria. Sua dureza era sublime compaixão – Essa Luise Miller, pai. –

PRESIDENTE

É uma moça nobre, adorável. – Eu retiro as minhas suspeitas precipitadas. Ela ganhou o meu respeito.

FERDINAND *(põe-se em pé de um salto, atônito)*

O quê? O senhor também? – Pai! O senhor também? – Não é verdade, meu pai – uma criatura que é a inocência em pessoa? – E é tão humano amar essa moça!

PRESIDENTE

Diga antes: é um crime não amá-la.

FERDINAND

Incrível! Monstruoso! – O senhor, que costuma ver através dos corações! E além disso, via com os olhos do ódio! – Hipocrisia sem igual! – Essa Luise Miller, pai...

PRESIDENTE

É digna de ser minha filha. Eu tomarei sua virtude por uma linhagem nobre, e sua beleza por ouro. Meus planos cedem lugar ao teu amor. Que ela seja tua.

FERDINAND *(sai da sala numa precipitação terrível)*

Só faltava esta! – Adeus, meu pai! *(Sai)*

PRESIDENTE *(indo atrás dele)*

Fica! Fica! Aonde vais assim? *(Sai)*

CENA VI

Um salão suntuoso na casa da Lady

A Lady e Sophie entram.

LADY

Então a viste? Ela virá?

SOPHIE

Agora mesmo. Ela estava em trajes domésticos e ia apenas mudar de roupa rapidamente.

LADY

Não me digas nada a respeito dela. – Cala-te – eu tremo como uma criminosa à idéia de vê-la – a afortunada cujos

sentimentos se harmonizam tão terrivelmente com os do meu coração. – E como ela recebeu o convite?

SOPHIE

Ela pareceu atônita, ficou pensativa, olhou-me com olhos muito abertos e calou-se. Eu já me preparava para ouvir uma desculpa, quando ela, com um olhar que me surpreendeu completamente, disse: Sua senhora me ordena o que eu iria pedir-lhe amanhã.

LADY *(muito inquieta)*

Deixa-me, Sophie. Lamenta-me. Se ela for apenas uma mulher comum, eu enrubescerei, e se ela for mais que isso, desesperarei.

SOPHIE

Mas, *milady* – Não é com essa disposição que se recebe uma rival. Lembre-se de quem a senhora é. Apele para seu nascimento, sua condição, seu poder. Um coração mais orgulhoso deve realçar a pompa da sua figura orgulhosa.

LADY *(ausente)*

Que bobagens dizes, tolinha?

SOPHIE *(maliciosa)*

Ou será só por acaso que hoje a senhora exibe o brilho das suas jóias mais preciosas? Por acaso, que a senhora hoje veste suas roupas mais luxuosas – que sua antecâmara fervilha de servidores e pajens e que a moça burguesa seja recebida no salão mais nobre do seu palácio?

LADY *(andando de um lado para o outro, com irritação)*

Maldição! Insuportável! Ai! que as mulheres têm olhos de lince para as fraquezas femininas! – Mas quão fundo, quão fundo eu já devo ter caído, para que uma criatura dessas possa sondar-me

UM CAMAREIRO *(entrando)*

A senhorita Miller.

LADY *(a Sophie)*

Vai-te! Afasta-te! *(ameaçadora, diante da hesitação da camareira)* Vai-te, eu ordeno. *(Sophie sai, a Lady dá um passeio pela sala).* Bom! Muito bom que eu me tenha exaltado. Estou como queria. *(Ao camareiro)* A senhorita pode entrar. *(O camareiro sai. Ela se atira sobre o sofá e assume uma atitude de distinta negligência)*

CENA VII

Luise Miller entra timidamente e pára a grande distância da Lady. Esta lhe voltou as costas e a observa atentamente durante algum tempo pelo espelho em frente.

LUISE *(depois de uma pausa)*

Minha senhora, eu estou ao seu dispor.

LADY *(volta-se para Luise e apenas acena com a cabeça, alheia e retraída)*

Ahá! A senhorita está aqui? – Sem dúvida, a senhorita – uma certa – como é mesmo o seu nome?

LUISE *(um pouco ressentida)*

Meu pai se chama Miller, Sua Senhoria *mandou chamar* pela filha dele.

LADY

Está certo! Está certo! Eu me lembro – a pobre filha do músico, de quem se falava há pouco. *(Depois de uma pausa, para si)* Muito interessante, e no entanto, nenhuma beldade. – *(A Luise)* Aproxime-se, minha filha. *(Novamente para si)* Olhos acostumados a chorar – como eu os amo, esses olhos! *(De novo a Luise)* Mais perto – bem perto – boa menina, quer me parecer que me *temes*?

LUISE *(com um tom decidido e digno)*

Não, *milady*. Eu desprezo o julgamento da multidão.

LADY *(para si)*

Veja só! – E esta obstinação ela aprendeu com *ele*. *(Alto)* A senhorita me foi recomendada. Disseram-me que possui certas aptidões e sabe se comportar – Pois bem, eu quero crer nisso – e por nada nesse mundo eu acusaria um intercessor tão ardente de mentir.

LUISE

Mas eu não conheço ninguém, *milady*, que se desse o trabalho de me procurar uma protetora.

LADY *(com afetação)*

Trabalho pela protegida ou pela protetora?

LUISE

Isso está além da minha compreensão, minha senhora.

LADY

Mais manha do que essa expressão de franqueza deixa supor! A senhorita se chama Luise? E que idade tem, se é permitido perguntar?

LUISE

Dezesseis anos completos.

LADY *(levanta-se de súbito)*

Aí está. Dezesseis anos! O primeiro pulsar dessa paixão! – A primeira nota a soar do piano ainda intocado. – Nada é mais sedutor – Sente-se, eu tenho boas intenções, minha jovem. – E *ele* também ama pela primeira vez – Não é de estranhar que os raios de *uma* aurora se encontrem. *(Muito cordial, tomando a mão de Luise)* Ficamos assim. Eu quero a tua felicidade, minha cara. – Nada, nada a não ser a doce e efêmera fantasia. *(Acariciando-lhe a face)* Minha Sophie vai se casar. Tu tomarás o lugar dela – Dezesseis anos! Não pode ser duradouro.

LUISE *(beija-lhe a mão respeitosamente)*

Eu lhe agradeço a generosidade, *milady*, ainda que não possa aceitar.

LADY *(demonstrando indignação)*

Vejam a grande dama! – Jovens da *sua* origem, meu tesouro, normalmente se dão por felizes quando encontram a quem servir – e *a senhorita*, para onde mais pensa ir? Esses dedos serão delicados demais para o trabalho? E esse rostinho, no qual mostra tanta insolência, também será?

LUISE

Meu rosto, prezada senhora, me pertence tão pouco quanto minha origem.

LADY

Ou talvez a senhorita pense que nada disso terá fim? – Pobre criatura, quem te pôs isso na cabeça – seja lá quem for – troçou de ambos. Essas faces não foram douradas no fogo. O que teu espelho a te faz parecer sólido e eterno não passa de uma fina camada de espuma de ouro que cedo ou tarde ficará nas mãos do teu admirador. – O que fará *então*?

LUISE

Lamentar o admirador, *milady*, que comprou um *diamante* porque lhe parecia revestido de *ouro*.

LADY *(sem lhe dar atenção)*

Uma moça da sua idade tem sempre dois espelhos ao mesmo tempo, o verdadeiro e o seu admirador. – A amável flexibilidade deste compensa a rude sinceridade daquele. Um censura uma feia cicatriz de varíola. Nada disso, diz o outro, é uma covinha que as Graças lhe fizeram. Vós, crianças, atribuís *àquele* o que *este* vos disse, saltais de um para o outro até confundir o que ambos disseram – Por que me olha assim?

LUISE

Perdoe, minha senhora – Eu estava a ponto de chorar por esse rubi de brilho tão belo, que não sabe que sua dona é uma inimiga tão decidida da vaidade.

LADY *(enrubescendo)*

Não mude de assunto, manhosa! – Se não são as promessas da sua figura, o que no mundo poderia

impedi-la de escolher a única posição em que poderá aprender boas maneiras e conhecer o mundo, a única na qual poderia se livrar dos seus preconceitos burgueses?

LUISE

Também da minha inocência burguesa, *milady*?

LADY

Objeção pueril! O patife mais atrevido é tímido demais para nos exigir algo desonroso se nós mesmas não o encorajamos a isso. Mostre quem é. Mostre-se honrada e digna, e eu lhe garanto que sua juventude resistirá a todas as tentações.

LUISE

Permita-me, minha senhora, que me atreva a duvidar. Os palácios de certas damas são muitas vezes o refúgio dos prazeres mais impudentes. Quem acreditaria no heroísmo da filha do músico, no heroísmo de se lançar no meio da peste e, no entanto, tremer diante do seu contágio? Quem jamais pensaria que Lady Milford tem um escorpião a lhe picar perenemente a consciência, que ela gasta fortunas para ter o privilégio de enrubescer a qualquer momento? – Eu sou sincera, minha senhora. – A minha presença lhe daria prazer no momento de sair para um divertimento? A senhora a suportaria ao retornar? – Oh! é melhor! Melhor! – que a senhora deixe que um continente nos separe – deixe oceanos correr entre nós duas – tente imaginar, *milady* – horas de sobriedade, momentos de *exaustão* poderiam chegar – serpentes de arrependimento poderiam picar-lhe o seio e *então* – que tortura para a senhora, ler no rosto da sua criada a *alegre paz* com que a inocência costuma recompensar um coração puro. *(Dá um passo atrás)* Eu mais uma vez lhe peço perdão, minha senhora.

LADY *(presa de grande comoção, continua a andar pela sala)*

Insuportável que ela me diga isso! Ainda mais insuportável que ela tenha razão. *(Dirigindo-se a Luise e a olhando fixamente nos olhos)* Menina, não me enganarás. *Opiniões* não se expressam com tal calor. Por trás dessas

máximas espia um ardente interesse, que a ti torna o *meu* serviço especialmente repulsivo – que aquece a tal ponto tua fala – e que eu *(ameaçadora)* preciso descobrir.

LUISE *(tranqüila e nobre)*

E se a senhora o descobrir? E se o seu pontapé desdenhoso despertasse o verme ofendido a quem o Criador deu um ferrão contra os maus tratos? – Eu não temeria sua vingança Lady – a pobre pecadora posta na famigerada cadeira do carrasco ri da decadência do mundo. – Minha miséria se avolumou tanto que mesmo a sinceridade não pode aumentá-la mais. *(Depois de uma pausa, muito séria)* A senhora quer me erguer do pó da minha origem. Eu não quero analisar esta generosidade suspeita. Eu só quero perguntar o que pode ter levado *milady* a me tomar pela tola que enrubesce por causa de sua origem. O que lhe deu o direito de se arvorar em criadora da minha felicidade, antes mesmo de saber se eu quero recebê-la das *suas* mãos? – Eu havia rasgado minha pretensão eterna às alegrias do mundo. Eu havia perdoado à felicidade a sua precipitação. – Por que a senhora vem me fazer lembrar dela? Se até a divindade esconde o seu esplendor às criaturas, para que o seu arcanjo não se atemorize diante da própria obscuridade – por que os homens têm de ser tão cruelmente misericordiosos? – Como pode acontecer, *milady*, que a sua tão incensada felicidade se compraza em mendigar à *miséria* a inveja e a admiração? – Seu êxtase tem tanta necessidade do desespero como pano de fundo? – Oh! dê-me de preferência a cegueira, que só ela pode reconciliar-me com meu bárbaro destino. – Afinal, o inseto se sente tão bem-aventurado numa gota d'água, como se ela fosse o reino dos céus, tão alegre e feliz, até que lhe venham falar do oceano onde as frotas de navios e as baleias brincam! – Mas a senhora quer me *ver feliz*? *(Depois de uma pausa, aproximando-se da Lady e perguntando-lhe de surpresa) A senhora* é feliz, *mylady*? *(Esta se afasta bruscamente, perplexa. Luise a segue e ergue a mão à altura do peito dela)* Este coração também tem a figura risonha da sua nobreza? Se agora devêssemos trocar peito por peito, destino por destino – e se eu perguntasse – com inocência infantil – à sua consciência

– se eu lhe perguntasse como à minha mãe – a senhora me aconselharia a troca?

LADY *(com violenta comoção, atira-se no sofá)*

Inexplicável! Incompreensível! Não, menina! Não! – Esta grandeza não veio contigo ao mundo, e é juvenil demais para provir de um *pai*. Não minta. Eu ouço um *outro* mestre...

LUISE *(olhando-a penetrantemente nos olhos)*

Muito me admira, *milady*, que *agora* lhe ocorra esse mestre, mas que *antes* a senhora já soubesse uma posição para mim.

LADY *(levanta-se de um salto)*

É intolerável! – Pois bem! Já que eu não posso escondê-lo de ti. Eu o conheço – sei tudo – sei mais do que eu gostaria de saber. *(Pára de repente; depois, com uma exaltação que aos poucos a deixa fora de si)* Mas ousa, infeliz – ousa ainda amá-lo ou ser amada por ele – que digo? – Ousa pensar nele ou ser um dos pensamentos *dele* – Eu sou *poderosa*, infeliz – *terrível*. – Tão certo como há um Deus! Estás perdida!

LUISE *(firme)*

Sem salvação, *milady*, assim que a senhora puder obrigá-lo a *amá-la*.

LADY

Eu te compreendo – mas ele não *tem* de me amar. Eu quero triunfar sobre essa paixão infame, reprimir meu coração e esmagar o teu. – Quero atirar rochedos e abismos entre vós; atravessar vosso céu como uma Fúria; meu nome deve afugentar vossos beijos como um fantasma faz a um bando de criminosos. Tua figura jovem e florescente murchará como uma múmia sob os abraços dele – Eu não posso ser feliz com ele – mas *tu* também não serás – Fica sabendo, miserável! Destruir a felicidade também é felicidade!

LUISE

Uma felicidade que já lhe tomaram, *milady*. Não blasfeme contra o seu próprio coração. A senhora não é

capaz de fazer isso com que me ameaça. A senhora não é capaz de torturar uma criatura que nada lhe fez, a não ser sentir o mesmo que a senhora. – Mas eu a amo por esta exaltação, *milady*.

LADY *(que se controlou)*

Onde estou? Onde estive? O que eu revelei? *A quem* eu revelei? – Oh! Luise, nobre, grande, divina alma! Perdoa uma louca. – Eu não quero te magoar um fio de cabelo, minha criança. Pede o que quiseres, exige-o, eu o entregarei em tuas mãos – quero ser tua amiga, tua irmã – És pobre – Vê *(tira algumas jóias)* Eu quero vender estas jóias – minhas roupas, cavalo e carruagem – tudo será *teu*, mas renuncia a ele!

LUISE *(recuando, com estranheza)*

Ela escarnece de uma desesperada ou realmente não terá tomado parte no ato bárbaro? – Ah! Então eu poderia dar-me ares de uma heroína, e mascarar minha impotência como mérito. *(Fica por um momento pensativa, depois aproxima-se da Lady, toma-lhe a mão e a olha fixa e expressivamente)* Tome-o, então, *milady*. – Eu lhe cedo *voluntariamente* o homem que me arrancaram do coração sangrento com as garras do inferno... – Talvez não saiba, *milady*, mas *a senhora* destruiu o paraíso de dois amantes, separou dois corações que *Deus* havia unido, esmagou uma criatura que era tão *cara* a ele como a senhora, que ele criou para a alegria como a senhora, que o louvava como a senhora, e nunca mais o louvará – Lady! No ouvido de Deus Onisciente também grita a última convulsão do verme pisoteado – não há de lhe ser indiferente que se mate uma alma com as próprias mãos! Agora ele é *seu*! Agora, *mylady*, tome-o para si. Corra para os seus braços. Arraste-o para o altar – Mas não esqueça que o *fantasma* de uma *suicida* se colocará entre seu beijo de núpcias – Deus terá piedade – Eu não tenho alternativa. *(Sai apressadamente)*

Cena VIII

Lady, só, abalada e fora de si, olhando fixamente a porta pela qual Luise saiu. Depois, saindo de seu abatimento.

Que foi isso? Que me aconteceu? O que disse a infeliz? – Ainda, céus, ainda me dilaceram os ouvidos as palavras terríveis que me amaldiçoaram: *Tome-o para si!* A *quem*, desventurada? Ao presente dos teus estertores – o horrível legado do teu desespero? Deus! Deus! Terei caído *tão* baixo – terei despencado tão repentinamente de todos os tronos do meu orgulho, a ponto de esperar faminta pelo que a magnanimidade de uma mendiga me atirar do seu último embate de morte? – *Tome-o para si!* E disse isso com um tom, acompanhou-o de um olhar – Ah! Emilie! *Para isso* ultrapassaste os limites do teu sexo? *Para isto* disputaste o glorioso nome da grande *mulher* inglesa, para que o imponente edifício da tua *honra* desabasse diante da virtude mais alta de uma moça burguesa desvalida? – Não, orgulhosa infeliz! Não! – Emilie Milford se deixa *vexar* – mas *infamar* nunca! Também *eu* tenho forças para renunciar.

(Anda de um lado para o outro com passos majestosos)

Esconde-te agora, mulher fraca e sofredora – Adeus, doces imagens douradas do amor – Só a magnanimidade agora me sirva de guia. – Este casal apaixonado está perdido, a não ser que Milford extermine suas pretensões e apague-se do coração do príncipe! *(Depois de uma pausa, com vivacidade)* Está feito! – O terrível obstáculo está removido – rompidos todos os laços entre mim e o duque, arrancado do meu peito este amor furioso! – Eu me atiro nos teus braços, virtude! – Acolhe Emilie, tua filha arrependida – Ah! Como me sinto bem! Como me sinto leve de repente! E elevada! – Grande como um sol que se põe, eu quero hoje descer do cume da minha grandeza, que minha glória morra com meu amor e nada, a não ser meu *coração* me acompanhe neste orgulhoso exílio! *(Dirige-se resolutamente à escrivaninha)* Tem de ser agora mesmo – agora, neste

momento, antes que os encantos do belo jovem façam reiniciar no meu coração o sangrento combate. *(Senta-se e começa a escrever)*

Cena IX

Lady, um camareiro e o marechal. Depois, criados.

Camareiro

O Marechal von Kalb está na antecâmara, com uma incumbência do duque.

Lady *(no calor da escrita)*

O sereníssimo fantoche vai ter uma vertigem. De fato! É uma idéia bem divertida colocar o crânio de um príncipe assim em desordem! – a sua camarilha de aduladores vai ficar em polvorosa. – Todo o ducado vai ferver.

Camareiro e Sophie

O marechal von Kalb, *milady* –

Lady *(voltando-se)*

Quem? O quê? – Tanto melhor! Criaturas como ele vieram ao mundo para burros de carga. Ele é bem-vindo.

Camareiro *(sai)*

Sophie *(aproximando-se, temerosa)*

Se eu não temesse cometer uma audácia, *milady*, – *(a Lady continua a escrever febrilmente)* a senhorita Miller passou correndo pela antecâmara fora de si – a senhora está afogueada – a senhora está falando sozinha – *(a Lady continua a escrever)* Eu estou amedrontada – O que terá acontecido?

Marechal *(entra, faz mil reverências às costas da Lady; como ela não nota logo sua presença, ele se aproxima, coloca-se por trás da poltrona, tenta desvencilhar uma ponta do vestido dela, que ele beija, com lábios tímidos)*

Serenissimus...

LADY *(polvilhando a carta com areia)*

Ele vai me acusar de negra ingratidão – Eu estava abandonada – Ele me tirou da miséria – Da miséria? Ilusão repulsiva! Rasga tua fatura, sedutor! – O *rubor* da minha eterna vergonha a ressarce com juros.

MARECHAL *(depois de ter inutilmente andado à roda da Lady)*

Milady parece um pouco distraída – Acho que terei de me permitir a ousadia. *(Bem alto) Serenissimus* me enviou, *milady*, para perguntar se esta noite teremos *Vaux-hall*[11] ou comédia alemã.

LADY *(levanta-se rindo)*

Um dos dois, meu anjo – Enquanto isso, leve esta carta para o duque, como sobremesa. *(A Sophie)* Sophie, manda preparar a carruagem e que toda a criadagem se reúna nesta sala.

SOPHIE *(saindo, aturdida)*

Oh! céus! Que pressentimento é esse? Que vai acontecer ainda?

MARECHAL

A senhora está exaltada, minha senhora.

LADY

O que me diminui as chances de mentir – Hurra, senhor marechal! Um lugar ficará vago. Tempo bom para os alcoviteiros. *(Vendo que o marechal lança um olhar indagador para a carta)* Leia, leia! – É meu desejo que o conteúdo não permaneça em segredo.

MARECHAL *(lê, enquanto os criados da Lady se reúnem ao fundo)*

"Excelentíssimo Senhor

um contrato que *o senhor* rompeu tão levianamente não pode mais *me* prender. A felicidade da sua terra era a condição do meu amor. Por três anos perdurou a fraude. A venda caiu-me dos olhos; eu abomino favores dos quais gotejam as lágrimas dos súditos. – Dê o amor a que *eu* já

[11] *Vaux-hall*: *garden-party* noturna em estilo inglês, denominada segundo a aldeia de Vaux-hall, nas proximidades de Londres.

não posso corresponder a sua pátria em prantos, e aprenda com uma *princesa britânica* a ter misericórdia do seu *povo alemão*. Em uma hora terei crûzado a fronteira.

Johanna Norfolk"

TODOS OS CRIADOS *(murmurando atônitos, todos ao mesmo tempo)*

Cruzado a fronteira?

MARECHAL *(coloca a carta sobre a mesa, apavorado)*

Deus do céu, minha cara e excelentíssima senhora. O mensageiro deve temer tanto por seu pescoço quanto a remetente.

LADY

Isso é problema teu, homem de ouro – Infelizmente eu sei que tu e os da tua igualha sufocais ao repetir o que os outros fizeram! – A *minha* sugestão é que se mande assar a carta numa empada, assim *Serenissimus* a encontrará no prato.

MARECHAL

Ciel! Que audácia! – Pense bem – considere a extensão da desgraça na qual vai cair, Lady!

LADY *(dirige-se à criadagem reunida e fala o seguinte, com a mais íntima comoção)*

Boa gente, estais atônitos, esperais a solução do enigma? – Aproximai-vos, meus caros. Haveis-me servido com correção e dedicação, olhastes-me mais nos olhos que na bolsa, vossa obediência era vossa paixão, vosso orgulho – meu favor! – Ai! Que a memória da vossa fidelidade deva ser ao mesmo tempo a lembrança da minha humilhação! Triste destino, que os meus dias mais negros tenham sido os mais felizes para vós. *(Com lágrimas nos olhos)* Eu os despeço, meus filhos – Lady Milford já não há mais, e Johanna von Norfolk é pobre demais para pagar suas dívidas – O meu tesoureiro repartirá entre vós o meu cofre – Este palácio pertence ao duque. – O mais pobre de vós sairá daqui mais rico que sua senhora. *(Ela estende a mão que um após o outro*

beija com paixão) Eu vos *compreendo*, meus queridos. Adeus! Adeus para sempre. *(Ela se recupera de sua aflição)* Eu ouço a carruagem. *(Ela se desvencilha, quer sair, o marechal lhe impede a passagem)* Ainda estás aí, criatura deplorável?

MARECHAL *(que esse tempo todo olhou para a carta com uma expressão de bancarrota mental)*

E eu devo entregar esta carta nas próprias mãos augustas de sua sereníssima alteza, o príncipe?

LADY

Criatura deplorável! Nas próprias mãos augustas, e também deves dizer nos próprios ouvidos augustos que, uma vez que eu não posso caminhar descalça até Loretto[12], eu trabalharei para o meu sustento diário, a fim de me purificar da infâmia de o haver dominado.

(Sai apressadamente. Os outros se dispersam, muito comovidos)

[12] Cidade na Itália, conhecida como local de peregrinação.

QUINTO ATO

Crepúsculo; sala na casa do músico

CENA I

Luise está sentada imóvel e em silêncio no canto mais escuro da sala, a cabeça apoiada num braço. Depois de uma longa e profunda pausa, Miller entra com uma lanterna de mão, ilumina a sala em torno de si, sem perceber a presença de Luise; depois põe o chapéu e a lanterna sobre a mesa.

MILLER

Aqui ela também não está – Aqui também não. Eu andei por todos os becos, estive na casa de todos os conhecidos, perguntei em todas as portas – Ninguém viu a minha filha em parte alguma. *(Cala-se por um momento)* Paciência, pobre pai infeliz. Espera até o amanhecer. Quem sabe então tua única filha seja lançada às margens – Deus! Deus! Será que o apego do meu coração por ela era idolatria demasiada? – O castigo é duro. Duro, Pai do Céu! Não quero queixar-me, Pai do Céu, mas o castigo é duro. *(Atira-se tristemente numa cadeira)*

LUISE *(fala do seu canto)*

Fazes o que é certo, pobre velho! Aprende a perder enquanto ainda é tempo.

MILLER *(levanta-se de um salto)*

Estás aí, minha filha? És tu? – Mas por que tão só e no escuro?

LUISE

Por isso mesmo não estou só. Quando as trevas me envolvem, eu tenho a minha melhor companhia.

MILLER

Deus te proteja! Apenas a má consciência corteja a coruja. Pecados e maus espíritos temem a luz.

LUISE

Também a *eternidade*, pai, que fala às almas desvalidas.

MILLER

Filha! Filha! Que palavras são essas?

LUISE *(levanta-se e vem para a frente)*

Eu lutei uma dura luta. O senhor sabe, pai. Deus me deu forças. A luta está decidida. Pai! Chamam ao nosso sexo de frágil e delicado. Não acredite mais nisso. Nós estremecemos ao ver uma aranha, mas o monstro negro da *corrupção* nós apertamos nos braços brincando. Isto como informação, pai. Sua Luise está alegre.

MILLER

Ouve, filha! Eu gostaria que gritasses. Assim me agradarias mais.

LUISE

Como eu quero lográ-lo, pai! Como eu quero enganar o tirano! – O amor é mais astuto que a maldade, e mais ousado – isto aquele homem com a triste estrela no peito não sabe. – Oh! Eles são astutos quando têm de se haver com a cabeça, mas assim que se envolvem com o coração, os malvados se tornam burros. – Ele pensou que selaria sua fraude com um juramento? Juramentos, pai, atam os vivos, na morte se dissolvem até as algemas de ferro do sacramento. Ferdinand conhecerá sua Luise – O senhor quer entregar esta carta para mim, pai? O senhor me faria este favor?

MILLER

A quem, minha filha?

LUISE

Que pergunta! O infinito e meu coração juntos não têm espaço para um único pensamento *nele* – A quem mais eu deveria escrever?

MILLER *(inquieto)*

Ouve, Luise, eu vou abrir esta carta.

LUISE

Como quiser, pai – mas o senhor não poderá entendê-la. As letras estão aí como um cadáver frio, somente ganham vida aos olhos do amor.

MILLER *(lê)*

"Foste traído, Ferdinand – uma patifaria sem igual rompeu os laços dos nossos corações, mas um terrível juramento amordaçou-me, e teu pai colocou seus espiões em toda parte. Mas se tens coragem, meu amor – eu sei de um *terceiro* lugar, onde nenhum juramento nos prende e onde nenhum espião pode vigiar-nos" *(Miller pára de ler e fita-a no rosto, com expressão séria)*

LUISE

Por que me olha assim? Leia até o fim, pai.

MILLER

"Mas tens de ter a coragem de trilhar uma via escura, onde nada te ilumina, a não ser Luise e Deus – Deves vir só *amor*, deixar para trás todas as tuas esperanças e todos os teus desejos tumultuosos; de nada precisarás a não ser do teu coração. Se queres vir – então parte quando o sino da torre dos carmelitas soar a décima-segunda badalada. Se tiveres medo – então risca a palavra "forte" do teu sexo, pois uma menina te haverá humilhado". *(Miller põe a carta sobre a mesa, fica por um longo tempo a olhar fixamente diante de si, com uma expressão dolorosa. Por fim se volta para ela e diz, com voz baixa e entrecortada)* E onde fica esse terceiro lugar, minha filha?

LUISE

O senhor não o conhece? Não o conhece mesmo, pai? – Estranho! Eu o descrevi para que pudesse ser encontrado. Ferdinand o encontrará.

MILLER

Hum! Fala mais claro.

LUISE

Eu não conheço nenhuma palavra bonita para nomeá-lo – Não vá se assustar, pai, se eu disser uma feia. Este

lugar – oh! por que o amor não inventou nomes? Ele teria dado o mais belo a este. O terceiro lugar, bom pai – mas o senhor deve deixar-me falar até o fim – o terceiro lugar é a *tumba.*

MILLER *(cambaleia até a poltrona)*

Oh! meu Deus!

LUISE *(corre para ele e o ampara)*

Mas não, meu pai! São apenas os temores que envolvem a palavra – Se os espantamos, há ali um leito de noiva, sobre o qual a manhã estende o seu manto de ouro e as primaveras despejam suas guirlandas coloridas. Só um pecador choroso pode representar a morte como um esqueleto; não, é um menino belo e encantador, florescente, como se costuma pintar o deus do amor, apenas não tão traiçoeiro – um gênio silencioso e serviçal, que auxilia com seu braço a alma peregrina exausta a transpor os abismos do tempo, que abre o castelo encantado da glória eterna, acena cordialmente e desaparece.

MILLER

Que pretendes, minha filha? Queres voltar tuas próprias mãos contra ti?

LUISE

Não o chames assim, meu pai. Retirar-me de uma sociedade onde sou indesejada – antecipar a ida a um lugar que eu mal posso esperar para conhecer – Será pecado?

MILLER

Suicídio é o mais repulsivo dos pecados, minha filha – o único de que não podemos nos arrepender porque a morte coincide com o crime.

LUISE *(fica como que petrificada)*

Horrível! Mas não deve acontecer tão rápido. Eu me atirarei ao rio, pai, e ao *afundar* pedirei perdão a Deus.

MILLER

Quer dizer que queres te arrepender do roubo depois que tiveres colocado o produto em lugar seguro – Filha!

Filha! Olha que não zombes de Deus quando mais precisas dele. Oh! até onde chegaste! Até onde! – Deixaste de rezar, e Deus misericordioso retirou-te sua mão.

LUISE

Amar é crime, pai?

MILLER

Se amas a Deus, nunca amarás até o crime – Tu me encurvaste, minha filha única, profundamente, profundamente, talvez até o túmulo. – Não! Eu não quero deixar o teu coração *ainda mais* pesado. Filha! Eu disse algo há pouco, quando pensei estar sozinho. Tu me ouviste, e por que eu deveria escondê-lo por mais tempo? Tu eras o meu ídolo. Ouve, Luise. Se ainda guardas um lugar para o sentimento de um pai – Eras meu *tudo.* Não desperdices mais o que possuis. Também *eu* tenho tudo a perder. Vê, meus cabelos começam a embranquecer. Aos poucos vai chegando para mim o tempo em que os capitais que nós, os pais, investimos no coração dos nossos filhos revertem em nosso favor – Queres fraudar-me, Luise? Queres fugir com os haveres de teu pai?

LUISE *(beija-lhe a mão, profundamente emocionada)*

Não, meu pai, eu me vou do mundo como tua devedora, e quero pagar-te com juros na eternidade.

MILLER

Cuida, minha filha, para que não erres o cálculo. *(Muito sério e solene)* Será que nos reencontraremos lá? – Vê como empalideces! – Minha Luise compreende por si mesma que eu talvez não a possa alcançar no outro mundo, porque eu não me apresso a ir *tão cedo* para lá como ela. *(Luise se atira nos braços dele, tomada de pavor. – Ele a aperta fervorosamente contra o peito e continua, com voz suplicante)* Oh! filha, filha! Filha caída, perdida já, talvez. Acolhe em teu peito a severa palavra de um pai. Eu não posso velar por ti. Se eu te tomo a faca, podes matar-te com uma agulha. Eu posso proteger-te do veneno, tu podes enforcar-te com um colar de pérolas. Luise – Luise – eu posso tão-somente te *advertir* – queres

chegar ao ponto em que tua infiel miragem se afaste de ti na terrível ponte entre o tempo e a eternidade? Queres ousar apresentar-te diante do trono de Deus Onisciente com uma mentira nos lábios: *por tua causa*, Criador, estou aqui? E isso no mesmo momento em que teus olhos delituosos procuram por seu ídolo mortal? – E quando esse frágil deus da tua imaginação, um verme agora, como tu, se retorcer aos pés de teu juiz, e, nesse momento de tremor, acusar de mentira a tua ímpia ousadia, e banir tuas frustradas esperanças de misericórdia divina, que o miserável mal pode suplicar para si mesmo – E então? *(mais alto, com ênfase)* – Que será de ti, infeliz? *(Segura-a mais firme, olha-a fixa e penetrantemente por algum tempo, depois, subitamente, a deixa)* Agora já não sei mais nada – *(com a mão direita erguida)* já não respondo mais por esta alma diante de ti, Deus de Justiça. Faze o que quiseres, minha filha. Faze por teu esbelto rapaz um sacrifício que causará júbilo aos teus demônios e fará teus anjos recuarem – Vai! Carrega todos os teus pecados, carrega também este, o último, o mais horrível, e, se a carga ainda estiver muito leve, que a minha maldição lhe complete o peso – Aqui está uma faca – atravessa teu coração e *(faz que vai sair correndo em prantos)* o coração de teu pai!

LUISE *(levanta-se de um salto e corre atrás dele)*

Pare! Pare! Oh! meu pai! – Ai, que a ternura nos oprime mais barbaramente que a fúria de um tirano! – Que devo fazer? Eu não posso! Que tenho de fazer?

MILLER

Se os beijos do teu major são mais quentes que as lágrimas de teu pai – morre!

LUISE *(depois de uma luta torturante, com alguma firmeza)*

Pai! Aqui tens minha mão! Eu quero – Deus! Deus! Que faço? Que quero? Pai, eu juro – Ai de mim, ai! Criminosa para onde quer que eu me volte. – Pai, que seja! – Ferdinand – Que Deus nos esteja vendo – Assim eu destruo sua última lembrança. *(Rasga a carta)*

MILLER *(abraça-a, embriagado de alegria)*

Esta é a minha filha! – Ergue os olhos! Perdeste um amante, em compensação fizeste um pai feliz. *(Abraça-a entre risos e*

soluços) Filha! Filha! Eu não fiz por merecer os dias da minha vida! Sabe Deus por que um anjo como tu foi concedido a um homem indigno como eu! Minha Luise, meu céu! – Oh! Deus! Eu pouco compreendo do amor, mas que seja uma tortura renunciar a ele – isso ao menos eu sei.

LUISE

Mas vamos para longe deste lugar, pai. – Para longe desta cidade, onde minhas amigas ririam de mim e onde meu bom nome está perdido para sempre – Longe, longe, longe, longe do lugar onde tantas marcas da felicidade perdida me interpelam. Para longe, se for possível –

MILLER

Para onde quiseres, minha filha. O pão de Deus nosso senhor se produz em qualquer lugar, e ele também dará ouvintes para o meu *cello*. Sim, deixa tudo para trás. – Eu comporei para o alaúde a história da tua dor e cantarei uma canção sobre a filha que partiu seu próprio coração em honra do pai – iremos de porta em porta mendigar com a balada, e a esmola que nos vier das mãos dos que chorarem ao ouvi-la terá um sabor delicioso...

CENA II

Ferdinand. Os mesmos da cena anterior.

LUISE *(percebe primeiro a entrada de Ferdinand e corre a abraçar Miller)*

Deus! Aí está ele! Estou perdida!

MILLER

Onde? Quem?

LUISE *(aponta para o major, desviando o rosto dele, e abraça o pai com mais força)*

Ele! Ele mesmo! – Olhe em torno de si, pai! – Ele veio para me matar!

MILLER *(avista-o e recua)*

Quê? O Senhor aqui, Barão?

FERDINAND *(aproxima-se lentamente, detém-se diante de Luise e deixa o olhar fixo, observador, repousar sobre ela; depois de uma pausa, fala)*

Obrigado, consciência surpreendida. Tua confissão é terrível, mas rápida e certa, e me poupa a tortura – Boa noite, Miller.

MILLER

Mas, pelo amor de Deus! O que quer, Barão? O que o traz aqui? Que significa esse ataque de surpresa?

FERDINAND

Eu me lembro de um tempo em que o dia era dividido em segundos, em que a ânsia de me ver se prendia aos pesos do hesitante relógio da sala e espreitava a batida do coração que coincidiria com a minha chegada – Por que agora minha presença surpreende?

MILLER

Vá embora, vá embora, Barão – Se ainda restar uma centelha de humanidade em seu coração – Se o senhor não quer matar quem dizia amar, fuja, não fique aqui nem mais um minuto. A bênção abandonou minha casa no momento em que o *senhor* pôs os pés nela. – O *senhor* trouxe a miséria sob o meu teto, quando até então só havia alegria em casa. O senhor *ainda* não está satisfeito? Ainda quer *remexer* na ferida que o encontro consigo fez na minha única filha?

FERDINAND

Estranho pai – eu venho justamente para dar uma notícia agradável a sua filha.

MILLER

Novas esperanças, talvez, para novos desesperos? – Vai, mensageiro da desgraça. Teu rosto torna tuas mensagens infames.

FERDINAND

Finalmente minhas esperanças parecem se concretizar. Lady Milford, o terrível obstáculo ao nosso amor, fugiu

há pouco do ducado. Meu pai aprova minha escolha. O destino deixa de nos perseguir. Nossas boas estrelas se levantam no céu. – Eu estou aqui para cumprir a palavra dada e para levar minha noiva ao altar.

MILLER

Estás ouvindo, minha filha? Estás ouvindo como ele escarnece de tuas esperanças baldadas? Oh! Barão, de fato! É muito bonito da parte do sedutor divertir-se com o resultado do seu crime.

FERDINAND

Pensas que estou troçando. Por minha honra, não! Minha afirmação é *verdadeira* como o amor de minha Luise, e eu quero mantê-la sagrada, como *ela* ao seu juramento – Não conheço nada de mais sagrado – Ainda duvidas? Nenhum rubor de alegria cobre o rosto de minha bela esposa? Estranho! A mentira deve ser moeda corrente aqui, para que a verdade encontre tão pouco crédito. Desconfiais das minhas palavras? Então crede neste testemunho escrito. *(Atira a Luise a carta ao marechal)*

LUISE *(abre-a e cai, mortalmente pálida)*

MILLER *(sem perceber o que se passa, ao major)*

O que significa isso, Barão? Eu não o compreendo.

FERDINAND *(leva-o para onde está Luise)*

Pois *ela* me compreendeu muito bem.

MILLER *(ajoelhando-se ao lado dela)*

Oh! meu Deus, minha filha!

FERDINAND

Branca como a morte! – Só agora é que tua filha me agrada! Nunca antes ela foi tão bela, a filha piedosa, honesta – Com esse rosto de cadáver... – O hálito do Juízo Final, que retira o verniz de toda mentira, desfez a maquiagem com que a atriz de mil faces enganou até o anjo da luz – É o seu rosto mais belo! É o *seu primeiro rosto verdadeiro*! Deixa-me beijá-lo. *(Inclina-se para beijá-la)*

MILLER

Para trás! Fora! Não agridas o coração de um pai, garoto! Eu não pude protegê-la de tuas carícias, mas posso defendê-la de teus maus-tratos.

FERDINAND

Que queres, velho? Contigo eu não tenho nada a resolver. Não te metas num jogo que já está claramente perdido. – Ou talvez sejas mais inteligente do que eu pensava? Talvez emprestaste a sabedoria dos teus sessenta anos aos amores da tua filha, desonraste estes cabelos veneráveis com o ofício de alcoviteiro? – Oh! se *não* for assim, velho infeliz, então deita-te e morre – ainda é tempo. Ainda podes expirar com esta doce ilusão: eu fui um pai feliz! – um minuto mais e atiras a serpente venenosa de volta à sua pátria infernal, almadiçoas a dádiva e o doador e vais para o túmulo com uma blasfêmia. *(A Luise)* Fala, desventurada! Escreveste esta carta?

MILLER *(adverte Luise)*

Pelo amor de Deus, filha! Não te esqueças! Não te esqueças!

LUISE

Oh! esta carta, meu pai...

FERDINAND

Que caiu nas mãos erradas? Eu dou graças ao acaso, que realizou feitos maiores que a razão mais sutil e, no dia do Juízo Final, fará melhor figura que o entendimento de todos os sábios. – Acaso, eu disse? Oh! se a Providência está presente quando um pardal cai, por que não estaria quando um demônio está para ser desmascarado? – Eu espero uma resposta! – Escreveste esta carta?

MILLER *(de lado, para ela, suplicante)*

Firme! Firme, minha filha! Apenas um breve *sim* e tudo está superado.

FERDINAND

Engraçado! Engraçado! Também o pai enganado! Todos enganados! Vede como ela está, a infame, e até mesmo a

sua língua recusa obediência à sua última mentira! Jura por Deus! Pelo Deus verdadeiro e terrível! Escreveste esta carta?

LUISE *(depois de uma luta torturante, durante a qual falou com seu pai por meio de olhares, firme e decidida)*

Eu a escrevi.

FERDINAND *(detém-se, aterrorizado)*

Luise! Não! Pela vida da minha alma! Mentes! – A própria inocência, na cadeira de tortura, confessa um crime que não cometeu. – Eu perguntei com violência excessiva – não é verdade, Luise – só confessaste por que eu perguntei com muita violência?

LUISE

Eu confessei o que é a verdade.

FERDINAND

Não, eu digo! Não! Não! Não a escreveste. Não é a tua letra – E mesmo que fosse, por que seria mais difícil imitar uma caligrafia que arruinar um coração? Dize-me a verdade, Luise – ou, não, não, não o faças, poderias dizer sim e me destruir – Uma mentira, Luise, Luise – uma mentira – Oh! se soubesses uma agora e a atirasses a mim com um rosto aberto de anjo, convencesses meu ouvido, meu olho, iludisses meu coração com tamanha vileza – Oh, Luise! Então toda a verdade poderia abandonar a Criação com *esse* hálito, e a boa causa curvar seu rígido pescoço numa reverência cortesã. *(Com um tom trêmulo, temeroso)* Escreveste esta carta?

LUISE

Por Deus! Pelo Deus verdadeiro e terrível! Sim!

FERDINAND *(depois de uma pausa, com uma expressão da mais profunda dor)*

Mulher! Mulher! A face que mostras *agora* diante de mim! – Se ofereceres paraísos com essa face, nem no reino dos condenados encontrarás comprador – Sabes o que eras para mim, Luise? Impossível! Não! Não sabias que eras *tudo* para mim! Tudo! É uma palavra pobre,

desprezível, mas a própria eternidade teria dificuldade de circunscrevê-la, sistemas planetários completam nela sua órbita. – Tudo! E brincar com isso tão criminosamente. – Oh! é horrível!

LUISE

O senhor tem a minha confissão, senhor von Walter. Eu mesma me condenei. Agora vá! Deixe uma casa onde o senhor foi tão infeliz.

FERDINAND

Bem! Bem! Eu estou calmo – calmo. Dizem que também é calmo o território por onde raivou a peste. – Eu estou calmo. *(Depois de refletir um pouco)* Só mais um pedido, Luise – o último! Minha cabeça está febril. Eu preciso de um refresco – Não queres preparar-me um copo de limonada? *(Luise sai)*

CENA III

Ferdinand e Miller.

Andam de um lado para o outro, calados, um em cada ponta da sala, durante um longo intervalo de tempo.

MILLER *(por fim se detém e fala, observando o major com uma expressão de tristeza)*

Caro Barão, pode aliviar seu desgosto se eu disser que o lamento profundamente?

FERDINAND

Está bem, Miller, pode deixar. *(Dá mais alguns passos)* Miller, eu nem sei mais como vim parar na sua casa – Qual foi o motivo?

MILLER

Como, senhor major? O senhor queria ter aulas de flauta comigo. Não se lembra mais?

FERDINAND *(rápido)*

Eu vi sua filha. *(Nova pausa)* O senhor não manteve a palavra, meu amigo. Nós combinamos que eu teria *paz* para as minhas horas de solidão. O senhor me enganou e vendeu-me escorpiões. *(Notando a comoção de Miller)* Não! Não te assustes, meu velho. *(Abraça-o emocionado)* Tu não tens culpa.

MILLER *(enxugando os olhos)*

Deus Onisciente o sabe!

FERDINAND *(volta a andar, embebido em pensamentos sombrios)*

É estranho, oh! incompreensível, como Deus brinca conosco. Muitas vezes uns fios finos, quase invisíveis, sustêm um peso terrível... – Se o homem soubesse que com *essa* maçã comeria a morte – Hum! Ele o saberia? *(Andando rapidamente, depois tomando a mão de Miller, com forte comoção)* Homem! Eu pagarei caro demais as poucas aulas de flauta... – e nem ao menos ganharás... – também tu perderás – perderás tudo, talvez. *(Afastando-se, oprimido)* Desventuradas aulas de flauta, que nunca me deveriam ter passado pela cabeça.

MILLER *(procurando esconder sua comoção)*

A limonada está demorando demais. Se o senhor não me leva a mal, eu vou ver o que está acontecendo.

FERDINAND

Não há pressa, caro Miller. *(Murmurando para si)* Principalmente para o pai – Fique aqui – o que eu queria mesmo perguntar? – Ah, sim! – Luise é sua única filha? O senhor não tem nenhum outro filho?

MILLER *(caloroso)*

Nenhum outro, Barão – nem o quero. A menina basta para encher meu coração de pai. – Todo o amor que eu tinha eu investi nela.

FERDINAND *(violentamente abalado)*

É melhor ir ver a bebida, Miller. *(Miller sai)*

Cena IV

Ferdinand só

A única filha! Tu o sentes, assassino? A única! Assassino! Ouves? A única – Este homem não tem nada no mundo a não ser seu instrumento e a única... – Queres roubá-lo?

Roubar? – Roubar o último vintém de um mendigo? Atirar as muletas quebradas aos pés do inválido? Como? Eu tenho coração para isso? – E quando ele corre para casa, mal podendo esperar para contar a soma de suas alegrias no rosto da filha, entra, e ela jaz ali, a flor – murcha – morta – pisada – intencionalmente – a última, única, insuperável esperança – Ah! E ele pára diante dela, pára e toda a natureza lhe subtrai o seu sopro de vida, e seu olhar atônito procura em vão por todo o infinito despovoado, procura por Deus e não pode mais encontrá-lo, e retorna ainda mais vazio – Deus! Deus! Mas também *meu* pai tem este único filho – o único filho, mas não a única riqueza. – *(Depois de uma pausa)* Mas como? O que ele perderá? A moça para quem os mais sagrados sentimentos do amor não passavam de um brinquedo poderá fazer o pai feliz? – Não poderá! Não poderá! E eu ainda merecerei sua gratidão por esmagar a víbora antes que ela pique também ao pai.

Cena V

Miller, que retorna, e Ferdinand.

Miller

Logo o senhor estará servido, Barão. A pobre criança está lá, sentada, e morre de chorar. Ela lhe dará, com a limonada, também lágrimas para beber.

Ferdinand

Que bom, se fossem só as lágrimas! – Já que falávamos de música, Miller, *(tirando uma bolsa)* eu ainda estou lhe devendo pelas aulas.

Miller

O quê? Como? Deixe disso, Barão! Por quem o senhor me toma? Está em boas mãos, não queira me ofender. Eu espero que – Deus o queira! Não seja a última vez que nos encontremos.

Ferdinand

Quem pode saber? Tome, vamos, para a vida ou para a morte.

Miller *(rindo)*

Oh! por isso, Barão! Quanto a *isso*, acho que, com o senhor, pode-se correr o risco.

Ferdinand

Corre-se mesmo o risco – nunca ouviu falar de gente que morre jovem? – Moças e rapazes, filhos promissores, castelos de ar dos pais iludidos? – O que os vermes e a idade não fazem, um raio pode providenciar – sua Luise também não é imortal.

Miller

Eu a recebi de Deus.

Ferdinand

Ouça – Eu lhe disse que ela não é imortal. Esta filha é a menina dos seus olhos. O senhor se apegou a ela com o coração e com a alma. Tenha cuidado, Miller. Apenas um jogador desesperado aposta tudo num único lance. Chama-se de temerário um mercador que embarca toda a sua fortuna num único navio – Ouça-me, reflita sobre o que lhe estou dizendo – Mas por que o senhor não recebe o dinheiro?

Miller

Como, senhor? Toda essa bolsa enorme? Em que o senhor está pensando?

Ferdinand

Na minha dívida – Tome! *(Atira a bolsa sobre a mesa; algumas moedas de ouro caem dela)* Eu não posso guardar essa tralha por toda a eternidade.

MILLER *(atônito)*

Como? Por Deus! Esse som não é o de moedas de prata! *(Chega-se à mesa e grita, assustado)* O que é isso Barão, pelo amor de Deus? Barão? Aonde o senhor quer chegar? O que o senhor pretende, Barão? Isso se chama desperdício. *(Juntando as mãos)* Aqui há – ou eu estou enfeitiçado, ou – Deus me condene! O que eu tenho aqui é ouro de Deus, puro, amarelo, genuíno... – Não, demônio! Não me pegarás com isso!

FERDINAND

Que vinho andou bebendo, Miller, velho ou novo?

MILLER *(rude)*

Com mil trovões! Olhe para isso! – Ouro!

FERDINAND

E daí?

MILLER

Com o diabo – quero dizer – pelo amor de Deus Nosso Salvador – ouro!

FERDINAND

Isso é algo realmente notável.

MILLER *(depois de calar-se por algum tempo, aproxima-se dele com emoção)*

Meu senhor, eu sou um homem simples e direto – se o senhor quer me enredar em alguma patifaria – pois tanto dinheiro, Deus o sabe, não se pode ganhar com alguma boa ação.

FERDINAND *(comovido)*

Esteja tranqüilo, Miller. O senhor já fez há muito por merecer este dinheiro, e Deus me livre de querer comprar sua consciência com ele.

MILLER *(como que meio louco, dando saltos)*

É meu, então! Meu! Com o conhecimento e a vontade do bom Deus, é meu! *(Corre para a porta e grita)* Mulher! Filha! Vitória! Venham aqui! *(Retornando)* Mas, pelo céu.

Que fiz para merecer esta terrível riqueza? Eu a mereci? É justo? Hein?

FERDINAND

Não com as aulas de música, Miller. – Com este dinheiro eu lhe pago *(tomado de terror, cala-se por um momento)* eu lhe pago *(depois de uma pausa, com melancolia)* o sonho feliz de três meses com sua filha.

MILLER *(toma-lhe a mão e aperta-a com força)*

Meu senhor! Se o senhor fosse um burguês simples e humilde – *(rápido)* e minha filha não o amasse – Eu mataria a menina. *(Volta para junto do ouro e diz, cabisbaixo)* Mas agora eu tenho tudo e o senhor nada, e eu terei de retribuir toda essa alegria? Hein?

FERDINAND

Não deixe que isso o perturbe, amigo. – Eu vou partir, e no país onde penso me estabelecer essa moeda não tem valor.

MILLER *(enquanto isso, mantém os olhos grudados no ouro, encantado)*

Então é meu? É meu? – Mas que pena que vai partir – Espere só para ver como eu vou me apresentar de agora em diante. Como eu vou encher as bochechas! *(Coloca o chapéu e dispara pelo quarto)* E vou dar minhas aulas de graça no mercado e fumar Três Reis Número Cinco e, se eu me sentar de novo nos lugares mais baratos do teatro, que o diabo me leve! *(Vai sair)*

FERDINAND

Fique! Cale-se e guarde o seu dinheiro! *(Com ênfase)* Cale-se apenas por esta noite e, por favor, não dê mais aulas de música.

MILLER *(mais caloroso e, pegando-o firmemente pelo colete, cheio de íntima alegria)*

E minha filha, senhor! *(Deixando-o)* O dinheiro não faz o homem – o dinheiro não – se eu comi batatas ou galo silvestre; alimentado é alimentado, e este casaco será

bom até que o sol de Deus comece a atravessar-lhe a manga – Para mim isto é um saque – Mas a menina deve se aproveitar da bênção, todos os desejos que eu puder ver nos olhos dela serão satisfeitos...

FERDINAND *(interrompe-o bruscamente)*

Silêncio, oh! silêncio.

MILLER *(cada vez mais entusiasmado)*

E ela deve aprender a falar francês perfeitamente, a dançar o minueto e cantar tão bem que se poderá ler sobre ela nos jornais; e trazer um chapéu na cabeça como as filhas dos conselheiros da corte, e um *cul de Paris*[13], como se diz, e a quatro milhas daqui se ouvirá falar da filha do músico.

FERDINAND *(agarra sua mão, com terrível comoção)*

Oh! basta! Basta! Pelo amor de Deus, cale-se. Pelo menos *hoje*, cale-se, é o único agradecimento que lhe peço!

CENA VI

Luise com a limonada e os mesmos da cena anterior.

LUISE *(com os olhos vermelhos e a mão trêmula, trazendo o copo numa bandeja para o major)*

Desculpe se não estiver forte o suficiente.

FERDINAND *(toma o copo, põe-no sobre a mesa e se volta de repente para Miller)*

Oh! quase ia me esquecendo! – Miller, eu posso lhe pedir algo? O senhor pode me fazer um favor?

MILLER

Até mil! O que o senhor deseja?

FERDINAND

Estão me esperando à mesa. Infelizmente eu estou de muito mau humor. Seria impossível para mim suportar

[13] Anquinhas.

a companhia de outras pessoas nestas condições. O senhor pode ir à casa de meu pai e me desculpar?

LUISE *(assusta-se e interrompe-o de súbito)*

Eu mesma posso ir!

MILLER

Ver o presidente?

FERDINAND

Não precisa ser pessoalmente. O senhor pode transmitir a incumbência a um dos criados – Leve meu relógio como comprovação – Quando o senhor retornar eu ainda estarei aqui. -- Espere pela resposta.

LUISE *(com muito medo)*

Não posso *eu* cuidar disso?

FERDINAND *(a Miller, que está para sair)*

Espere, há mais uma coisa! Aqui está uma carta a meu pai, que eu recebi junto com as minhas esta tarde. – Pode ser algo urgente – Assim o senhor aproveita a viagem.

MILLER

Está bem, Barão.

LUISE *(agarra-se a ele, apavorada)*

Mas, pai, eu poderia cuidar de tudo isso para o senhor.

MILLER

Estás sozinha, minha filha, e a noite está escura. *(Sai)*

FERDINAND

Acompanhe seu pai até a porta com a luz, Luise. *(Enquanto ela acompanha Miller, ele se aproxima da mesa e põe veneno no copo de limonada)* Sim! Ela deve morrer! Deve! Os poderes superiores me acenam com seu terrível *sim*, a vingança do céu o assina, seu anjo bom a abandona...

Cena VII

Ferdinand e Luise.

Ela retorna lentamente com a luz, coloca-a sobre a mesa e vai para o lado da sala oposto ao do major, o rosto voltado para o chão, e só vez por outra lança-lhe um olhar furtivo e temeroso. Ele, do outro lado da sala, olha fixamente diante de si. Longo silêncio, que deve anunciar esta cena.

LUISE

Se o senhor quiser me acompanhar, Senhor Barão von Walter, eu posso tocar algo ao piano. *(Abre o instrumento)*

(Ferdinand não dá resposta. Pausa)

LUISE

O senhor me deve uma revanche no xadrez. Quer jogar uma partida, Senhor von Walter?

(Nova pausa)

LUISE

Senhor von Walter, a carteira que eu prometi bordar para o senhor – Eu já comecei – O Senhor quer ver o desenho?

(Outra vez uma pausa)

LUISE

Oh! como sou miserável!

FERDINAND *(na mesma posição)*

Isso talvez seja verdade.

LUISE

Não é por minha culpa, Senhor von Walter, que o senhor não esteja se divertindo.

FERDINAND *(ri ofensivamente)*

Mas que culpa tens da minha tola modéstia?

LUISE

Eu bem sabia que nós já não estaríamos bem a sós. Eu logo me assustei, eu o confesso, quando o senhor pediu a meu pai que saísse – Senhor von Walter, eu suponho que este momento seja insuportável para nós dois – Se o senhor me permitir, eu irei convidar alguns conhecidos para nos acompanhar.

FERDINAND

Oh! faze isso. Eu também irei chamar alguns dos meus.

LUISE *(olha-o atônita)*

Senhor von Walter!

FERDINAND *(com muita malícia)*

Por minha honra! A idéia mais feliz que se poderia ter nessa situação. Fazemos deste aborrecido dueto uma reunião e, com isso, nos desforramos com alguns galanteios de certos desgostos do amor.

LUISE

O senhor está de bom humor, Senhor von Walter?

FERDINAND

Oh! extraordinariamente, o bastante para fazer que todos os meninos da Praça do Mercado corressem atrás de mim. Não, Luise, falando a verdade. Teu exemplo me fez mudar. – Deves ser minha mestra. Os que tagarelam sobre amor eterno não passam de tolos. A mesmice causa aversão, a mudança é o sal do prazer – Feito, Luise! Eu aceito – Saltaremos de um romance para o outro, nos atiraremos de um pântano para o outro – Tu para lá – eu para cá – Quem sabe eu não reencontro minha paz perdida em algum bordel? – Quem sabe se nós, depois desta divertida competição, dois esqueletos apodrecidos, não nos reencontramos com a maior surpresa do mundo, nos reconhecemos, como numa comédia, pela mesma doença que não poupa quem leva esse tipo de vida, quem sabe se o asco e a vergonha não produzem uma harmonia que foi impossível ao mais terno amor.

LUISE

Oh! rapaz! Rapaz! Infeliz tu já és, queres também merecê-lo?

FERDINAND *(amargurado, murmurando entre os dentes)*

Eu sou infeliz? Quem disse isso? Mulher, és má demais para ter sentimentos – como podes avaliar os sentimentos de um outro? – Infeliz, disse ela? – Ah! Esta palavra seria capaz de trazer minha ira de volta da tumba! – Ela sabia que eu seria infeliz. Morte e maldição! Ela o sabia, e mesmo assim me traiu. – Vê, serpente! Era o único ponto onde poderia haver perdão – O que disseste te quebra o pescoço. – Até agora tua simplicidade me parecia um atenuante para o teu crime, por meu *desprezo* quase que escapas a minha *vingança. (Pega rapidamente o copo)* Pois bem, leviana não eras – tola não eras – eras apenas um demônio. (*Bebe*) A limonada está insípida como tua alma – Prova!

LUISE

Oh! céus, não era sem motivo que eu temia esta discussão.

FERDINAND *(imperioso)*

Prova!

LUISE *(pega o copo a contragosto e bebe)*

FERDINAND *(com uma palidez repentina, volta o rosto no momento em que ela leva o copo aos lábios, e corre para o canto mais recuado da sala)*

FERDINAND *(sem se voltar, acometido pelo terror)*

Que tenha um sabor agradável!

LUISE *(depois de colocar o copo sobre a mesa)*

Oh! Walter, se o senhor soubesse a ofensa monstruosa que faz à minha alma!

FERDINAND

Hum!

LUISE

Virá um tempo, Walter...

FERDINAND *(vindo outra vez para a frente)*

Oh! com o *tempo* nós já acabamos.

LUISE

Em que o dia de hoje lhe pesará no coração...

FERDINAND *(começa a andar mais rápido e a se inquietar, enquanto isso, retira a faixa de oficial e a espada)*

Adeus, oficialato!

LUISE

Meu Deus! O que o senhor tem?

FERDINAND

Sinto-me quente e oprimido – quero ficar mais à vontade.

LUISE

Beba! Beba! A limonada vai refrescá-lo.

FERDINAND

Isso com certeza – A rameira tem bom coração. Todas têm, afinal!

LUISE *(atirando-se em seus braços com a mais completa expressão de amor)*

Dizes isso a tua Luise, Ferdinand?

FERDINAND *(afasta-a de si)*

Deixa-me, deixa-me! Afasta de mim esses olhos suaves e ternos. Eu sucumbo. Vem com a tua terrível monstruosidade, serpente, salta sobre mim, dragão – contorce teus horríveis anéis, ergue tua espiral para o céu – tão repulsiva quanto o abismo nunca te viu – Mas não mais como um anjo – Não como um anjo, agora – é tarde demais – Eu tenho de esmagá-la como uma víbora ou desesperar – Tem piedade!

LUISE

Ai, que tivéssemos de chegar a este ponto!

FERDINAND *(observando-a de lado)*

Esta bela obra do artista divino – Quem poderia acreditar? – Quem deveria acreditar? *(Tomando a mão*

dela e erguendo-a) Não quero interpelar-te, Deus Criador – mas por que colocar teu veneno em frascos tão belos? – Pode o vício medrar neste suave trecho de céu? Oh! é estranho.

LUISE

Ouvir isso e ter de calar!

FERDINAND

E a voz doce, melodiosa – Como pode um som tão belo provir de cordas rotas? *(Contemplando-lhe a figura com olhos embriagados)* Tudo tão belo – tão harmonioso – tão divinamente perfeito! – Em cada detalhe a obra de um momento supremo. Por Deus! Como se o mundo todo só houvesse surgido para inspirar ao criador esta obra-prima! – E só na alma teria Deus errado? Será possível que um aborto tão revoltante viesse à natureza sem defeitos? *(Deixa-a de súbito)* Ou ele viu surgir um anjo sob o cinzel e apressou-se a compensar o seu erro com um coração tão mau?

LUISE

Oh! a obstinação criminosa! Antes de confessar sua precipitação, ele prefere acusar o céu.

FERDINAND *(atira-se em prantos ao pescoço dela)*

Ainda uma vez, Luise – Ainda uma vez, como no dia do nosso primeiro beijo, quando balbuciaste "Ferdinand" e o primeiro *tu* aflorou em teus lábios ardentes – Oh! uma semeadura de alegrias infinitas, indizíveis, parecia brotar naquele mesmo momento – a eternidade se estendia como um belo dia de maio diante dos nossos olhos; milênios dourados dançavam como noivas diante das nossas almas – Oh! então eu fui feliz! Oh! Luise! Luise! Luise! Por que me fizeste isso?

LUISE

Chore, Walter, chore! Sua tristeza me faz mais justiça que seu ressentimento.

FERDINAND

Enganas-te a ti mesma. Estas lágrimas não são de tristeza – Não aquele orvalho quente, voluptuoso, que corre como

um bálsamo nas feridas da alma e recoloca em movimento a roda emperrada do sentimento. São apenas gotas solitárias – frias – o pavoroso adeus para sempre do meu amor. *(Com terrível solenidade, pousando a mão sobre a cabeça dela)* Lágrimas pela tua alma, Luise – lágrimas pela divindade, que malbaratou aqui sua infinita bondade, que perde aqui cruelmente sua obra mais gloriosa. Oh! a mim parece que toda a criação deveria colocar o véu e se consternar com o exemplo que ocorre no seu meio – É uma maldade que os homens caiam e paraísos sejam perdidos; mas quando a peste se desencadeia entre os anjos, proclama-se o luto por toda a natureza.

LUISE

Não me leve a extremos, Walter. Eu tenho tanta força na alma quanto qualquer outra – mas ela só suporta a prova dentro dos limites humanos. Walter, uma palavra ainda, e então nos separaremos... – Um destino horrível confundiu a linguagem dos nossos corações. Se me fosse permitido abrir a boca, Walter, eu poderia dizer-lhe coisas – eu poderia – mas a dura fatalidade atou minha língua e meu amor, e eu devo suportar que me maltrates como a uma rameira ordinária.

FERDINAND

Tu te sentes bem, Luise?

LUISE

Por que a pergunta?

FERDINAND

Porque, de outra maneira, eu terei de lamentar-te, ao ver-te partir com essa mentira.

LUISE

Eu lhe suplico, Walter...

FERDINAND *(com violenta comoção)*

Não! Não! Essa vingança seria por demais diabólica! Não, Deus me livre! Ao *outro* mundo eu não quero estendê-la – Luise! Amaste o marechal? Não sairás mais desta sala.

LUISE

Pergunte o que quiser. Eu não respondo mais nada. *(Senta-se)*

FERDINAND *(mais sério)*

Cuida da tua alma imortal, Luise! – Amaste o marechal? Não sairás mais desta sala.

LUISE

Eu não respondo mais nada.

FERDINAND *(ajoelha-se em terrível comoção diante dela)*

Luise! Amaste o marechal? Antes que esta luz se apague – estarás – diante de Deus!

LUISE *(levanta-se aterrorizada)*

Jesus! Que é isso?... – e eu me sinto tão mal. *(Volta a sentar-se)*

FERDINAND

Já? – O eterno engano das mulheres! O nervo delicado suporta crimes que roem a humanidade nas raízes; um mísero grão de arsênico as derruba...–

LUISE

Veneno! Veneno! Oh! meu Deus!

FERDINAND

Assim o temo. Tua limonada foi temperada no inferno. Foi a morte que bebeste com ela.

LUISE

Morrer! Morrer! Deus misericordioso! Veneno na limonada, e morrer! – Oh! tem misericórdia da minha alma, Deus de Misericórdia!

FERDINAND

Isto é o principal. Eu também peço a ele por isso.

LUISE

E minha mãe – meu pai – Salvador do Mundo! Meu pobre pai perdido! Não há mais salvação? Minha vida tão jovem, e nenhuma salvação! E eu tenho de partir já?

FERDINAND

Nenhuma salvação, tens de partir já – mas esteja tranqüila. Faremos a viagem juntos.

LUISE

Ferdinand, tu também? Veneno, Ferdinand! De ti? Oh! Deus, perdoa-o – Deus do perdão, tira dele o pecado

FERDINAND

Preocupa-te com as *tuas* contas – eu temo que elas estejam mal.

LUISE

Ferdinand! Ferdinand! – Agora eu não posso mais calar – a morte – a morte revoga todos os juramentos – Ferdinand – O céu e a terra não têm nada mais desgraçado que tu – Eu morro inocente, Ferdinand.

FERDINAND *(aterrorizado)*

O que ela diz? – normalmente ninguém leva uma mentira *nesta* viagem!

LUISE

Eu não minto – não minto – em toda a minha vida eu só menti *uma* vez – Uh! Como isso corre gelado nas minhas veias... – quando eu escrevi a carta ao marechal...

FERDINAND

Ah! Esta carta! – Graças a Deus, agora eu recuperei toda a minha hombridade.

LUISE *(sua língua se torna mais pesada, seus dedos começam a contrair-se convulsivamente)*

Esta carta – Prepara-te para ouvir uma palavra horrível – minha mão escreveu o que meu coração maldizia – teu pai a ditou.

FERDINAND *(paralisado como uma estátua, pregado ao chão durante uma longa pausa silenciosa, finalmente cai como que atingido por um raio)*

LUISE

Oh! o lamentável mal-entendido – Ferdinand – obrigaram-me – perdoa – tua Luise teria preferido a morte – mas meu pai – o perigo – eles foram astuciosos...

FERDINAND *(lançado violentamente para cima)*

Deus seja louvado! Eu ainda não sinto o veneno. *(Pega a espada)*

LUISE *(cada vez mais fraca)*

Ai! que queres fazer? É teu pai ...

FERDINAND *(com expressão de fúria incontrolável)*

Assassino e pai do assassino! – Ele tem de ir *junto*, para que o Juiz do Mundo lance sua fúria apenas sobre o culpado. *(Vai sair)*

LUISE

Ao morrer, meu Salvador perdoou. – Eu perdôo a ti e a ele. *(Morre)*

FERDINAND *(volta-se bruscamente, percebe o último movimento dela e cai desfeito em dor diante do cadáver)*

Espera! Espera! Não me fujas, anjo do céu! *(Pega a mão dela e deixa- a cair novamente)* Fria, fria e úmida! Sua alma se foi. *(Levanta-se outra vez de um salto)* Deus de minha Luise! Perdão, perdão para o mais infame dos assassinos! – Foi a sua última prece! – Como é bela e encantadora, mesmo cadáver! O ceifeiro, comovido, passou com cuidado por essa face amiga – Esta suavidade não era uma máscara – ela resistiu à morte. *(Depois de uma pausa)* Mas como? Por que não sinto nada? Será que o vigor da minha juventude me salvará? Esforço inútil! Não é assim que eu penso. *(Toma o copo)*

ÚLTIMA CENA

Ferdinand. O presidente, Wurm e criados, que entram de súbito na sala, cheios de pavor; depois, Miller com gente do povo e oficiais de justiça, que se reúnem ao fundo.

PRESIDENTE *(com a carta na mão)*

Filho, que é isso? – Eu não quero acreditar –

FERDINAND *(atira-lhe o copo aos pés)*

Então *vê*, assassino!

PRESIDENTE *(recua, cambaleando. Todos ficam paralisados. Uma pausa terrível)*

Meu filho! Por que me fizeste isso?

FERDINAND *(sem olhá-lo)*

Oh! sim, de fato! Eu deveria primeiro ouvir o homem de Estado para saber se o lance era favorável a suas cartas? – Belo, admirável, eu admito, foi o ardil de romper os laços de nossos corações pelo ciúme – O cálculo foi de mestre, pena que o *amor* irado não tenha sido tão dócil aos teus fios como teus fantoches de madeira.

PRESIDENTE *(procura com os olhos revirados por todo o círculo em torno de si)*

Não há ninguém aqui para chorar por um pai desolado?

MILLER *(gritando de trás da cena)*

Deixai-me entrar! Deixai-me, pelo amor de Deus!

FERDINAND

A moça é uma santa – para *ela* um outro deve fazer justiça. *(Abre a porta para Miller, que entra com gente do povo e oficiais de justiça)*

MILLER *(com a mais terrível angústia)*

Minha filha! Minha filha! – Veneno – veneno! Dizem que aqui se tomou veneno! – Minha filha! Onde estás?

FERDINAND *(leva o velho entre o presidente e o cadáver de Luise)*

Eu sou inocente. – Agradece a *este* aqui.

MILLER *(cai ao lado da filha)*

Oh! Jesus!

FERDINAND

Em poucas palavras, meu pai – elas começam a se tornar preciosas para mim – minha vida me foi roubada por uma vilania, roubada pelo *senhor*. Como estarei diante de Deus, é uma pergunta que me faz tremer – mas um malvado eu jamais fui. Seja qual for meu destino para a eternidade – ele não está em *tuas* mãos – mas eu cometi um assassínio *(com voz alta, terrível)* um assassínio que *tu* não me obrigarás a carregar *sozinho* diante do Juiz do Mundo; eu aqui atiro solenemente sobre ti a parte maior, mais cruel dele; como te arranjarás com isso, é problema teu! *(Leva-o até onde jaz Luise)* Aqui, bárbaro! Regala-te com o horrível fruto da tua inteligência; sobre este rosto teu nome está escrito em letras retorcidas, e o anjo da morte o lerá. – Que uma figura como essa abra a cortina de teu leito quando dormires e te estenda sua mão gelada – Que uma figura como essa se ponha diante da tua alma quando morreres, e faça calar tua última prece. – Que uma figura como essa se ponha sobre teu túmulo, quando ressuscitares – e ao lado de Deus, quando ele te julgar. *(Desmaia, criados o seguram)*

PRESIDENTE *(faz um terrível gesto com os braços em direção ao céu)*

De mim não, de mim não, Juiz do Mundo, reclama *deste* estas almas! *(Vai para o lado de Wurm)*

WURM *(com um sobressalto)*

De mim?

PRESIDENTE

De ti, maldito! De ti, demônio! – Tu, tu deste o conselho da serpente – Sobre *ti* a responsabilidade! – Eu lavo as mãos.

WURM

Sobre mim? *(Começa a rir com crueldade)* Engraçado! Engraçado! Agora eu sei como os diabos agradecem – Sobre mim, tolo malvado? Ele era meu *filho*? Fui *eu* quem deu a ordem? – Sobre mim a responsabilidade? Ah! Neste momento em que a medula me gela nos ossos? Sobre mim ela deve cair! – Agora *eu* quero estar *perdido*, mas *tu* estarás também – Vamos! Vamos! Gritai "assassinato" por todas as ruas! Acordai a Justiça! Oficiais de justiça, atai-me! Levai-me daqui! Eu quero revelar segredos que farão a pele dos que ouvirem se arrepiar. *(Vai sair)*

PRESIDENTE *(retém-no)*

Louco! Não vais...?

WURM *(batendo-lhe no ombro)*

Eu vou, camarada! Eu vou – eu estou louco de raiva, é verdade – é obra tua – portanto, quero também agir como um louco – De braços *contigo* para o cadafalso! De braços *contigo* para o inferno! Será divertido, patife, ser condenado *contigo*. *(Levam-no)*

MILLER *(que esteve o tempo todo com a cabeça afundada no colo de Luise, em mudo sofrimento, levanta-se de repente e atira a bolsa aos pés do major)*

Envenenador! Guarda teu maldito ouro! – Querias comprar-me a filha com ele? *(Abala-se para fora da sala)*

FERDINAND *(com voz velada)*

Segui-o! Ele desespera – Guardai o dinheiro para ele – É meu terrível reconhecimento. Luise – Luise... – eu já vou – Adeus – Deixai-me expirar neste altar...

PRESIDENTE *(saindo de um torpor profundo, a seu filho)*

Ferdinand, meu filho! Nem um último olhar para um pai destruído? *(O major é colocado ao lado de Luise)*

FERDINAND

Este último pertence ao Deus de Misericórdia.

PRESIDENTE *(cai de joelhos ao lado dele, no mais terrível tormento)*

Criatura e Criador me abandonam – Nem um olhar mais, como meu último consolo?

FERDINAND *(estende-lhe a mão agonizante)*

PRESIDENTE *(levanta-se rápido)*

Ele me perdoou! *(Para os outros)* E agora, vosso prisioneiro!

(Ele sai, os oficiais de justiça o seguem, o pano cai)

POSFÁCIO

Intriga e amor (*Kabale und Liebe*, 1784) foi a terceira peça escrita por Schiller, e sua última do período *Sturm und Drang*. *Dom Carlos*, de 1787, já é uma peça em versos de um autor a caminho do Classicismo de Weimar.

A estréia como dramaturgo, com *Os bandoleiros* (*Die Räuber*, 1781) tinha feito de Schiller uma celebridade do dia para a noite. Mas nenhuma das outras duas peças do período *Sturm und Drang* – *A conspiração de Fiesco em Gênova* (*Die Verschwörung des Fiesco zu Genua*, 1783) e *Intriga e amor* – repetiria o sucesso. Esta última só começou a gozar de prestígio já pela segunda metade do século XIX. A recepção à obra nunca deixou de ser controversa. Se, por um lado, ela foi louvada por críticos marxistas como uma das peças mais revolucionárias da literatura alemã, pelo seu conteúdo anti-absolutista, por outro os nazistas procuraram instrumentalizá-la, apresentando sua heroína como símbolo da alma oprimida do povo, e a morte do par Luise e Ferdinand como um sacrifício do indivíduo em prol da comunidade. Ainda hoje, *Intriga e amor* permanece no repertório teatral alemão, muitas vezes em encenações que viram o texto pelo avesso.

O teatro do *Sturm und Drang* se opõe, em parte, ao do Iluminismo, por privilegiar a originalidade do gênio, a força criadora do indivíduo em detrimento do respeito às regras rígidas de composição. Mas também dá continuidade à renovação do teatro levada a cabo pelos autores da geração anterior.

Um primeiro passo para essa renovação tinha sido dado por Johann Christoph Gottsched que, em sua obra *Ensaio de arte poética crítica para os alemães* (*Versuch einer Critischen Dichtkunst vor die Deutschen*), publicada em 1730, procurava lançar as bases de um teatro alemão dentro do ideário do Iluminismo. O teatro proposto por Gottsched mantinha-se fiel a alguns preceitos clássicos: poesia como imitação da natureza,

a regra das três unidades e a exigência de que os heróis da tragédia fossem de condição social superior.

Esses princípios e a influência de Gottsched foram combatidos, por vezes com virulência, por Gotthold Ephraim Lessing, em sua *Correspondência com Mendelssohn e Nicolai sobre a tragédia (Briefwechsel mit Mendelssohn und Nicolai über das Trauerspiel,* 1756-57) e, mais tarde, na *Dramaturgia de Hamburgo (Hamburgische Dramaturgie,* 1767-69). Ao lado de sua atividade teórica, Lessing ainda deu os exemplos de sua concepção de teatro em peças como *Miss Sara Sampson, Minna von Barnhelm, Emilia Gallotti.*

Tomando por base modelos franceses e ingleses, Lessing rejeitava tanto a regra das três unidades quanto a exigência da condição social superior do herói trágico. Decisiva, nesse contexto, foi a descoberta de Shakespeare e do teatro de Diderot, cujo *Pai de família* Lessing traduzira. Estava aberto o caminho para que as personagens burguesas, que o teatro clássico só admitia na comédia, ganhassem dignidade trágica. Lessing desenvolve, a esse respeito, a idéia de que, a fim de levar o espectador à catarse, a personagem da tragédia deveria apresentar um "caráter misto", isto é, não ser nem completamente boa, nem completamente má. Isso permitiria uma identificação do espectador com o herói, levando-o a sentir compaixão pela infelicidade deste, e o temor de que uma tal infelicidade pudesse atingir a ele próprio. A prática teatral de Lessing, orientada por essa interpretação dos conceitos da poética aristotélica, conferia à personagem uma caracterização realista, que a distanciava dos heróis típicos do teatro clássico.

Embora a sua concepção de gênio poético se opusesse às tendências normativas e racionalizantes das teorias do Iluminismo, os dramaturgos do *Sturm und Drang* deram continuidade ao veio aberto por Lessing, e produziram uma série de dramas familiares dentro de sua concepção da tragédia burguesa. *Miss Sara Sampson* e, especialmente, *Emilia Gallotti* (a peça que o Werther de Goethe estava lendo antes de cometer suicídio) serão influências decisivas.

Também *Intriga e amor* segue de perto esse modelo. Muito do seu enredo retoma temas já presentes em peças de seus contemporâneos, e que faziam parte do gosto do momento. Uma diferença importante é que, ao contrário da maioria deles, Schiller não localiza a ação a distância, seja ela

geográfica ou temporal. As situações e os ambientes de sua peça puderam ser facilmente identificados com situações e ambientes que seu autor pudera observar de muito perto na corte do duque Karl Eugen, de Württemberg. A maneira pela qual o presidente von Walter chegou ao poder faz alusão direta à intriga utilizada pelo primeiro-ministro de Karl Eugen, Samuel Friedrich, Conde de Montmartin que, por meio de cartas falsificadas, levara seu antecessor à prisão e tomara seu lugar. Também a venda de soldados para financiar o luxo da corte era prática corrente na época, não só no Württemberg, e Karl Eugen efetivamente se livrara de sua primeira favorita fazendo-a casar-se com um oficial. A sucessora, Franziska von Hohenheim, emprestou alguns de seus traços à Lady Milford da peça de Schiller.

Inspirando-se em fatos observados na realidade de sua época, e de temas já encontráveis em outras obras do período, Schiller constrói um enredo bastante complicado, em que a intriga política numa corte absolutista e a tragédia de um amor tornado impossível pelas diferenças sociais entre os amantes se combinam numa peça em que tudo acontece muito rapidamente. Além disso, a composição da peça mistura, seguindo o exemplo de Shakespeare, o trágico e o cômico.

Um elemento essencial no desenvolvimento do drama dos dois amantes, Luise e Ferdinand, é a contradição entre os valores da nobreza e da burguesia. O esvaziamento dos valores do regime é representado pelo Marechal von Kalb, uma das figuras cômicas da peça. Todo o brilho e refinamento da corte sobrevivem nele apenas na superfície, o que faz do Marechal uma mera caricatura do cortesão, completamente desprovido de substância interior. À intriga, imprescindível para a sobrevivência de personagens como Kalb e, principalmente, como o caviloso Presidente von Walter, à corrupção moral da nobreza, opõem-se a retidão e os princípios rígidos da moral burguesa. Esses princípios são tão firmes que podem ser instrumentalizados pelos intrigantes Wurm e Walter contra as pretensões da família do músico Miller. Só a certeza de que Luise, ao contrário deles próprios, jamais quebraria um juramento, pode garantir que ela não revelará a Ferdinand a intriga que levaria à perda de ambos.

Mas o retrato da família burguesa em *Intriga e amor* está longe de ser idealizado. Outra das personagens cômicas da peça, a Sra. Miller, com sua ambição tola e sua burrice

irremediável, está encantada com a possibilidade de sua filha vir a se casar com um jovem pertencente à nobreza. Também o músico Miller, apesar de seu amor pela filha, não é um modelo de virtudes. Trata a mulher com grosseria e revela, no quinto ato, uma fascinação constrangedora pela alta soma em dinheiro com que Ferdinand pretende pagar suas aulas de música. Contribui ainda para matizar-lhe a figura de pai amoroso o desagradável vocabulário mercantil com o qual ele contabiliza o seu amor pela filha.

O título originalmente dado por Schiller à obra era *Luise Millerin*, o nome da heroína (com o nome de família acrescido da desinência feminina *in*, que optamos por suprimir na tradução). O título que acabou prevalecendo, *Intriga e amor*, foi sugerido pelo ator August Wilhelm Iffland, de Mannheim, e se refere ao choque entre dois contrários como tema central da peça – as intrigas da corte e o amor desinteressado entre o moço nobre e a menina burguesa. Mas o enredo é bastante complicado, e vai além da esperada catástrofe ocasionada pela impossibilidade de conciliar os interesses contrários em jogo. Surpreendentemente, no quarto ato da peça, temos a redenção da amante do príncipe, Lady Milford. Trata-se da personagem mais idealizada da peça, e seu desenvolvimento chega a forçar os limites da verossimilhança. Sua entrada em cena já quebra as expectativas que tudo que fora dito a seu respeito até então provoca no leitor. Em vez da cortesã intrigante, vemos entrar em cena uma mulher sedenta de amor e desejosa de livrar-se de sua condição de amante do príncipe. Como personagem, ela modifica radicalmente o papel que se esperaria dela. Schiller procurou compensar a extrema idealização da personagem, dando-lhe alguns atributos negativos, como a ambição e o gosto pelo poder. Mas basta compará-la com a Orsina de *Emilia Gallotti*, que numa aparição rápida e fulminante coloca nas mãos do pai de Emilia, Odoardo, o punhal e, em seus ouvidos, as palavras que desencadeiam a catástrofe, para sentir a diferença. Na sétima cena do quarto ato ela tenta usar seu poder e sua riqueza para intimidar Luise, mas uma palavra desta a desarma e, na oitava cena, ela renuncia a tudo e decide abandonar a corte como a única personagem redimida da peça. Podemos duvidar da viabilidade de sua decisão de trabalhar para seu sustento diário, como ela afirma. Ela nos abandona rumo a um destino incerto. Mas, para manter o lado político do enredo, Schiller

não pode prescindir da drástica transformação de Lady Milford. O problema da peça está no caráter da personagem que liga todos esse elementos heterogêneos, o major Ferdinand von Walter.

É ele que desencadeia todo o drama da peça. Sendo membro da nobreza e, além disso, filho do primeiro-ministro do ducado, ele se enamora da filha de seu professor de música, sem imaginar nem por um momento que, mais cedo ou mais tarde, seria inevitavelmente envolvido por seu pai nas suas intrigas, e que um casamento com uma moça burguesa, para além das diferenças de condição, estaria inviabilizado pelos cálculos políticos. Se o burguês Werther do romance de Goethe se sente tolhido em sua ambição pelos limites de sua condição, seu irmão nobre Ferdinand sente o mesmo em relação a sua condição aristocrática. Assim, Ferdinand se rebela contra o pai, quer viver sua própria vida e não se manchar com os crimes que formam a base da posição de sua família na corte.

Numa carta datada de 23 de dezembro de 1782 ao bibliotecário Wilhelm Friedrich Hermann Reinwald, seu futuro cunhado, Schiller pede que este lhe envie um exemplar de *Romeu e Julieta*, pois pretendia buscar na obra de Shakespeare algumas idéias para a sua própria peça. As semelhanças são claras. Numa, o amor entre as duas personagens centrais é levado a um final catastrófico pela inimizade entre as famílias. Na outra, pelas barreiras decorrentes da condição social de cada um dos amantes. Mas as diferenças entre as duas obras são muito maiores que as semelhanças.

Elas começam no recalque do erotismo na relação entre Luise e Ferdinand. Mas muito mais importante que isso é o papel desigual que cada um desempenha nessa relação, ao contrário do que acontece na peça de Shakespeare. Os horizontes de Luise são necessariamente limitados pelo ambiente medíocre em que ela foi educada. Ferdinand não encontra nela já realizado um ideal de mulher que corresponda aos seus devaneios. Ele trata de educá-la para esse papel. Isso fica claro em mais de um momento da peça. Já no primeiro ato, quando ficamos sabendo que as palavras amorosas com que Luise se refere a ele provêm menos de sua própria cabeça que dos romances que o namorado lhe empresta para ler. Também as respostas que ela dá às provocações de Lady Milford são imediatamente identificadas

por esta como decorrentes da influência do homem que ambas disputam. Sem muito respeito pela cronologia, pode-se dizer que Luise foi bovarizada por Ferdinand. Mas nisso seu sucesso é apenas parcial. A condição de Luise a obriga a uma visão menos idealizada da realidade. Quando ela resiste à proposta de fuga de Ferdinand, seus argumentos combinam uma visão bastante objetiva e prática da vida a um conceito de amor filial e deveres familiares incompreensíveis para ele. Além disso, ela compara as suas próprias pretensões ao roubo de uma igreja, deixando claro que, apesar de tudo, reconhece como justificadas as barreiras que os separam. A reação dele é desconfiar da sinceridade dela, ainda antes de ambos serem enredados na intriga armada pelo presidente e pelo secretário Wurm.

Schiller precisava incluir essa cena, pois a trama proposta por Wurm é incrivelmente inepta. Wurm está longe de ser um Iago, que sabe exatamente onde ferir sua vítima. Ferdinand conhece os segredos do pai. Sabe que este ascendeu por meios ilícitos. Sabe que ele e seu secretário são dados a falsificar documentos. Nada mais natural que desconfiasse de imediato que a carta de Luise ao Marechal von Kalb fosse uma intriga armada pelo presidente para obrigá-lo a se afastar dela e se casar com Lady Milford. Wurm acredita que o ciúme de Ferdinand bastaria para fazê-lo cair na trama. Mas atingiu seus objetivos atirando no alvo errado. Não é o ciúme de Ferdinand que o leva à perdição. É seu egoísmo, sua incapacidade de compreender o que quer que se distancie das suas próprias concepções de mundo. Uma vez que Luise respondeu com sobriedade à sua proposta de fuga, ele está pronto a acreditar na falta de sinceridade dela, a tal ponto que não reconhece a intriga nem mesmo quando o marechal a revela, tentando escapar ao duelo para o qual Ferdinand o desafiara.

Ao acusar Luise de falsidade, quando ela se recusa a fugir com ele, é esse seu egoísmo que vem à tona. Ele não pode compreender, muito menos suportar que ela oponha a razão aos seus devaneios irrealizáveis. A bovarização de Luise não foi completa. O que faz com que a trama de Wurm funcione é que Ferdinand não pode conviver com o fato de Luise não ser a mulher que ele imaginou, nem se amoldar docilmente ao papel que ele quer por força lhe impingir. Sem esse traço de caráter, que Ferdinand revela na cena da

proposta de fuga, ou a trama de Wurm não teria funcionado, ou a peça se perderia numa inverossimilhança irremediável. Mas, com esse traço, a intriga funciona perfeitamente, e Ferdinand abandona até sua revolta contra o pai. Chega a ser abjeta a maneira como ele pede perdão ao presidente, pelo qual ele afirmara sentir repulsa, simplesmente porque foi ferido nos seu sonhos de amor irrealizáveis. E chega a ser monstruosa a forma pela qual ele destrói a vida de sua amada simplesmente porque ela não corresponde ao que ele imaginara.

E Ferdinand a destrói sem estar completamente convencido da culpa de Luise. Ainda depois de envenená-la ele torna a perguntar se ela amara o marechal, dando a entender que ainda tinha dúvidas a respeito. Ferdinand não é um herói trágico. É um herói em busca de uma tragédia. Talvez só nisso Luise seja a companheira ideal para ele. Talvez aí é que a "educação" que ela recebera dele tenha sido eficaz. Como o Werther de Goethe, que já nos primeiros dias idílicos em Wahlheim, ainda antes de conhecer Lotte, pensa na morte e no suicídio, Ferdinand e Luise estão convencidos do inevitável desfecho trágico do seu amor. As falas de ambos estão cheias de premonição da morte, estão cheias da convicção de que seu amor só é realizável na morte. No primeiro ato, Luise diz ao pai que renuncia a Ferdinand nesta vida, esperando possuí-lo na outra. No terceiro ato, ao propor a fuga, Ferdinand faz uma descrição do mundo no qual ambos viverão que, embora contenha todos os clichês possíveis de um idílio amoroso, esconde por trás deles a visão de um mundo ideal que, pelo menos desde o "país dos vivos" descrito por Tristão a Isolda, onde ambos viveriam seu amor em plenitude, é a descrição do mundo depois da morte. De certa forma, ao se recusar a fugir com ele, ao argumentar com os deveres filiais, com razões de ordem prática, Luise está lhe dizendo que, neste mundo, a realização dos seus sonhos é impossível. E, assim como Ferdinand quer envenená-la sem ter acreditado plenamente na intriga de Wurm e do presidente, Luise o acompanha – e só aqui ela poderia fazê-lo – voluntariamente. De uma maneira obscura, ao beber a limonada ela sabe que está bebendo a própria morte: "Ele veio para me matar", exclama ela no início da segunda cena do quinto ato, logo após ter sido dissuadida pelo pai de cometer um suicídio para o qual convidara Ferdinand a

acompanhá-la, na carta que o músico a convencera a rasgar. "Oh, céus, não era sem motivo que eu temia esta discussão", exclama ela antes de obedecer à ordem de Ferdinand para que prove a limonada. Assim ela esconde, por trás da fatalidade, seu abandono dos deveres filiais que professara e que, afinal, eram amarras demasiado fracas para conter seu desejo de morte.

Tudo isso só poderia ter como conseqüência a anulação, ou pelo menos uma atenuação considerável do apelo político da peça. Dois amantes que procuram pela morte não são convincentes como vítimas de uma intriga fatal. Para manter seu tom de protesto contra o estado absolutista, Schiller precisou incluir a figura de Lady Milford. Não bastava inspirar-se na Condessa de Hohenheim, a amante de Karl Eugen, cuja influência de fato serviu para amenizar em alguns casos a ação nefasta do poder absoluto do duque, para atingir seus objetivos com a personagem. É preciso idealizá-la como heroína que se eleva acima de toda a corrupção descrita na peça. Sua saída de cena representa o fim de todos os enganos. A aparente, fingida amenização das condições de vida dos súditos do duque se revela uma pura fraude com que o soberano procura manter a afeição da amante. E é necessário que ela seja uma inglesa, para que Schiller oponha o parlamentarismo do "povo mais livre sob o céu" ao absolutismo das cortes alemãs.

As outras figuras são convencionais. O presidente e Wurm são vilões vulgares, incapazes de arrependimento, e que nem ao menos expressam um reconhecimento convincente da extensão de sua maldade. O duque, que nem chega a entrar em cena, é o tirano habitual, sob cujo manto os intrigantes atrozes continuam a se sentir protegidos. Assim, a saída de cena de Lady Milford, recomendando que o duque aprendesse com uma dama inglesa a ter piedade de seu povo alemão não chega a apontar para uma solução do problema. Mas é o que dá à peça o seu sopro de inconformismo.

Editora UFPR

Este livro foi composto em Palatino Linotype, corpo 18/11/10/9,5/8, impresso em off-set, em papel pólen soft 80 g/m², pela Gráfica Mult-Graphic para a Editora UFPR, em março de 2005.

Este volume inaugura a série Outras Letras, que publicará textos estrangeiros de literatura propriamente dita, em qualquer gênero: poesia, ficção ou teatro.

Seu objetivo é colocar à disposição do leitor brasileiro textos que, a despeito de sua relevância, ainda não contam com tradução brasileira.

Esta coleção complementa a iniciativa de repor em circulação a série Letras do Brasil, inativa desde 1997, que se reinaugurará com a edição fac-similar do primeiro romance de Jorge de Lima, *Invenção de Orfeu*, publicado pela primeira e única vez em 1952.

O próximo lançamento da série Outras Letras será *Axël*, de Villiers de L'Isle-Adam, com tradução de Sandra Stroparo e posfácio de Marcos Siscar.

Pedidos pelo reembolso postal
Editora UFPR
Centro Politécnico
Jardim das Américas
Caixa postal 19.029
Tel./Fax: (041) 3361-3381/
361-3382
81531-980 - Curitiba-Paraná
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br